

PUCRS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO EM FILOSOFIA

LUIS ALBERTO MÉNDEZ GUTIERREZ

**O MIGRANTE COMO LUGAR ÉTICO-METAFÍSICO A PARTIR DA OBRA
TOTALIDADE E INFINITO, DE EMMANUEL LEVINAS**

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO EM FILOSOFIA

LUIS ALBERTO MÉNDEZ GUTIERREZ

**O MIGRANTE COMO LUGAR ÉTICO-METAFÍSICO A PARTIR DA OBRA
TOTALIDADE E INFINITO, DE EMMANUEL LEVINAS**

Porto Alegre
2018

LUIS ALBERTO MÉNDEZ GUTIERREZ

**O MIGRANTE COMO LUGAR ÉTICO-METAFÍSICO A PARTIR DA OBRA
TOTALIDADE E INFINITO, DE EMMANUEL LEVINAS**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza.

Porto Alegre
2018

LUIS ALBERTO MÉNDEZ GUTIERREZ

**O MIGRANTE COMO LUGAR ÉTICO-METAFÍSICO A PARTIR DA OBRA
TOTALIDADE E INFINITO, DE EMMANUEL LEVINAS**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Dissertação apresentada e aprovada em: ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINDORA

Professor Dr. Ricardo Timm de Souza

Professor Dr. Gustavo de Lima Pereira

Professor Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre

2018

RESUMO

Esta pesquisa pretende trazer uma reflexão da ética e da metafísica levinasiana na figura do migrante, no sentido de compreender a importância que a proposta de Emmanuel Levinas tem para os dias atuais, especialmente no contexto de um mundo com suas mazelas provocadas pelo neoliberalismo e pelo capitalismo perverso. O filósofo fez uma crítica substancial à absolutização da razão ontológica totalizante, que provocou guerras, genocídio, preconceitos, racismo e que continua destruindo o ser humano. Quando, no ocidente, se absolutizou esta proposta, a humanidade destruiu-se porque não viu no outro ser humano o desigual com o qual poderia conviver e estabelecer relações fraternas. O outro se mostrou como desigual e assimétrico; o eu totalizador sentiu-se ameaçado e, com extrema violência, procurou meios para destruir aquele que pareceu ser ameaçador. Numa lógica da intolerância e da guerra, o outro deve ser exterminado e não acolhido. A proposta da ética levinasiana está na relação que se estabelece com o outro metafísico, que não necessariamente é uma experiência agradável, mas que deve, assim mesmo, ser de acolhida e de hospitalidade. O outro, como o pobre, o estrangeiro, a viúva ou o órfão que chega em sua autenticidade e é absolutamente outro, tão autêntico que não cabe dentro dos conceitos formados pelo eu, que tenta vê-lo dentro de si mesmo. Mas quando esse eu consegue perceber os pré-conceitos e a intolerância de uma razão totalizante e fechada e consegue superar essa postura arrogante e totalizadora, vê e acolhe o outro na sua originalidade; nasce dentro do eu um desejo e uma amorosidade que possibilita a relação. É um desejo pelo infinitamente outro metafísico; pelo outro desigual e assimétrico, no qual identificamos a ética. Quando o outro é o migrante, a relação de responsabilidade e de hospitalidade nos mostra que a ética com esse ser é possível. Num mundo em que ainda hoje a lógica da razão totalizadora é colocada como a única possibilidade de uma possível relação, surgem os pré-conceitos, as guerras, a pobreza e o ódio para com aquele que é desigual, assimétrico e absolutamente outro. É necessário, porém, que o outro seja acolhido e cuidado em sua essência. O mundo precisa de uma ética do cuidado, da responsabilidade, da acolhida. A ética, como resistência do outro metafísico que Levinas propõe, é uma possibilidade para construir um mundo onde ninguém seja migrante excluído. Todo ser humano tem direito a viver com dignidade no melhor lugar que escolher.

Palavras Chaves: Ética. Outro. Assimetria. Metafísica. Migrante. Responsabilidade.

RESÚMEN

Este estudio pretende hacer una reflexión de la ética y de la metafísica levinasiana en el migrante. En el sentido de entender la importancia que tiene la ética de Emmanuel Levinas en los días actuales, en el contexto de un mundo con muchos matices y heridas provocados por el neoliberalismo y el capitalismo perverso. Este filósofo hizo una crítica sustancial a la absolutización de la razón ontológica totalizante, que provocó guerras, el genocidio, prejuicios, racismo que continúan destruyendo al ser humano. Cuando en el occidente se absolutizó esta propuesta, la humanidad se destruyó porque no vio en el otro un ser humano como algo desigual y asimétrico, con quien pudiera convivir armoniosamente estableciendo relaciones de fraternidad. Cuando el otro se mostró desigual, asimétrico, el yo totalizador se sintió amenazado e con una extrema violencia buscó medios para destruirlo, porque no aceptó que alguien sea tan diferente y por tanto una amenaza. En una lógica de intolerancia y de guerra. El otro debe ser exterminado y no acogido. La propuesta de la ética levinasiana es la relación que establecemos con el otro metafísico, que no necesariamente es una experiencia agradable, pero que debe ser de acogimiento y de hospitalidad. El otro como pobre, extranjero, viuda o como huérfano que llega con su autenticidad es el absolutamente otro. Que es auténtico y que no se encuadra dentro de los conceptos formulados dentro del yo que intenta ver el otro dentro de él mismo. Pero cuando el yo se da cuenta de sus prejuicios de una razón totalizante y cerrada y puede superar esa postura arrogante, ve al otro en su originalidad; nace en ese momento un deseo y una amorosidad que posibilita la relación. Un deseo infinito por el otro metafísico; en ese deseo por el otro desigual y asimétrico identificamos la ética. Cuando el otro es migrante la relación de responsabilidad y de hospitalidad nos muestran que la ética con ese metafísico es posible. En un mundo en que la lógica de la razón totalizante todavía es colocada como siendo la única posibilidad de una relación, se generan más prejuicios, guerras, pobreza y odio con el otro que es desigual, asimétrico y absolutamente otro. Es necesario que él sea acogido y cuidado en su esencia. El mundo precisa de una ética del cuidado y de la responsabilidad, de acogida con el desigual y absolutamente otro. La ética siendo la resistencia que el otro hace, esa es la propuesta de Levinas y que es la posibilidad para construir un mundo donde nadie sea migrante excluido. Todo ser humano tiene el derecho de buscar el lugar para vivir y ser más humano.

Palabras Claves: Ética. Otro. Asimetría. Metafísica. Migrante. Responsabilidad.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 VIDA E OBRA DE EMMANUEL LEVINAS.....	15
2.1 SEU ÊXODO E SUAS INFLUÊNCIAS	15
2.2 OS ANOS NO CATIVEIRO	17
2.3 SUAS OBRAS MAIS DESTACADAS	18
2.4 AS TRÊS FASES DE LEVINAS	19
2.5 TOTALIDADE E INFINITO	20
3 A QUESTÃO DA SUBJETIVIDADE FRENTE À ALTERIDADE	22
3.1 NA ORIGEM É O CAOS E A SAÍDA.....	22
3.2 O MAL DE EXISTIR NO <i>IL Y A</i>	24
3.3 JOGADO NO SER.....	25
3.4 EU SOLITÁRIO/PSÍQUICO.....	26
3.5 COMEÇA A RELAÇÃO	28
3.6 O EU SEPARADO	31
3.7 O OUTRO TEM NECESSIDADE	32
3.8 RELAÇÃO COM O MESMO	34
4 O OUTRO É ABSOLUTAMENTE DESIGUAL	36
4.1 A EPIFANIA DO OUTRO	39
4.2 O OUTRO DESIGUAL SE APRESENTA	40
4.2.1 O outro se dá pelo olhar	40
4.2.2 O outro se dá pelo Rosto.....	42
4.2.3 O Outro se dá pela Palavra/discurso/linguagem	44
4.3 O ENCONTRO FACE-A-FACE	45
4.4 O ABSOLUTAMENTE OUTRO	46
4.5 NASCE O DESEJO PELO OUTRO.....	48
4.6 DESEJO METAFÍSICO	54
4.7 RELAÇÃO COM O INFINITO METAFÍSICO.....	55
4.8 O DESEJO METAFÍSICO É INFINITO.....	56

5 A ÉTICA DO MIGRANTE.....	59
5.1 A METAFÍSICA É ÉTICA.....	59
5.2 SER MIGRANTE É VIVER NO <i>IL YA</i>	60
5.3 SER MULHER NO <i>IL YA</i>	64
5.4 A SAÍDA DO <i>IL YA</i>	67
5.5 FUGIR DO <i>IL YA</i> , NA BESTIA	70
5.6 DAR SENTIDO NO SEM SENTIDO	73
5.7 A ÉTICA É SE “DAR” AO MIGRANTE	77
6 CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXOS.....	89

AGRADECIMENTOS

Agradeço muitíssimo ao professor Ricardo Timm de Souza, pela sua sabedoria e paciência para entender meu português e me ajudar a aprimorar meu conhecimento da língua portuguesa.

À Isis Freitas que, com sua gentileza e respeito, me ajudou muito em relação ao português e à formatação do trabalho.

Ao Tiago Rodrigues, minha gratidão pelas considerações oportunas ao trabalho.

Ao professor Luiz Carlos Susin e ao professor Gustavo de Lima Pereira, pela sabedoria e pelo conhecimento, qualificando substancialmente este trabalho.

À CAPES, pelo auxílio financeiro que permitiu a realização da pesquisa, motivo pelo qual estou imensamente agradecido.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo desenvolver uma reflexão a partir da obra *Totalidade e Infinito* de Emmanuel Levinas, com o tema da metafísica enquanto ética, conforme proposto pelo autor, como alternativa a uma filosofia que coloca a ontologia como filosofia primeira. Trata-se de um tema significativo para a realidade na qual estamos vivendo, pois parte de uma lógica de tolerância com o desigual ou outro, já que a diferença costuma causar incômodo, desconforto. Quando pensamos a relação com o diferente ou desigual a partir de contratos de convivência ou pactos, uma relação fechada e de poder se estabelece. O outro sempre se torna um problema, principalmente quando ele é absolutamente outro.

Esta dissertação pretende abordar a teoria da subjetividade e alteridade em Emmanuel Levinas, no qual se coloca a figura do migrante enquanto estrangeiro, expressão radical da alteridade absoluta de que Levinas nos fala. Essa experiência pessoal eu tenho vivenciado na condição de estrangeiro aqui no Brasil, pois sou de nacionalidade uruguaia e moro no país há vinte anos.

A experiência de aculturação, no primeiro ano, foi muito difícil devido ao total desconhecimento da língua portuguesa (oral e escrita), o que representou uma barreira significativa; do mesmo modo, a incompreensão sobre a maneira de vestir, de pensar e o estranhamento causado pela culinária, pela cultura e pelas relações. A discriminação que alguns estrangeiros sofrem nas repartições públicas durante o processo de regularização de sua documentação, seja pela falta de informação, seja pelo requerimento de documentação desnecessária ou inexistente, ou mesmo diante de situações de descaso, desrespeito para com os estrangeiros, aspectos que presenciei e enfrentei, além da cobrança de taxas com valores altos.

Como religioso tive muito respaldo e assessoramento da Instituição religiosa à qual pertenço, mas presenciei, conversei e tive a oportunidade de ajudar muitos estrangeiros que, sem receber nenhum auxílio, tiveram que enfrentar os inúmeros muros existenciais, que a maior parte dos estrangeiros enfrenta neste país belíssimo, mas pouco hospitaleiro.

Depois de 20 anos morando no Brasil, realizei a licenciatura em Filosofia na PUCRS, e o Bacharelado em Teologia na ESTEF. No decorrer do processo formativo tenho participado de vários simpósios e cursos de atualização. Mesmo assim, a ausência de conhecimento aprofundado do idioma continua sendo, em muitas ocasiões, motivo de desencontro, de incompreensão, mas também de encontros, de solidariedade e de atos em que a ética levinasiana está presente.

Portanto, como estrangeiro, tive e tenho a graça de enfrentar os muitos muros existenciais, nunca comparáveis aos muros que os migrantes da América Central enfrentam, que são muito mais violentos. Foi essa experiência pessoal de estrangeiro que me motivou e me motiva a dar continuidade à pesquisa sobre aqueles que são desiguais a mim, os migrantes forçados a sair da sua pátria em busca de novas oportunidades.

A proposta levinasiana de uma ética da acolhida, da responsabilidade é importantíssima e tem muito a contribuir, especialmente no último capítulo deste trabalho, que aborda a migração forçada dos indocumentados, fruto de um sistema político-econômico que gera pobreza e faz com que os empobrecidos vivam de forma indigna. A presente pesquisa tem por foco tratar da migração forçada dos países da América Central para os Estados Unidos, passando pelo México, que se tornou lugar de xenofobia, crime, instabilidade e miséria. Pretende-se, neste trabalho, desenvolver uma leitura da obra de Levinas com o objetivo de iluminar e propor uma ética e um compromisso diante dessa situação, de modo a dar visibilidade a milhares de pessoas migrantes.

Para isso, recorre-se à crítica que Levinas, na obra supracitada, faz à tradição filosófica que apostou e acreditou unicamente na razão como sendo condição suficiente para uma ética. O filósofo critica e questiona esse pensamento totalizante, preconceituoso, excludente e violento da generalização e da valorização absoluta e inquestionável da razão ontológica. Propõe uma ética da relação com o outro totalmente outro, desigual, assimétrico, que sai de todos os pré-conceitos e julgamentos que um eu, fechado em si, o qual chama de *mesmo*, reduz o outro a um conceito ou a uma extensão do eu. O metafísico que está do outro lado e que não faz par, dupla, nem fecha nenhum sistema com o eu, estabelece uma relação de resistência, de trauma, de contestação a todo conceito pré-formado antes da relação. Esse que se apresenta e se cruza no meu caminho, que me enfrenta com dignidade, do qual não posso me apropriar, porque é escorregadio, não cabe em mim; é mais do que posso suportar e conter, pois é infinito.

Como infinito, provoca-me a sair da minha solidão através de um desejo que também é infinito e, portanto, não tem nenhuma satisfação; é insaciável, por isso sempre estou atrás do outro, nunca consigo apropriar-me dele, que continuamente escapa à posse. Ele sucessivamente foi e está à frente. A tentação do eu é querer apropriar-se violentamente dele, possuí-lo, subjugá-lo, dominá-lo e até negá-lo como um absolutamente outro; nesse caso, matá-lo, pois, como afirma Levinas, o outro chega e estabelece uma luta frente a frente e exige: “não me mates”. Diante do desafio que o outro estabelece diante do eu dominador, assassino e conquistador, e porque juntos criam uma relação não recíproca, mas de acolhimento, pode nascer a ética.

Na parte introdutória se explicita o percurso por meio do qual a pesquisa será desenvolvida, o itinerário que será perseguido em vista de dar conta de tematizar o tema proposto, em vista de compreendermos a proposta ética de Levinas tendo como figura o migrante. No segundo capítulo, é apresentada uma breve biografia de Emmanuel Levinas, destacando suas influências culturais e fazendo referência aos os autores que contribuíram para que o pensamento de Levinas se tornasse tão significativo para a filosofia, incluindo seus estudos, sua experiência como prisioneiro de guerra nos campos de concentração, os desafios e os sofrimentos que teve que enfrentar nos campos de extermínios. Destacam-se, ainda, algumas das inúmeras obras escritas pelo autor, com uma pequena introdução à obra *Totalidade e infinito*, elemento que propicia situar sua proposta filosófica.

No terceiro capítulo pretende-se discorrer sobre o processo de formação da subjetividade. Um eu que, no começo, vive sem saber que vive, preso a uma existência. A tomada de consciência de si, através de um processo lento, não o deixa movimentar-se e viver para si. Este movimento é necessário porque é a partir dele que o eu se constitui como subjetividade e toma consciência de si e de que não está só neste mundo. Há outros que não são ele. Este momento de percepção é um momento de trauma, de violência, porque o outro, que está fora, que vem de alhures, chega se impondo e terminando com a tranquilidade do eu. O que vulgarmente se diz “chegar chegando”, tomando conta, dizendo o que ninguém quer escutar, um *não!* Contesta. Sua presença é um discurso totalmente diferente daquele que lhe foi imposto.

No quarto capítulo, apresenta-se esse “outro” que não se pode enquadrar em um sistema fechado porque é absolutamente desigual, diferente, não faz parte comigo; por esse motivo, chega da exterioridade e pode ser identificado. Aquele que está dentro dos parâmetros esperados faz comunhão comigo e não impacta com a sua presença. A abordagem desenvolvida centra-se na forma como se dá a chegada desse totalmente desigual, assimétrico, que se dá pelo olhar, rosto, palavra e que, por ser assim tão diferente, exige uma relação ética que acontece no trauma desse encontro que Levinas chama de encontro face-a-face, que é a verdadeira experiência com o metafísico infinitamente desigual. Por isso, provoca um trauma, uma revolução que leva o eu a querer exterminá-lo ou mata-lo com a indiferença, com a não aceitação, ou com intolerância.

Querer matar esse outro, intruso, inapropriável, inoportuno, porque chega de forma inesperada e vem de outro tempo, que não é o tempo do eu, provoca uma hibridez, um descompasso, visto que não caminha no mesmo ritmo que eu; ele vem de outro mundo, de um tempo diferente. Aceitar, acolher, respeitar e estender a mão para alguém que já vem com a sua mão estendida é o momento inaugural da ética. É o metafísico que se converte em ética, quando, apesar do trauma, da

ferida, do incômodo, do desconforto que provoca, eu não quero matá-lo, mas o acolho e me responsabilizo por ele.

No quinto capítulo, apresentada-se a experiência atual da *mobilidade humana*, os migrantes à luz da teorização de Emmanuel Levinas. São milhões no mundo inteiro, e esse é um assunto sobre o qual precisamos refletir. Considerando a proposta levinasiana de que o outro é a quatriade bíblica do pobre, órfão, estrangeiro e da viúva, parte-se da ideia de que os migrantes reúnem as quatro categorias. Focalizo a migração na América Central, nos países de Honduras, Nicarágua, El Salvador e Guatemala, que se encontram em uma situação de extrema pobreza gerada por um sistema neoliberal que não vê as pessoas como seres humanos, mas como peças de uma máquina que gera riqueza. A insegurança, o crime organizado, a violência dos grupos guerrilheiros, das máfias, dos *coyotes*, que são aqueles que se enriquecem com o tráfico de mulheres, crianças e, principalmente, dos migrantes que são sequestrados, violentados, mortos para a venda de seus órgãos, reforçam ainda mais a situação de indignidade na qual se encontram milhares de pessoas.

Esses migrantes, que geram muita riqueza para os bancos e para o crime organizado, devem passar pelo penoso exílio e purgatório que é o México. Esse percurso denominamos de *il y a*, por ser penoso, uma vida dura demais de ser vivida, condição na qual não é possível viver com dignidade. Estar preso, condenado a ter que viver no *il y a*, passar pelo cansaço, pela preguiça até o momento de sentir a força da necessidade e do desejo por algo a mais. O desejo por um sentido, o metafísico infinito, que vêm de fora dessa realidade e que expulsa o migrante de essa situação de *il y há* para sair em busca da vida, com esperança. A trajetória dos migrantes pelo México é de muito sofrimento e indignidade, tanto ou mais que a vida miserável de pobreza e de violência que já sofriam nos países de origem.

Este capítulo final nasce a partir da experiência pessoal vivenciada no mês de abril do ano de 2018, ao participar do *Curso Internacional de Justiça Paz e Integridade da Criação*, que aconteceu na cidade de Guadalajara, no México. Nessa oportunidade, visitamos as casas de refugiados migrantes que, depois de viajar várias horas pendurados nos trens de carga ou de caminhar por mais de 100 quilômetros durante dias, sofrendo as inclemências do tempo, além de violência física e sexual, recebem acolhida, hospitalidade e são curados e cuidados. Nestes gestos, por meio da acolhida nas casas de refúgio, assim como outros tantos gestos de cuidado e acolhida que recebem no percurso do caminho, é possível situar elementos concretos do infinito, o significado a partir do qual buscamos identificar a ética levinasiana. Para dar conta desse desafio, buscamos nos apropriar de publicações que contextualizam a migração em América Central e de testemunhos e relatos de vários

migrantes das casas de refúgio, com a devida autorização. Cumpre esclarecer ao leitor que tais testemunhos foram publicados de modo a preservar a fidelidade dos depoimentos e respeitar o outro totalmente outro, diferente, desigual, assimétrico, que não faz parte comigo, razão pela qual a linguagem não foi alterada; optou-se por manter o espanhol com gírias e expressões típicas das diferentes culturas que não é encontrado na academia nem na língua oficial.

2 VIDA E OBRA DE EMMANUEL LEVINAS

Levinas nasceu em Kovno, Lituânia, no dia 12 de janeiro de 1906 pelo calendário gregoriano; pelo calendário juliano, então em vigor na Rússia, seu nascimento foi no dia 24 de dezembro de 1905. De família judia, recebeu educação judaica e russa. “A geração de meus pais, mesmo tendo recebido esta cultura e ainda que continuasse ensinando o hebraico à juventude, via o futuro dos jovens na língua e na cultura russas. Era esse o porvir, por mais incerto que fosse”¹. Teve, desde cedo, acesso às literaturas russa e judaica, já que seu pai possuía uma sortida livraria na cidade; também recebeu educação em escolas vinculadas à sinagoga em sua terra natal. Nestas escolas, estudava-se hebraico e lia-se a Torá, além de se fazer estudos talmúdicos que eram muito conhecidos, aos quais Levinas teve acesso aos seis anos de idade.²

Levinas, em 1914, foi profundamente marcado pela primeira Guerra Mundial. Com oito anos de idade, a família teve que migrar para Cracóvia, onde ficou refugiada. Ele estudava no Liceu local. Neste tempo, começa a Revolução Russa (1917), com a qual não assume compromisso ou militância. Foi uma época em que teve profundo contato com a literatura russa, impregnada de inquietudes metafísicas e de ordem moral. No ano de 1920, sua família deixou a Rússia e se fixou novamente na Lituânia. Posteriormente em Kaunas, ingressou no curso secundário, estudando intensamente a língua hebraica e os costumes judaicos. Após esse período, preparou-se para ir à França.³

2.1 SEU ÊXODO E SUAS INFLUÊNCIAS

No período em que morou em Estrasburgo, Levinas precisou estudar francês e latim para depois começar os estudos de filosofia. O aprendizado dessas línguas foi de singular importância, pois permitiu que entrasse em contato com muitas personalidades do mundo filosófico. Em 1923, iniciou seus estudos de filosofia na Universidade. Realizou um curso de Ética Política ministrado por Maurice Pradines, com uma influência do pensador judeu Dreyfus, especialmente na relação entre Ética e Política, pensamento que acabou influenciando Levinas.⁴

¹ POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas*. Trad. J. Guinsburg, et al. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 53.

² POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas*. Trad. J. Guinsburg, et al. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 52.

³ RIBEIRO, Nilo Júnior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 28.

⁴ Idem, p. 29.

Também se aproximou das ideias de Maurice Blanchot e de sua literatura, elemento determinante no modo de expressar-se, tendo-o como mestre. Ademais, foi claramente influenciado pelo pensamento de Husserl. Porém, tal influência parece menos significativa que a de Heidegger, porque este era mais imprevisível em suas análises sobre a afetividade, os novos acessos ao cotidiano, a diferença entre ser e ente⁵. Na literatura Russa, o influenciaram precisamente Púschkin, Lermontov, Dostoiévski e Tolstói. Foi influenciado, ainda, por Charles Blondel, professor de psicologia, Maurice Halbwachs, sociólogo, e Henri Carteron, professor de filosofia.

A filosofia de Bergson era ensinada na França entre os anos 1924 a 1930; Levinas sentiu muita curiosidade pelo seu pensamento. Concluiu seu doutorado com a tese sobre Husserl: *La Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*. Em 1924, terminou a sua dissertação e começou os estudos no instituto de filosofia, aprofundando os grandes filósofos Platão, Aristóteles, Descartes e Kant⁶. Assistiu a seminários com Maurice Pradines, Charles Blondel, Maurice Halbwachs e Henri Carteron.⁷

Além disso, matriculou-se no curso de línguas antigas; estudou latim para poder elaborar sua dissertação. Sua composição foi sobre um texto de Kant: *Principiorum cognitionis metaphysicae nova dilucidatio*. Depois de apresentar a dissertação, inscreveu-se como professor no instituto de filosofia⁸. Em 1928, participou de um seminário sobre psicologia fenomenológica e, em 1929, de outro seminário sobre a constituição da intersubjetividade que se contrapunha às ideias husserlianas. Nesse mesmo período, Levinas mantém contato com Husserl.

Também se inscreveu no seminário de Heidegger⁹. Fez sua primeira publicação, um escrito *Sur les idées d'Edmond Husserl*. Com a influência destes filósofos, decidiu dedicar-se ao doutorado. Sua tese sobre a teoria da intuição em Husserl, defendida no dia 4 de abril de 1930, o levou a destacar-se como filósofo e a ser convidado a participar dos cursos de Husserl e Heidegger. Ao participar dos seminários, aproximou-se muito das ideias de Heidegger, mas, com o tempo, se decepcionou quando Heidegger mostrou sua simpatia partidária com o hitlerismo.

Em 1931, recebeu a cidadania francesa e, posteriormente, em 1932, prestou o serviço militar. Casou-se com Raissa Levi e juntos tiveram três filhos: Simone Hansel, Andrée Éline e Michel e se

⁵ POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas*. Trad. J. Guinsburg, et al. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 53.

⁶ POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas*. Trad. J. Guinsburg, et al. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 55.

⁷ POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas*. Trad. J. Guinsburg, et al. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 59-60.

⁸ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 29.

⁹ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 31.

estabeleceram em Paris. Em 1932 assumiu a administração da Aliança Israelita Universal, com a intenção de fomentar a reflexão religiosa-filosófica. Morando na França, frequentou seminários de outros filósofos como L. Brunschvicg e Jean Wahl.¹⁰

2.2 OS ANOS NO CATIVEIRO

Como já havia prestado o serviço militar, ofereceu-se para participar na guerra como intérprete do alemão ao russo e foi promovido a suboficial. Quando a França foi ocupada, na Segunda Guerra Mundial, no dia 18 de junho de 1940, tornou-se prisioneiro em Rennes. Depois desse episódio foi transferido para Hannover, na Alemanha, onde permaneceu na condição de prisioneiro de guerra no campo de concentração de Stammlager; foi separado dos demais franceses e declarado judeu. Porém, pelo fato de usar uniforme militar francês e com base na Convenção de Genebra¹¹, não foi deportado, mas acabou sendo protegido diante do destino dos deportados, sendo reagrupado com outros judeus num campo especial. Durante os cinco anos no cativeiro em Stammlager, Levinas ocupou seu tempo livre com leituras, além de cumprir uma rotina diária de trabalhos na agricultura.

Uma experiência chamou a atenção de Levinas: um cachorrinho inseriu-se na rotina das idas e vindas entre o campo de concentração e o local de trabalho. “Nesse rincão da Alemanha, onde ao atravessar o povoado éramos vistos pelos moradores como judeus, esse cachorrinho evidentemente nos considerava como humanos”¹². Nessa época, como prisioneiro, teve oportunidade de realizar várias leituras filosóficas de Hegel, Proust, Rousseau e outros autores de diferentes procedências. Era um tempo em que estavam tranquilos e isolados, porém desconectados da família e dos amigos que não respondiam mais às cartas que eram enviadas. No tempo do cativeiro, Levinas, além de fazer vários tipos de leituras, começou a escrever o texto *De l’existence à l’éxistant* (1947).

Nesse texto, aparecem diálogos temáticos com certo número de categorias filosóficas, consideradas como os pilares do mundo do ser e do pensar do ocidente moderno. Quando terminou a guerra, obteve sua libertação, em 1942, ano em que os judeus foram expulsos da Espanha pelos Reis que eram católicos. Como ele mesmo mencionava, teve o privilégio de sobreviver diante de do

¹⁰ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 33.

¹¹ Segundo a III Convenção de Genebra Relativa ao Tratamento dos Prisioneiros de Guerra, de 1949, as pessoas prisioneiras serão tratadas com humanidade, sem distinção de raça, cor, religião ou crença, sexo, nascimento ou fortuna. Não poderão sofrer ofensas contra a vida e a integridade física, nem mutilações, tratamentos cruéis, torturas e suplícios.

¹² POIRIÉ, *apud* COSTA. *Levinas: uma introdução*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 40.

extermínio de 6 milhões de judeus¹³. Levinas voltou para Paris; conseguiu escapar do genocídio perpétuo aos judeus, mas seus pais, seus dois irmãos e dois avós foram vítimas desse ódio. Soube do extermínio de seus familiares no final de seu cativeiro. Dedicou uma frase a eles em sua obra “*Autrement qué être ou au-delà de lé essence*”: “À memória dos seres mais próximos de entre os seis milhões de assassinados pelos nacional-socialistas, ao lado de milhões de milhares de humanos de todas as confissões e de todas as nações, vítimas do mesmo ódio pelo outro homem, do mesmo anti-semitismo.”

Posteriormente, sua sogra também acabou sendo aprisionada e deportada. Da sua família restaram a sua mulher e a sua filha, porque ficaram refugiadas em um mosteiro das Irmãs de São Vicente de Paulo. Levinas expressou a sua imensa gratidão às irmãs. Reencontrou sua esposa para recomeçar a vida no meio de uma Europa, que teve seu projeto colocado à prova por duas guerras, somado a isto Auschwitz.¹⁴

2.3 SUAS OBRAS MAIS DESTACADAS

As obras de Levinas que receberam maior destaque foram: *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl* (1930); *De l'évasion* (1935); *Da existência ao existente* (1947); *Le temps et lé autre* (1948); *En decouvrant l'existence avec Husserl et Heidegger* (1949); *Totalidade e Infinito* (1961); *Difícile Liberté. Essai sur Le Judaïsme* (1963); *Quatro leituras Talmúdicas* (1964); *Humanismo do outro Homem* (1972); *Autrement qu'être ou au-delà de l' essence* (1972); *Nous popres* (1976); *Sur Maurice Blanchot* (1975); *Do Sagrado ao santo – cinco novas interpretações talmúdicas* (1977); *L'au – dela Du verset. Lectures Et discours Talmudiques* (1982); *De deus que vem à idéia* (1982); *Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo* (1982); *Transcendência e inteligibilidade* (1984); *Hors Sujet* (1987); *À l'Heure des Nations* (1988); *De l'obligation. Entretien avec Françoise Armegand à propôs de lé oeuvre de sosno* (1990); *Entre nós. Ensaio sobre a alteridade* (1991); *La mort et Le temps* (1991); *Diue, la mort et El temps* (1993); *Liberté et commandement* (1994); *Les imprévus de la histoire* (1994); *Lé intrigue de lé infinit* (1994); *Nouvelles lectures Talmudiques* (1995); *Alterite et transcendance* (1985); *Quelques réflexions sur la*

¹³ BERNARDO, Fernanda. *Levinas Refém: a assinatura ético-metafísica da experiência do cativeiro*. Coimbra: Palimage, 2012, p. 16-17.

¹⁴ POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas*. Trad. J. Guinsburg, et al. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 74-75.

philosophie du l'hitlérisme (1997); *Ethique comme philosophie première* (1998). A última obra, *Nouveles Lectures Talmudiques* (1996), foi editada em 1995, no ano em que Levinas faleceu.¹⁵

2.4 AS TRÊS FASES DE LEVINAS

Historicamente, a obra de Levinas foi dividida em fases, dentre as quais se destacam aquelas que Nilo Ribeiro assume de Ulpiano Vazquez Moro, que divide a grande obra de Levinas em três fases. O primeiro período, denominado de ontológico, refere-se às publicações entre os anos 1929 e 1951; o segundo, definido como metafísico, corresponde às publicações entre 1952 e 1964; por fim, o terceiro período, o ético, compreende a etapa de 1964 a 1995, o ano da morte de Levinas¹⁶.

No período ontológico, o filósofo busca situar a “evasão do ser”, fase em que a ética é o face-a-face com o Outro.

A antropologia criacional é que aparece em primeiro plano em função do surgimento de uma ontologia pluralista. A teologia assume o caráter de um “silêncio sobre Deus” até que a antropologia do autor tenha sido articulada em intrínseca relação com a situação ética do encontro com o Rosto do Outro¹⁷.

No período metafísico, verifica-se a ruptura com a ontologia e a relação ética que se dá no encontro com o Rosto do Outro. Essa relação é definida como metafísica.

Diante do Rosto, o homem satisfeito e independente do Outro, é convocado pela palavra do Rosto a sacrificar seu bem pelo bem do Outro. Teologicamente falando, esse período corresponde ao discurso “com” Deus, uma vez que Deus emerge no contato/proximidade com o Rosto do Outro¹⁸.

O terceiro período, denominado ético, caracteriza-se pelo abandono da linguagem ontológica do período anterior. Levinas radicaliza a relação com o Outro que, de tão próximo, leva a um desinteresse radical do sujeito. “A situação ética é a situação da proximidade, da responsabilidade, que desemboca na substituição pelo Outro. A linguagem ética é a única capaz de expressar o desinteressamento pelo ser”.¹⁹

¹⁵ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria da Paz: ética e teo-lógica em Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 20.

¹⁶ RIBEIRO, Nilo Júnior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 22.

¹⁷ RIBEIRO, Nilo Júnior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 23.

¹⁸ Idem, p. 23.

¹⁹ Idem, p. 23.

2.5 TOTALIDADE E INFINITO

Em 1961, Levinas escreveu *Totalidade e Infinito: ensaio sobre a exterioridade*. Nessa obra, organizou conceitos elaborados anteriormente, abordando a relação entre totalidade e exterioridade; o Mesmo e o Outro, a ontologia e a Metafísica. Nela, trata da responsabilidade pelo Outro, que vai além da anterioridade, para um novo modo de ser: a substituição do eu pelo Outro. Esta obra surge no segundo período, momento demarcado pela influência da filosofia francesa, em que o filósofo já estava mais aculturado em Paris, período no qual evidenciou-se a autonomia do seu pensamento. Suas leituras sobre o pensamento de Hegel foram suspensas nos anos próximos a 1930, em razão do surgimento do nazismo, e retomadas quando se tornou prisioneiro na Alemanha.

Em *Totalidade e Infinito*, o autor se distancia de Husserl e de Heidegger. Sua proposta filosófica passou a ser marcada pelo entrecruzamento dos filósofos franceses e da tradição talmúdica. Levinas identificou o idealismo hegeliano ao pensamento totalitário que, elemento ao qual se contrapôs neste segundo período. “Esta oposição justifica-se porque o autor identifica a filosofia hegeliana com a legitimação ideológica das atrocidades das guerras e do nazismo”²⁰. Nesta obra, encontramos fortemente a influência das ideias de Rosenzweig, conforme menciona no prefácio, mas também com menor intensidade que nas obras anteriores.

Ambos, Rosenzweig e Levinas, coincidem com uma proposta filosófica e questionam a parte totalizante da teoria hegeliana; é por isso que Levinas se norteia pela ética como filosofia primeira. Rosenzweig apresenta a religião como sendo a possibilidade de ruptura com uma filosofia totalizante que não possibilita o ir e vir dos interlocutores, fechando-se em um discurso sem palavras²¹. Dentre outras ideias que influenciaram Levinas, destaca-se a desformalização das categorias teológicas Criação-Revelação-Redenção que se opõem à filosofia hegeliana da totalidade e do pensamento ontológico.²²

Totalidade e Infinito é uma obra de destaque de Levinas; sua proposta filosófica é de responsabilidade pelo outro, na qual o autor propõe um pensamento filosófico segundo o qual o Outro é quem orienta a investigação. Levinas expressa o risco de poder reduzir o outro ao mesmo, ou a um conceito. Propõe demonstrar isso por meio da fenomenologia do rosto como fundamento da ética, a existência do desejo, perspectiva que é analisada como um desejo do infinito. O outrem vem

²⁰ Idem, p. 120.

²¹ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 122-123.

²² Idem, p. 34.

de uma dimensão de altura, com uma arte magistral e uma grandeza, com certo privilégio diante do eu. Em *Totalidade e Infinito*, potencializa a apologia da separação para acabar com a totalidade. Nela, o filósofo teve a pretensão de demonstrar que o outro, ao revelar-se como rosto, faz com que a ética aconteça; assegura que a ética foi reduzida à felicidade do mesmo e a denuncia através da figura de Ulisses.²³

O filósofo propõe a figura de Abraão e a moral dos profetas, que são nômades e não têm retorno a si mesmos, personagens que sempre vão em direção ao outro. Esta filosofia afirma-se na paz, no amor e na responsabilidade, na qual Deus nos vem à ideia no desejo do outro. Também propõe a metafísica do nomadismo para tirar o outro da violência da ontologia. Para Levinas, a metafísica é ética e é o lugar da transcendência de Deus.²⁴

²³ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 131.

²⁴ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 131-132.

3 A QUESTÃO DA SUBJETIVIDADE FRENTE À ALTERIDADE

Neste capítulo, o foco central reside em mostrar como a estrutura do eu se forma, a partir do momento em que ele se encontra sem consciência alguma, na situação de um puro existente que vive sem saber que existe, num caos e inconsciente de tudo. Aos poucos ele vai tomando consciência de sua existência, mas a inércia na qual se encontra não lhe permite constituir-se como sujeito, até o momento da saída de si, em que vê que há outro desigual a ele, que o interpela a sair dessa situação egoísta e de preguiça. Na saída e no encontro com o outro, percebe que este outro é diferente dele e começa a relação com um desigual. Neste momento de encontro e desencontro de ideias e pré-conceitos começa a surgir a ética, no respeito e na acolhida pelo outro totalmente outro.

3.1 NA ORIGEM É O CAOS E A SAÍDA

No começo, é o sem-sentido, o silêncio, a solidão onde o mundo acontece, o escuro e o frio da existência, aquela situação que todos enfrentamos quando estamos sem rumo e na incerteza, na paralisia e na vontade de sair correndo para algum lugar sem destino; na necessidade de sair da repugnância, do aborrecimento e da prisão de uma morte interminável, em que a *insônia* tomou conta e não desaparece. Essa situação é chamada por Levinas de *há*, do horror que se sente por ser expectador, sem ser protagonista²⁵; de estar em uma noite interminável, no silêncio, sem poder se manifestar e permanecendo neutro a viver sem nada. Por isso, é necessário que este ser impessoal saia desta situação de impessoalidade, de não consciência, para se tornar consciência de uma liberdade.²⁶

É a luta pela vida que se deve assumir, é a primeira impressão para encher os pulmões e explodir em um grito desgarrador pelo sofrimento. A criança, ao nascer, respira pela primeira vez e chora pela dor de ter que existir na realidade, nua e crua, de um existente na existência; vir ao mundo é vir a ser. “No evento do nascimento da existência e do existente humano, Levinas propõe investigar dois fenômenos que se dão na ordem da realidade e que são anteriores à reflexão (...) o cansaço e a preguiça”²⁷. São atitudes passivas que o existente tem diante da existência e, sentindo a sua impotência, ele avança e, ao mesmo tempo, retrocede, porque sente uma rejeição diante da

²⁵ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 23

²⁶ POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas*. Trad. J. Guinsburg, et al. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 20.

²⁷ COSTA, Márcio Luis. *Levinas: uma introdução*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73.

existência²⁸, um agir, um compasso que é estar fatigado com todos e com tudo e que revela um *ente inexistente* sendo forçado a existir contra sua vontade. São dois polos: de um lado, a existência e, do outro, o existente em um jogo de força e de domínio; de um existente humano que, pressionado pela existência eminente, pede e tenta evadir-se dela, mas que, em determinado momento, tem que assumir o fato nu e cru de ter que ser, porque o ser é.²⁹

Há uma existência geral que permanece imutável e independente de tudo e de todos; há uma permanência absoluta que sobrevive a todos os entes, ao tempo, ao espaço e ao mundo e que está submetida a ele. Esse caos que encontramos no começo do livro do Gênesis na Bíblia: “No começo eram as trevas e um profundo abismo com um vento impetuoso”³⁰; no começo, eram as trevas, a escuridão, a confusão e a incerteza. Diante dessa situação, sempre há uma paralisia, não saber o que fazer, como reagir; existe a vontade de ter uma iniciativa, de avançar e de, ao mesmo tempo, permanecer paralisado; cansaço e preguiça. Dessa base real que é a existência, nenhum ente pode escapar, não tem opção, não há saída para o existente; para poder ser, precisa ter a base nessa existência. A existência é um peso, como uma condenação, como um fardo pesado para carregar constantemente.

Levinas entende que o ser não é mau; essa experiência é sofrida para o existente, porque há um excesso de ser que o aterroriza e provoca espanto. Esse espanto não é o de Heidegger (ser para a morte) que é condenado ao nada; à morte. Ele está determinado; é independente das atitudes e escolhas, já sabe qual vai ser seu destino. Não é livre, está condicionado à morte. Para Levinas, é o espanto de ter que ser, sem escapatória, condenado a si próprio; encurralado em si. O ente é chamado, interpelado e exigido a ser³¹. Não tem a oportunidade de escolher ser ou não ser; ele é, e não pode não ser, porque de alguma maneira é alguma coisa. É exigência de ter que existir, não é uma condenação a não existir mais, mas de ser e de fazer parte da existência; aqui a angústia não é de não ser, mas de ser impreterivelmente, porque ele existe e está jogado no ser, que não depende dele, ele é: “O Ser se refugia no ser, aí vive, entende a vida e não pode morrer”.³²

²⁸ Idem, p. 73.

²⁹ COSTA, Márcio Luis. *Levinas: uma introdução*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 75.

³⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. [Livro do Gn 11].

³¹ CHALIER, Catherine. *Lévinas: a utopia do humano*. Trad. António Hall. Lisboa: Instituto Piaget, 1993, p. 49-50.

³² SOUZA, Ricardo Timm de. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 59.

3.2 O MAL DE EXISTIR NO *IL Y A*

Mas o existente quer evitar estar e fazer parte dessa existência ou existir nessa existência. Então, fica como em um limbo inconsciente entre negação e aceitação; no *il y a* ele está sufocado e a consciência, que não é iluminada, não tem saída, nem sentido, nem graça³³. Desse modo, estabeleceu-se um intervalo de tempo entre aceitar e negar a existência. Levinas usa uma metáfora para essa situação de *il y a*, que é um estado total de ausência de luz; *il y a* uma escuridão, uma noite estancada, na qual os entes não se veem e estão no anonimato porque não se percebem. Esse anonimato é *excesso de ser* porque vive na impessoalidade e na neutralidade³⁴.

O *il y a* é um intervalo entre o nada e o ser; é o horror de ser, não é a angústia de não ser, é uma obrigação de ser e a impossibilidade de morrer, ou seja, não pode escapar da existência e vive o drama de ter que assumir a sua carga; é um desafio constante à existência e a sair do anonimato da não consciência. Levinas não usa o termo *Il y a*, em *Totalidade e Infinito*; usa o termo *separação*, que se dá na fruição, quando começa a consumir os elementos³⁵. Mas é bom destacar que, no *il y a*, o ente está sozinho na existência e na separação já há outros existentes, e o eu sabe que é desigual, diferente deles e, portanto, que está separado deles.

Levinas pensa esse intervalo como uma resistência que tem o existente quando se nega a existir e não tem uma consciência clara; é uma situação de inércia, de sonolência, de vigília. Uma alternativa entre aceitar a existência ou negá-la; mas não pode negá-la; aceitá-la também é difícil e, por isso, quer evadir-se. Então, o existente fica no *il y a* como o sujeito que dorme e não dorme; como uma vigília na qual não encontra descanso, mas, ao mesmo tempo, fica sem força para aceitar a realidade da existência. Nessa situação, a condição não é de consciência plena; a existência é “reduzida à pura e nua existência, como a existência das sombras que nos infernos visita Ulisses, a vida dissolve-se em sombras”.³⁶

O eu desperta e volta a querer dormir sem conseguir dormir totalmente e fica nesse movimento, velando a realidade sem pertencer. A realidade está aí fora, mas ele não a incorpora porque não está totalmente desperto. Porém, não está entorpecido até a ausência, mas há uma passividade da consciência e o eu está velando, está na existência sem saber que está nela. Há uma

³³ ROCHA, Pinto Luiz André. A ‘fenomenologia da noite’ do ‘il ya’ no pensamento de Emmanuel Levinas. In: SOUZA, Ricardo Timm de; FARIAS, André Brayner de; FABRI, Marcelo (Orgs.). *Alteridade e ética: obra comemorativa dos 100 anos de nascimento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008, p. 72.

³⁴ CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Idéias & Letras, 2010, p. 24-25.

³⁵ CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Idéias & Letras, 2010, p. 27.

³⁶ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 102.

existência anônima, visto que é a noite mesma que vela, é a existência anterior a todos os existentes que estão alienados. Um estado de vigília constante daquilo que é vencido pelo sono, dorme e não dorme. Sem ter uma consciência da realidade, porque está como que embriagado de tanta realidade. Só reconhece o que é igual a ele e o que precisa para viver, é egoísta.³⁷

3.3 JOGADO NO SER

Mas há um momento em que o existente reage e sai dessa situação de vigília, de preguiça, de cansaço, de “não ser”, assumindo a existência. Esse momento, Levinas chama de hipóstase³⁸, que é quando o existente se lança para fora e deixa de ser impessoal, neutro e de existência anônima; nesse momento, afirma-se como existente num determinado lugar³⁹. O existente assume o ser, desamarra-se da sua crise de *ser* e supera o sofrimento; abre-se para o espaço da existência e assume sua densidade, sua facticidade, este está condicionado pela existência e não tem escolha; está obrigado a ser⁴⁰. É a ocasião em que se acaba com a universalidade e a carga do *il y a*, que é anônima, e o ente passa a afirmar-se como sujeito e deixa de ser anônimo. A hipóstase desponta no interior do ser. Segundo Levinas, ele é a suspensão concreta do *il y a* anônimo, é o surgimento no ser de um ente que se afirma, agarra-se na existência.⁴¹

A primeira relação que se estabelece é com o ser; não poderia ser de outro modo, pois se relaciona com o concreto, com o palpável da existência; é aí que o ser se percebe, sem o qual não existe. Não se pode estar no mundo sem estar inserido dentro dele, em sua concretude. Nessa concretude, o eu vai tomando consciência de si através da experiência, que é uma tomada de consciência⁴² de si e que frui do concreto, do pão, do sol, do ar que respira, da paisagem, das flores e para dar-se conta de que está no mundo e faz parte dele.⁴³

Viver é como um verbo transitivo em que os conteúdos da vida são os complementos directos. E o acto de viver os conteúdos é, *ipso facto*, conteúdo da vida. A relação com o complemento directo do verbo existir, tornado transitivo, (...), assemelha-se, na realidade, à

³⁷ Idem, p. 24.

³⁸ Como mencionado anteriormente, não encontramos o termo *hipóstase* em Totalidade e Infinito. Levinas usa os termos *usufruir* e *separação*. Neste caso, utilizo a palavra hipóstase a partir dos comentadores.

³⁹ CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Idéias & Letras, 2010, p. 24.

⁴⁰ SOUZA, Ricardo Timm de. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 32-33.

⁴¹ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 45.

⁴² SOUZA, Ricardo Timm de. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 42.

⁴³ SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 39.

relação com o alimento em que há, ao mesmo tempo, relação com um objecto e relação com essa relação, que também alimenta e enche a vida.⁴⁴

3.4 EU SOLITÁRIO/PSÍQUICO

Depois que assume a existência, o eu vive solitariamente nesse espaço infinito e vive para si, mas vive em si mesmo, fechado numa mônada, existindo para si, como reflexo para si num individualismo solitário, relacionando-se só com pares e fechando-se em um sistema, na simetria. Nada de mais, nada de novo diante da luz; a mesmice é o que Ricardo Timm de Souza chama de “vale tudo”, ou seja, diferentes faces da mesma moeda, porque está fechado nele mesmo e quer experimentar tudo; já que sente que não tem valor, valoriza tudo ao seu redor sem se importar com nada. O nada preenche a sua solidão.⁴⁵

A solidão e o egoísmo são características do eu, de quem está desfrutando do mundo sem ter nenhum compromisso com ele, sem ter vínculo, sem ter responsabilidade com ele. Todo mundo está à sua disposição e ele se aproveita de tudo que o rodeia. Não podemos pensar que essa situação seja moral; é uma situação necessária para a constituição do eu. Há um egoísmo inocente e sem consciência, sem entrar em relação com o mundo⁴⁶. Esse é o momento no qual o eu começa a separar-se do mundo e viver solitariamente, tranquilo e em casa; reduzindo o mundo ao mesmo, ao igual, numa atitude de posse, àquilo que precisa para viver, pois vive num movimento centrípeto.

O egoísmo é um acontecimento ontológico, uma dilaceração efectiva e não um sonho que decorre à superfície do ser e que se poderia negligenciar como uma sombra. (...). O egoísmo é vida de ... ou fruição. (...). A posse ao agir reduz ao Mesmo o que, à primeira vista, se apresenta como outro. A existência econômica (tal como a existência animal) – apesar da infinita extensão de necessidades que torna possível – permanece no Mesmo. O seu movimento é centrípeto.⁴⁷

O eu que está se formando não é um sujeito que tem plena consciência, mas que somente se movimenta no mundo imanente e tem sua primeira experiência de banho na imanência. Sua primeira verdade é sentida, como toda imanência, sem precisar de explicações e de provas. A imanência chega antes ao corpo e à boca; depois chega à razão. Esse primeiro contato com a imanência é o primeiro contato com o ser. A primeira experiência é de ser feliz. O eu, que é feliz, não pensa, só sente e curte a sua felicidade, pelo prazer que lhe dá em estar bem e estar no ser. A interioridade do psiquismo dá-

⁴⁴ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 101.

⁴⁵ SOUZA, Ricardo Timm. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 161-162.

⁴⁶ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 40-41.

⁴⁷ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 169.

se na sensação que tem no contato com o ser; não há pensamento, não há reflexão nem consciência; não tem nenhuma ligação com o intelectual. O psiquismo é anterior a tudo isso. O eu psíquico é corpo, matéria na imanência que se dá numa exterioridade, no ser em que já está sendo parte dele; irrompendo a partir da sensibilidade.⁴⁸

Conforme Levinas, o eu vive de consciência da consciência; porém, não é uma consciência refletida, e sim saber do prazer, o qual sente parte dos conteúdos que não fazem parte dele, mas que se tornam caros a ele e que lhes dão prazer e felicidade egoísta; que fazem estremecer o eu como numa glória⁴⁹. Podemos perceber que o eu se percebe sujeito antes mesmo de ter consciência. Começa a apropriar-se da existência pelo corpo e não pela razão. O psiquismo egoísta é o momento em que o eu se apega ao mundo e se localiza nele⁵⁰. A vida acontece a partir da experiência sensível no ser e do prazer que sente no fruir das coisas da vida; não acontece a partir de nenhuma representação. O prazer não está na representação, mas em alimentar-se e usufruir dos elementos que encontra no mundo e que revigoram o eu.⁵¹

Todos os materiais que se encontram no mundo, até os objetos mais corriqueiros, estão subordinados à fruição. Provocam felicidade ou sofrimento, mas o que nos interessa aqui é a ideia do fruir sem utilidade alguma, uma fruição gratuita e puramente sem utilidade, sem preocupação de gostar ou não; é um simples jogo de usufruir da vida. Na fruição, o eu é absolutamente para si; é egoísta, sozinho e inocente; é uma boca aberta e uma barriga esfomeada, sem se preocupar com nada, nem com ninguém porque ele é surdo a outrem.⁵²

É possível perceber, desse modo, a intensidade da sensibilidade que encontramos na fruição; não há nenhuma ordem de pensamento na fruição dos elementos, mas somente sentimento, afetividade egoísta, os quais não se conhecem porque somente vivem. Os elementos que encontra na realidade o contentam na sua finitude; a sensibilidade basta-se num mundo insuficiente do pensamento totalizante. Portanto, a sensibilidade é fruição pura que se satisfaz com aquilo que se lhe apresenta para consumir; não para fazer experiência, porque ela não visa a nenhum objeto determinado; ao determinar o objeto, ela está usando a consciência e elaborando conhecimento. Na fruição, o eu consome sem pensar o que se lhe apresenta.⁵³

⁴⁸ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 41-42.

⁴⁹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 103.

⁵⁰ CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Idéias & Letras, 2010, p. 23.

⁵¹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 101.

⁵² Idem, p. 126.

⁵³ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 128-129.

3.5 COMEÇA A RELAÇÃO

Para Levinas, a primeira relação que o eu estabelece com o mundo é de gozo, de alegria, de felicidade, que o autor denomina de sinceridade. É o momento em que o eu, em sua afirmação no mundo, começa a se alimentar, se revigora de uma energia diferente e assim começa a perceber que esse alimento, essa energia, é outra coisa e não é ele próprio. Ao ser diferente dele vai ao seu encontro; vai fruir da vida e tudo se torna em energia, em força; é entrar em relação com a vida, com o mundo. Tudo que encontra nesse mundo não são meios nem utensílios, são objetos de prazer, finalidade, eles se dão ao eu, na fruição – felicidade e vontade de viver⁵⁴. O eu não está refletindo nada; não está fazendo experiência de nada; não há reflexão, só há fruição e felicidade. Há um egoísmo puro, uma boca faminta que come tudo sem consciência. Vive-se no que Levinas define como consciência da consciência; ali não há reflexão; não há saber, somente prazer; um egoísmo da vida.

Vivemos na consciência da consciência, mas esta consciência da consciência não é reflexão. Não é saber; mas prazer e, como diremos em seguida o próprio egoísmo da vida. (...) A relação da vida com as próprias condições da sua vida torna-se alimento e conteúdo dessa vida. A vida é *amor da vida*, relação com os conteúdos que não são o meu ser, mas mais caros que meu ser: pensar, comer, dormir, ler, trabalhar, aquecer-se ao sol. (...) A vida é uma existência que não precede a sua essência.⁵⁵

Os objetos que se encontram no mundo todos acabam sendo fruídos pelo eu que não os analisa, mas toma posse deles; é uma relação de plenitude da substância, do ser em sua materialidade; frui sem utilidade em pura perda, os elementos não são meios para alcançar outra coisa, não são meios para viver. Viver é fruir, consumir sem reflexão, sem avaliação e sem pensar; se o alimento faz bem ou mal, o importante é consumir aquilo que está ao alcance da mão e de tudo aquilo que se apresenta, consumir voraz e instintivamente.

Viver é jogar a despeito da finalidade e da tensão do instinto; viver de alguma coisa sem que esse alguma coisa tenha o sentido de uma finalidade ou de um meio ontológico, simples jogo ou fruição da vida. (...) Na fruição as coisas voltam às suas qualidades elementais. A fruição, a sensibilidade cuja essência ela desenvolve, produz-se precisamente como uma possibilidade de ser ignorado o prolongamento da fome até à preocupação da conservação. (...) Na fruição sou essencialmente para mim. Egoísta sem referência a outrem, sou sozinho sem solidão, inocentemente egoísta e só.⁵⁶

⁵⁴ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 100-101.

⁵⁵ Idem, p. 101-102.

⁵⁶ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 126.

Na fruição não há preocupação com o amanhã, nem com a fome do depois, o que importa é o agora, saciar a fome do agora, fruir, alimentar-se. Não há preocupação com a conservação de alimentos para o futuro. Não há necessidade de comer para existir, porque a finalidade é a comida. Na fruição, o eu pensa nele mesmo, não tem como referência o outro, ele é sozinho, inconsciente, egoísta⁵⁷. Nela há pura sensibilidade, não aquela que tem como finalidade a representação do pensamento.

A sensibilidade, na perspectiva de Levinas, refere-se ao sentimento no qual o egoísmo está latente no eu. Vive-se, pois os objetos contentam o eu em sua finitude. O finito é contentamento, finalidade. A sensibilidade é ingênua porque se basta, não tem reflexão. Por isso, Levinas afirma que fruir é sensibilidade e a separa do pensamento. Porque a sensibilidade descreve-se, pois, não como um momento de representação, mas como o próprio ato de fruir. Levinas, em *Totalidade e Infinito*, deixa claro que a sensibilidade é da ordem da fruição e não da ordem da experiência. A sensibilidade não visa nenhum objeto, mas a sua ação consiste em fruir.⁵⁸

O primeiro contato com o mundo que o eu faz é do alimento, o mundo é alimento e a existência entra também pela boca, o eu faz seu primeiro contato com o ser do mundo pela boca. É pelo alimento, pela luz, pelas flores, pelo cheiro, pela música, que são a sua finalidade, sem pensar, é o prazer de tê-los ao seu sabor, em sua graça. Na alegria que dá em consumir os elementos, é o mundo do consumo, consumir sem pensar. Não há nenhum ato moral, porque não há consciência, não há pensamento, nem reflexão.⁵⁹

O eu tem o mundo à sua disposição como alimento e se fecha em si, em puro egoísmo, que é necessário para o nascimento, para a formação do eu, não tem moral alguma, uma vez que seu interesse é viver e usufruir de tudo que tem ao seu alcance. O eu se coloca no mundo em pura sensibilidade, procurando satisfação. Vive porque vive, sem pensar, sem questionar-se por nada, visto que vive do que encontra, daquilo que está à sua disposição e aparece à sua frente. O eu tem um banho na imanência, a primeira verdade para ele não é refletida, nem pensada, é sentida. É pelos sentidos que o mundo entra no eu. Não há distinção, não há experiência, nem provas, somente há

⁵⁷ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 126.

⁵⁸ Idem, p. 128-129.

⁵⁹ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EST/Vozes, 1984, p. 37.

acesso ao prazer de sentir, a felicidade e ao gozo que Levinas define como uma involução, de sinceridade.⁶⁰

Viver na felicidade é viver para si mesmo, pensando em si, na mesmice, reduzindo o homem a linguagem da razão com um pensamento redutor. A felicidade potencializa o mesmo, fechando-se no conhecimento. A felicidade do mesmo é egoísta e basta-se⁶¹. Levinas separa a felicidade da filosofia ocidental, que procura o reconhecimento e a igualdade (política), da felicidade como desejo (religião), que não está pensando no reconhecimento, mas na responsabilidade e no sacrifício pelo outro.⁶²

O eu, quando vai ao mundo (ser), não vai interessado em ser, simplesmente vai para ser feliz, para satisfazer uma carência de uma infelicidade que tem em sua interioridade. Não reflete o ser, simplesmente é sem saber que é. Ele vai surgindo na fruição de um mundo, de um mundo ‘para si’ e que já o contenta⁶³, mas que não se mede em quantidade de alimento. O eu não está preocupado em medir a quantidade de ser que frui. A fruição é uma exaltação, o ápice que supera estar no ser⁶⁴. A fruição está num mundo que não tem nenhum segredo nem é estranho. Sua intenção é se apropriar sem nenhuma culpa nem vergonha⁶⁵. Neste egoísmo por usufruir, o eu está só, é um solitário que goza da sua solidão, pois não se sente abandonado, não pensa nessa solidão. Ela faz parte de sua constituição como eu; é o que Luiz Carlos Susin menciona: uma virilidade, uma alteza de ser único. Ele está numa situação de soberania com a exterioridade, o seu reino está feito de alimento para consumir sem limites.⁶⁶

O egoísmo é um primeiro apego ao mundo pela necessidade e sensibilidade; em primeiro lugar o eu é, existe, é uma coisa, não tem como não ser; os conteúdos de vida são os atos de viver. Antes de todo conhecimento, a vida é prazer e egoísmo. Os conteúdos da vida são vividos. A fruição para Levinas é excesso de ser.⁶⁷

⁶⁰ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 40.

⁶¹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 109.

⁶² LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 103-104.

⁶³ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 133.

⁶⁴ Idem, p. 136.

⁶⁵ Idem, p. 138.

⁶⁶ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 44-45.

⁶⁷ CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Idéias & Artes, 2010, p. 28.

3.6 O EU SEPARADO

A separação começa a partir dessa vida interior, de um eu que percebe algo diferente dele e que está fora dele, portanto não é ele, não faz parte dele, e começa a estabelecer uma relação ⁶⁸. O eu começa a nascer independente dos elementos, não há relação de conhecimento, não há reflexão, não há consciência. Ele percebe que há algo diferente dele, mas está separado das coisas, está em sua casa. A porta se abre para procurar o alimento, experiência em que usufrui e volta para casa e a porta novamente se fecha.

É necessário que tal encerramento não impeça a saída para fora da interioridade, para que a exterioridade possa falar-lhe, revelar-se-lhe, num movimento imprevisível que o isolamento do ser separado não poderia suscitar por simples contraste. É preciso, pois, que no ser separado a porta para o exterior esteja a um tempo aberta e fechada. É preciso pois, que o encerramento do ser separado seja suficientemente ambíguo para que, por um lado, a interioridade necessária à idéia do infinito permaneça real e não apenas aparente.⁶⁹

O eu, em seu interior, separado do mundo exterior, vive de modo egoísta, mas não fechado totalmente em sua interioridade, em sua casa onde se sente protegido. Nesse momento, o eu começa a surgir. A intimidade abre-se dentro de uma casa e, a partir dessa intimidade, começa a separação; na intimidade não se entra, não se invade, não se conhece. Na intimidade o eu separa-se do mundo exterior, que se situa nesse fora⁷⁰. Nasce o mundo, ele se dá a partir da morada e da separação e começa a acontecer a partir dessa intimidade da morada e da relação que estabelece com os elementos. O eu percebe que não é ele, e que está fora dele, o alimento está separado.⁷¹

O eu separado está contente na sua alegria, em sentir e em usufruir os elementos que pega e começa a levar para casa, porque, na fruição, alimenta-se daquilo que está fora da sua habitação. Na medida em que consome, começa a perceber que existe um mundo fora dele, não é ele, está fora dele. Nesse momento, o eu vai procurar fora da sua morada o alimento, já não está usufruindo inconscientemente, ele sabe que vai buscar aquilo que não é ele. Não é uma relação imediata com o não-eu, assim como acontece na fruição instintivamente. Agora ele sabe que vai procurar alimento. Na fruição, ele possui, mas também é possuído, agora a fruição a partir da morada de um eu separado e diferente. Agora encontramos o trabalho de sair de casa à procura de alimento, o eu se apossa do ser, do elemento, este, no momento em que é tomado pelo eu, perde seu ser.

⁶⁸ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 140.

⁶⁹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 141.

⁷⁰ Idem, p. 140.

⁷¹ Idem, p. 148-149.

A posse das coisas a partir da casa que se faz pelo trabalho distingue-se da relação imediata com o não-eu na fruição, da posse sem aquisição de que goza a sensibilidade que mergulha no elemento, que “possuir” sem apanhar. Na fruição o eu não assume nada. (...). A posse realiza-se pela tomada de posse ou pelo trabalho, que é o destino próprio da mão. A mão é o órgão de captação e de tomada, de primeira e cega tomada no meio do bulício: põe em relação comigo, com meus fins egoístas.⁷²

Essa energia, esse movimento que o eu realiza para obter e usufruir dos elementos, essa saída, Levinas define como trabalho, momento de tomada de posse usando a mão. A mão é a extensão, aquilo que pega, que apreende na fruição imediata no seu trabalho de adquirir os elementos, como finalidade, como alvo, apoderando-se das coisas. A mão é a extensão da boca, pela mão o eu tateia, conhece, investiga, percebe as coisas, acaricia-as e sabe se são do agrado ou não. Pelo tato se conhece o mundo exterior e se introduz ao mundo interior. “O poder da mão que capta ou que arranca ou que tritura ou que amassa, refere o elemento não a um infinito em relação ao qual se definiria coisa, mas a um fim no sentido de alvo, no alvo da necessidade”⁷³. Ele trata o ser como algo móvel e leva-o para sua interioridade (casa), sem ter muita consciência do que está levando para casa. A mão pega o que encontra, se apossa de tudo, do ser dos elementos, ela capta e leva.

3.7 O OUTRO TEM NECESSIDADE

A necessidade é um movimento que se estabelece com aquilo que é externo ao ser, compreende um processo de dependência do outro que necessita sair de si para possuí-lo, para satisfazer suas necessidades. Elas estão no eu, de tal forma que as percebe e precisa satisfazê-las. É nesse momento que começa a pensar na maneira de satisfazer suas necessidades e o trabalho de saída que terá que fazer para procurar satisfação. A necessidade é uma dependência que precisa se satisfazer para poder viver. “As necessidades estão em meu poder, constituem-me enquanto Mesmo e não enquanto dependente do Outro. Por conseguinte, tendo reconhecido as suas necessidades como necessidades materiais, isto é, como capaz de se satisfazer, o eu pode voltar-se para aquilo que não lhe falta”.⁷⁴

As necessidades são materiais e, por este motivo, podem ser satisfeitas, de tal forma que o eu procura a maneira de fazê-las. Esta é a primeira dinâmica, percebe-se como necessitado e pensa como satisfazer tais necessidades e o modo de adquirir o “alimento”. “Ter frio, fome, estar nu, procurar abrigo – todas estas dependências em relação ao mundo, tornadas necessidades, ameaçam o

⁷² Idem, p. 151-152.

⁷³ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 152.

⁷⁴ Idem, p. 106.

ser instintivo às anônimas ameaças para constituir um ser independente do mundo, verdadeiro sujeito capaz de assegurar a satisfação das suas necessidades”.⁷⁵

Levinas enfatiza que, na necessidade, se morde o real e o eu pode satisfazer-se e assimilar o outro que não é ele de tal forma que terá o trabalho para satisfazer suas necessidades corporais e, aos poucos, perceber que é um outro diferente daquele do qual se satisfaz⁷⁶. Na necessidade não há muita preocupação, não há consciência de futuro, visto que o eu não está preocupado com a existência. Ele se preocupa em satisfazer as necessidades que ele percebe, a preocupação é a comida. A necessidade é simples, satisfação e conformismo⁷⁷. Por isso, não devemos pensar que o eu nesse instante como livre, pois é dependente, porque vive atento àquilo que o satisfaz e que o alegra em atender suas necessidades. O eu que não tem necessidade não é feliz nem infeliz, porque a satisfação está na necessidade satisfeita, que é simples dependência. Este momento de felicidade que o eu tem é necessário, porque começa a ter a experiência da felicidade, de pensar na maneira e no trabalho para satisfazer as necessidades. Na fome, na falta, já há certa satisfação, porque é um prelúdio do que viverá, que é a felicidade e o prazer⁷⁸. Por isso, é na “necessidade que o homem se compraz”.

Essa experiência pode ser situada no testemunho de São Paulo que ao proferir sua oração exorta: é na fraqueza, na necessidade que o homem se movimenta e sai de si em busca daquilo que o fortalece,

(...) pois é na fraqueza que a força se realiza plenamente. Por isso, de bom grado, me gloriarei das minhas fraquezas. Para que a força de Cristo habite em mim, e me comprazo nas fraquezas, nos insultos, nas dificuldades, nas perseguições e nas angústias por causa de Cristo. Pois, quando estou fraco, então é que sou forte.⁷⁹

Podemos perceber que a necessidade está presente num eu insatisfeito, incompleto, que vive na falta e essa falta o leva a procurar satisfação. Uma necessidade que nasce do próprio eu e que tende à satisfação; há uma defasagem que aparece a cada instante de satisfação⁸⁰. À medida que o eu vai identificando suas necessidades, vai trabalhando para satisfazê-las, e elas vão desaparecendo na medida em que são satisfeitas. Estas necessidades que o *mesmo* tem, somente são satisfeitas ontologicamente. “O ser tende *per definitionem* à sua completação em sua dinâmica totalizante. As

⁷⁵ Idem, p. 107.

⁷⁶ Idem, p. 108.

⁷⁷ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 126.

⁷⁸ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 139.

⁷⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. [2 Cor. 12, 7-10].

⁸⁰ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 265.

necessidades do ser devem ser satisfeitas no âmbito do ser mesmo. Mas seu espectro de satisfação chega apenas às suas fronteiras ontológicas internas, temporais, espaciais, teleológicas”.⁸¹

3.8 RELAÇÃO COM O MESMO

Levinas se posiciona contrariamente à tradição filosófica que deu poder para o eu e representou o outro, aquilo que está fora pode levá-lo para dentro de si e torná-lo o mesmo, pois sempre houve uma adequação daquilo que era representado e o que realmente é. Essa realidade e posição que o eu ocupa na filosofia ocidental é questionada, uma vez que o outro fica fechado e limitado no mesmo. Pode acontecer a morte do outro ou mesmo que ele fique preso ao mesmo, porque ele é aquilo que o eu representou. Ao contrário, o outro interpela essa representação, resistindo ao conteúdo da consciência do eu⁸². Essa liberdade que o eu tem de tomar, pegar o outro, como se fosse ele mesmo, justifica-se em toda a tradição filosófica. “O outro está em mim, sou eu mesmo”. É este pensamento redutor e totalizante que habilita o eu a possuir, neutralizando o outro e reduzindo-o ao nada.⁸³

O eu, no seu máximo egoísmo, sempre quer enquadrar, fechar o outro em sua representação, em suas teorias, no espírito de conquista, na sua afirmação como eu. O eu, quando se autoafirma egoistamente, somente pensa em si e não pode ver a realidade fora dele, não aceita uma lógica diferente à sua. A tradição filosófica com sua exacerbada confiança na “razão instrumental”, fecha-se a qualquer pensamento que escape aos parâmetros por ela delimitado. Há um exercício de poder, de violência, no qual o outro é neutralizado e fechado num sistema totalizante e, portanto, fechado à novidade do outro, que é o metafísico.⁸⁴

Há uma totalização, quando o eu se fecha em si, em seu pensamento, na lógica de um pensamento uniforme, o “eu penso” que não aceita nada fora de si e que não respeita a diacronia estabelecida pelo outro diferente e somente aceita do outro aquilo que é conhecido, aceita o igual a si mesmo. A razão totalizadora é fechada em seu pensamento e em sua lógica e, ao longo da história, tem mostrado a sua ineficácia através das guerras, dos campos de concentração, da intolerância religiosa, da violência de gênero, da intolerância com os migrantes e refugiados, assim como outras

⁸¹ SOUZA, Ricardo Timm de. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 125.

⁸² CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Idéias & Letras, 2010, p. 138-139.

⁸³ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 30-31.

⁸⁴ SOUZA, Ricardo Timm de. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 22.

situações de não reconhecimento do outro como totalmente diferente. Para a razão e o mesmo não há nada de novo, tudo se dá a partir dele e é igual e ele⁸⁵. A razão não dialoga com o outro, mas consigo; há um monólogo.

(...) o pensamento no Mesmo, que é a Razão. O conhecimento é o desdobramento dessa identidade, é liberdade. O facto de a Razão ser no fim de contas a manifestação de uma liberdade, neutralizando o Outro e englobando-o, não pode surpreender, a partir do momento em que se disse que a razão soberana apenas se conhece a si própria, que nada mais a limita. A neutralização do outro, que se torna tema ou objeto (...) é precisamente a sua redução ao Mesmo.⁸⁶

Quando o eu se identifica com o outro, na realidade, não há outro, há o mesmo, há uma tautologia que coincide com o eu que permanece sempre o mesmo e volta a fechar-se em si mesmo. Esse mesmo é o eu que não tem alteração e não é desafiado a sair do seu egoísmo e sempre está se identificando, se autoafirmando e repousando em sua casa. Suspendendo toda possível alteridade, representa tudo e dá sentido a tudo. O outro é outro não a partir de si, mas a partir do eu, ou seja, o outro é “outro para o mesmo”, ou seja, “outro no mesmo”.⁸⁷

O movimento aqui é fechado. Forma-se um sistema de negativo x positivo. Trata-se de um sistema violento porque não reconhece o outro como um totalmente outro, mas o outro para mim. O eu ignora o outro e o engloba em seu discurso racional, pois não há palavra para que o outro possa manifestar-se. Não há encontro, nem muito menos assimetria. Esta filosofia do mesmo, que é tipicamente ocidental, é cruel e violenta; instala a injustiça, quando proclama a razão própria como a única verdadeira. Esta filosofia da ontologia é a que justifica a felicidade egoísta do mesmo. Aqui entra a figura de Ulisses que sempre retorna para casa, feliz, e se compraz consigo mesmo. Ulisses representa a filosofia grega com a afirmação da razão, que visa à complacência, à felicidade e ao bem do mesmo.⁸⁸

⁸⁵ SOUZA, Ricardo Timm de. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 57.

⁸⁶ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 30.

⁸⁷ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 90-91.

⁸⁸ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 152-153.

4 O OUTRO É ABSOLUTAMENTE DESIGUAL

Neste capítulo, pretende-se demonstrar, a partir do pensamento do autor, quem é o outro que se apresenta constantemente e que não pode ser ignorado. Esse outro que é absoluto, desigual, transversal, inoportuno, absurdo e não se fecha em nenhum sistema.

Há um momento em que o outro se manifesta e começa a romper essa identificação do eu com o outro, fechando-se à manifestação do absolutamente outro, é o momento do trauma. O outro não aparece a partir do eu, mas a partir de si próprio, rompendo toda sincronia, simetria, identificação. Pelo olhar, pelo rosto, pela palavra, o outro entra em relação com o eu; aqui está a questão que se pretende aprofundar no decorrer da presente pesquisa, qual seja, a relação com o outro. O outro inaugura um momento de relação, quando contesta toda iniciativa do eu; quando diz não ao eu, inaugura um novo tempo. Pelo olhar, pelo rosto ou pela palavra, o outro entra em relação com o eu, mas pelo olhar, pelo rosto ou pela palavra, o outro também tem algo a dizer, é o momento do encontro e da explosão da totalidade⁸⁹. Quem é esse Outro?

Para Levinas, o outrem (outro) tem o poder soberano de dizer não a tudo aquilo que o eu possa ter criado a partir de si, outrem termina com essa criação fantasiosa do eu e estabelece uma luta. Outrem diz não com força e ataca, oferece até a espada para estabelecer uma luta, mas uma luta de resistência. Oferece a bala para o eu, e se opõe à totalização, pedindo para não o matar. É aqui que aparece a resistência ética da não aceitação e da não redução.⁹⁰

Diante deste desafio, estabelece-se este duelo de forças. Levinas afirma que o outrem é o único ser que o eu pode querer matar, porque o eu não aceita que seja independente e desigual. O eu perde o poder de dominá-lo, de exigir uma identidade, e não tem todo o poder sobre ele. “Só posso querer matar um ente absolutamente independente, aquele que ultrapassa os meus poderes e que desse modo não se opõe a isso, mas paralisa o próprio poder de poder. Outrem é o único ser que eu posso querer matar. (...). Outrem, que pode soberanamente dizer-me *não*”.⁹¹

O outrem vem de fora do eu, ele não está no eu, é um ser que se apresenta como estrangeiro, viúvo, órfão e que vem de uma dimensão de altura; ele se apresenta, na realidade, ele é real e se coloca em relação, mas não é absolutamente outro, está além do fenômeno⁹². O eu que identifica o

⁸⁹ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 224.

⁹⁰ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 193.

⁹¹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 193.

⁹² Idem, p. 208-209.

outro como mesmo, que é igual a dizer que “eu sou eu”, vive fechado em si mesmo como mônada, tornando o outro conteúdo de representação; e há uma correlação na relação dos termos que se identificam e se completam.

A possível transcendência fica destruída, porque, neste sistema, há um ir e vir, os olhares encontram-se em fusão. Nesse sentido, há uma ida e uma volta que se correspondem e que se fecham entre si, o outro como alteridade estaria reduzido ao mesmo. O eu sempre vai representar o outro a partir de si próprio e as possíveis diferenças também. Haveria, pois, uma possível irreversibilidade, e isso não significa que a eventual separação que se estabelece entre o eu e o outro seja preenchida pelo eu que pensa e que sempre toma a iniciativa. Para Levinas, ser outro é estar radicalmente separado do eu:

A alteridade, a heterogeneidade radical do outro, só é possível se o Outro é realmente Outro em relação a um termo cuja essência é permanecer no ponto de partida, servir de *entrada* na relação, ser o Mesmo não relativa, mas absolutamente. *Um termo só pode permanecer absolutamente no ponto de partida da relação como Eu.* Ser eu é, para além de toda individualização que se pode ter um sistema de referências, possuir a identidade como conteúdo. O eu não é um ser que se mantém sempre o mesmo, mas o ser cujo existir consiste em identificar-se, em reencontrar a sua identidade através de tudo o que lhe acontece. É a identidade por excelência, a obra original da identificação.⁹³

Tornar o outro o mesmo é egoísmo do eu, que pega para si aquilo que representou e esta é a sua verdade, sem sair da sua casa e permanecendo em si, o outro não existia fora, já estava no eu. Neste caso, o mesmo e o outro fechariam um sistema totalizante de um pensamento que não vai provocar nenhuma ruptura.⁹⁴

O outro não é uma ideia ou um objeto ideal; a sua alteridade é maior que a ideia, ele está acima ou abaixo dessa ideia, mas nunca corresponde, não há correlação com a ideia formada pelo eu. O outro sempre está além da ideia que se possa fazer dele, visto que não pode haver igualdade, no caso que aconteça essa igualdade significaria uma universalização, subproduto de uma desigualdade. Segundo Levinas, a ideia vem do outro e nunca do eu. O outro sempre é prioridade. A relação do eu com o outro deve ser irreversível e só posso falar a partir do eu, do si e nunca a partir do outro. “Só posso falar de mim e do meu mundo ao outro. Como sou apenas um dos temas da linguagem (...) sou um ponto de vista não abrangente e uma vista que não pode se desfazer do seu ponto de vista”.⁹⁵

⁹³ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 22.

⁹⁴ *Idem*, p. 25-26.

⁹⁵ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 219.

Porém, o eu sabe que o outro não é ele, identifica que o outro está fora, que é estranho a ele, não é só o mesmo, é algo mais; mas, cada vez que pensa nele, o idealiza, o fecha num conceito no plano do saber, tornando-o um ente totalmente manipulável⁹⁶. Quando falamos em conhecimento, o entendemos quando o reduzimos a uma representação, isto é, quando reconduzirmos do passado e do futuro e trazemos para a presença, fazendo uma síntese sincronizada do conhecer e do conhecido no interior do eu que pensa o outro e tenta entender a alteridade como sendo sua, trazendo-a para si próprio. É nesse sentido que o outro se faz próprio do eu, é a redução do outro ao mesmo, reduzindo-o ao “eu penso”. Há uma identificação entre o pensante e o pensado: “A questão do pensamento identificante, que é um exercício de poder identificante, sugere sempre o caminho em direção a uma visão intelectual sintética – sincrônica, onde tempo e diferença tem de abdicar de sua especificidade (...) para se transformar em categorias lógicas”.⁹⁷

Quando reduzimos o outro a categorias, a delírios e a projeções, confundindo o eu com o mundo que o rodeia e, portanto, querendo conquistar esse mundo pelo intelecto, apreendemos; o eu mata o outro quando o conceitua, o nega e não possibilita o encontro para que ele possa manifestar-se através do seu rosto. Assim, o eu reduz o outro e dele se utiliza como um produto para satisfazer as expectativas criadas por ele, sem ter em conta a humanidade do outro e sua condição de absolutamente outro. Nesse caso, percebemos a violência contra o outro que é visto a partir da razão, sem ter em conta que ele extravasa todas as imagens dela.⁹⁸

O outro é a quítriede bíblica do pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro, que são os modelos bem concretos de alteridade, porque são bem diferentes do que pode ser pensado e conceitualizado; estão em uma condição distinta do eu. Estão totalmente separados e são negados constantemente no mundo, por isso não são deste mundo, se tornaram estranhos, estrangeiros e solitários, marginalizados e inconvenientes. Neste caso, o outro é o desigual. O eu, nessa instância, não tem o poder de discutir a alteridade tornando-a o mesmo⁹⁹. O outro da quítriede bíblica vem do além e se apresenta diante do eu como um mestre, como autor que está além da transcendência e que fala “não me mates”, mostrando sua assimetria que não é alter ego. Portanto, a relação face-a-face que Levinas fala é uma relação que não tem reciprocidade, porque é entre desiguais e separados. “Eu

⁹⁶ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 75-76.

⁹⁷ SOUZA, Ricardo Timm. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 130.

⁹⁸ COSTA, José André da. *Ética e política em Levinas: alteridade, responsabilidade e justiça*. Passo Fundo: Ifibe, 2013, p. 56.

⁹⁹ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 201-202.

sou separado, unicidade da primeira pessoa. (...). O outro é separado, (...), está diante de mim separado de mim e separado de meu mundo: é menor de que eu e menor que ser (...). Mas também é mais do que ser”.¹⁰⁰

Portanto, para Levinas:

O outro com o qual o metafísico está em relação e que reconhece como outro não está simplesmente alhures. O outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda iniciativa, a todo imperialismo do Mesmo; o outro de uma alteridade que constitui o próprio conteúdo do outro; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade de fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo”.¹⁰¹

4.1 A EPIFANIA DO OUTRO

O outro vem de fora do eu, não está na centralidade, do contrário seria o mesmo. Na epifania, o outro se dá fora de todo conceito e de qualquer tempo, rompendo os esquemas formados e as expectativas do eu. “A epifania que se produz como rosto não se constitui como todos os outros seres, precisamente porque ‘revela’ o infinito. A significação é o infinito, isto é, outrem”¹⁰². Ele não se pode imaginar e não cabe no mesmo, está fora, além, não vem de uma ideia pré-formulada, porque é um infinito que não pode ser enquadrado na ideia, visto que ultrapassa toda ideia e todo poder.

É através do olhar, do rosto, da palavra que acontece a epifania e rompe com um mundo pacífico e em comum. A epifania do outro é que rompe com a ordem, com as lógicas estabelecidas, rompe com a unidade de gênero, quebrando toda continuidade do ser e da história. Na epifania, o outro aparece por trás do dito, do esperado. Nela se reforça a separação dos termos para que possa acontecer uma relação ética que começa a partir do outro, que, na sua epifania, vem ao encontro.¹⁰³

A epifania que se dá no olhar, no rosto, na palavra, é ética e tira todo poder que o eu tem, já que resiste às fórmulas e estabelece uma relação no discurso, impondo-se em sua manifestação. O eu, ao manifestar-se, desestabiliza todo discurso prévio, e impõe a sua verdade, que é diferente da verdade que o eu tinha formulado sobre o outro. Na epifania, o outro estabelece uma assimetria e

¹⁰⁰ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 216.

¹⁰¹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70. 2014, p. 25.

¹⁰² LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70. 2014, p. 201.

¹⁰³ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70. 2014, p. 188-190.

expressa que tem fome, tem sede, tem frio, envolvendo o eu em sua realidade desde uma dimensão de altura, ultrapassando toda manifestação plástica.

Na manifestação pelo olhar, pelo rosto, pela palavra, impõe-se, além da manifestação, um encontro face-a-face ¹⁰⁴. Um encontro no qual o outro me pede e exige que eu seja responsável por ele; ninguém é mais responsável por ele que o eu mesmo, na sua diferença, na sua assimetria que exige acolhimento e igualdade. Levinas propõe a responsabilidade do eu pelo outro, pelo pobre, pela viúva, pelo órfão e pelo estrangeiro; hoje por todas as minorias empobrecidas e discriminadas às quais é negada a dignidade de ser absolutamente desiguais neste mundo, mas com todos tenho obrigação de cuidá-los e não ser indiferente a eles, porque nesse caso estaria negando a existência deles e os matando.¹⁰⁵

4.2 O OUTRO DESIGUAL SE APRESENTA

O outro como totalmente outro, diferente, desigual, vem ao nosso encontro, apresenta-se e se dá de várias maneiras. Destacam-se, aqui, quatro formas por meio das quais Levinas apresenta a manifestação do outro. Considerando que no face-a-face já há uma relação entre o eu e o outro, na relação, o outro se está dando a conhecer a cada instante e, por esse motivo, coloca-se esta relação como momento em que ele se apresenta e se atualiza permanentemente.

4.2.1 O outro se dá pelo olhar

Este outro se apresenta diretamente pelo olhar. Também podemos usar, no lugar do olhar, o rosto, a palavra, o semblante, a face. Escolherei em primeiro lugar o termo olhar. É uma epifania que vem de fora do eu e se apresenta, manifesta-se diretamente sem nenhuma mediação. É um olhar que expressa tudo, o outro se dá tudo, expressa tudo, sem contato, sem referências, sem máscaras e sem tematização. É um olhar nu. Este olhar não esconde a intimidade, ele a mostra despojando todas as máscaras e as vestes que escondem o mais importante. “É uma exposição extrema e sem nenhuma

¹⁰⁴ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 194-195.

¹⁰⁵ Idem, p. 211.

defesa, e por isso, uma retidão, uma sinceridade e uma imediatez que guia não só a concupiscência, mas também a violência diretamente sobre si”.¹⁰⁶

É um olhar que não se materializa, que não se faz fenômeno, somente revela; ele nunca pode ser apreendido; ele tem uma dimensão de altura, não é deste mundo, é transcendente. Não podemos pensar o olhar como um fenômeno. Ele chega e penetra o eu sem nenhuma mediação; é direto e, por isso, não pode ser apreendido, porque não é fenômeno. Olhar forte que queima, tem luz própria e a irradia; instaura um momento importante para o eu, porque, a partir desse momento, tira-o da sua mesmice, da sua solidão, do seu egoísmo, inaugurando um novo tempo. “O olhar que me vê põe fim à minha solidão, inaugura um novo reino”¹⁰⁷. Sem o olhar, o outro não se pode dar, por isso pelo olhar me suplica, pede socorro, mas também condena. Jesus cura o cego Bartimeu que queria enxergar, poder ver, poder expressar-se e dar-se através do olhar que expressa o que não dá para dizer em palavras ou gestos. Pelo olhar expressa-se a vida, o sentimento, a felicidade, a tristeza que não dá para explicar pela razão.

Chegaram a Jericó. Jesus saiu de Jericó, junto com seus discípulos e uma grande multidão. Na beira do caminho havia um cego que se chamava Bartimeu, o filho de Timeu; estava sentado pedindo esmolas quando ouviu dizer que era Jesus que estava passando, o cego começou a gritar: “Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim” (...). Então Jesus parou e disse: “Chamem o cego”. (...). Então Jesus lhe perguntou: “o que você quer que eu faça por você?” E o cego respondeu: “Mestre, eu quero ver de novo”. Jesus disse: “Pode ir, a tua fé curou você”.¹⁰⁸

Nesse sentido, é possível perceber que o cego não o era de nascença, pois, no passado, podia ver e sabia o que isso significava; por isso, pede a Jesus para voltar a ver. Ele queria enxergar de novo, expressar-se pelo olhar. Ver e deixar-se ver, dar-se, manifestar-se pelo olhar. Jesus sabia da importância que tem o olhar, porque é indecifrável, porque através dele o eu se dá a outrem e expressa alegrias, tristezas, decepções, frustrações, dúvidas, expectativas, que não podem ser expressas em palavras ou símbolos.

O olhar destrói todas as imagens plásticas, todas as máscaras e expressa o que realmente quer revelar; ele traz a noção de verdade que não é desvendar, mas ultrapassa todas as mediações que encontra no ser para expor o seu conteúdo, contradizendo aquela tematização que o eu fez dele. O Olhar é a expressão por excelência e difere de todo o conteúdo que se tenha feito previamente e que possibilita o discurso, o diálogo, a palavra, a linguagem. Mas este olhar está antes de qualquer

¹⁰⁶ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 209.

¹⁰⁷ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 206.

¹⁰⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. [Evangelho de Marcos 10, 46-52].

pergunta, ele se dá antes de qualquer questionamento. Em primeiro lugar, está a manifestação pelo olhar; depois, a pergunta e a palavra.

Tendo presente que o olhar já possui seu conteúdo em si, tudo aquilo que se possa imaginar, descrever, analisar é uma tentativa de desvendar algo que já está revelado, que não dá para decifrar, uma vez que se apresenta com uma história, com uma singularidade já formada no olhar nu. Segundo Levinas, é quando as coisas se apresentam sem metáfora, quando não precisam ou não têm ornamento, se mostram como são. Através da máscara penetram os olhos, a indisfarçável linguagem dos olhos. O Olho não reluz, fala. A alternativa da verdade e da mentira, da sinceridade e da dissimulação é o privilégio de quem se mantém na relação de absoluta franqueza, na absoluta franqueza que não se pode esconder.¹⁰⁹

As paisagens não precisam de mediações, elas são nuas, porque só cumprem a função de mostrar o que são. Para Levinas, a nudez é o excedente do ser sobre a sua finalidade. Há algo de absurdo, porque mostra além da sua finalidade ou da sua utilidade. Há um desnudar-se impudicamente ao ponto de ter vergonha da sua nudez.¹¹⁰

4.2.2 O outro se dá pelo Rosto

Outra forma que o outro se dá é pelo rosto. Pelos seus vestígios, ele se apresenta, podemos ter dele uma noção de um passado, de uma vida vivida, de uma realidade que se apresenta sem ser unicamente presente, mas que é a forma que ele manifesta a vida vivida e expressada. Há rostos bonitos, e outros não tão bonitos, rostos sofridos, que expressam ternura ou misericórdia. Pelo rosto, o eu se dá assim, como ele é, muitas vezes tem receptividade ou não, porém o rosto não encerra aquilo que já está determinado, mas expressa e rompe a imagem plástica que o esconde. O rosto é nu e é por si próprio, não se enquadra em um sistema nem a meu poder de desvelá-lo. Não há relação fechada nem simétrica entre mim e o rosto do outro, porque expressa uma realidade e um tempo que não é atual, nem presente, é de outro tempo, por isso ele vem de uma dimensão de altura.¹¹¹

Francisco de Assis, quando tem o primeiro encontro com o leproso, sente uma repugnância que o leva a sair correndo e sentir nojo do mesmo. O indivíduo enfermo, ao se aproximar, é bem diferente daquele que é visto à distância, seu rosto expressa uma realidade bem diferente daquela que

¹⁰⁹ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 206-207.

¹¹⁰ Idem, p. 63-64.

¹¹¹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 64-65.

Francisco e a sociedade tinham dele. Sua condição é de negação de convívio no meio social é um leproso criado a partir de um discurso racional excludente. Mas ele existe e é bem diferente, ele é real e, por isso, Francisco aproxima-se dele, e os dois fazem uma das experiências mais exóticas de suas vidas. O encontro provoca um desencontro, uma ruptura. Francisco, depois de beijar, aproxima-se daquele rosto e tira da sua cabeça o conceito que ele tinha do outro; o leproso que estava na sua cabeça não é real, por isso “desaparece” da sua frente. A partir desse momento existe um leproso real, concreto, que rompe todo pré-conceito formado anteriormente e se apresenta nu, sem máscara, real.

Ele, que tinha natural aversão pelos leprosos, julgando-os a monstrosidade mais infeliz deste mundo, encontrou-se um dia com um, quando andava a cavalo por perto de Assis. Ficou muito aborrecido e enjoado mas, para não quebrar o propósito que fizera, apeou e foi beijá-lo. O leproso estendeu-lhe a mão para receber alguma coisa e recebeu de volta o dinheiro com um beijo. Francisco tornou a montar mas, apesar de estar em campo aberto, olhou para todos os lados e não viu mais o leproso.¹¹²

Levinas coloca bem claro essa ideia quando nos fala do rosto, ele é real e concreto. Desmistifica todas as ideias que se possam ter formulado do outro. Com o rosto o outro nos contesta e mostra que ele tem uma vida diferente daquela que imaginamos. Ele tem um passado, uma história, que vem de outro mundo, que não é aquele que concebemos e pensamos. O rosto não é presente; é passado, é vivido, está em nossa frente, mas não é presente. Por isso, não podemos falar, somente ele pode falar de si mesmo.

Por isso se separa de nós, não é aquele conteúdo que nós formamos dele. A noção de rosto difere de todo conteúdo representado (...). A noção de rosto difere de todo o conteúdo representado. Se a pergunta *quem* não questiona no mesmo sentido que a pergunta *o que*, é porque aqui o que se pergunta *quem* ao próprio rosto, que é a resposta a tal pergunta. (...). O rosto, expressão por excelência, formula a primeira palavra: o significante que surge no topo de seu signo, como olhos que vos observam. (...). O rosto que acolho faz-me passar do fenômeno ao ser num outro sentido: no discurso, exponho-me a interrogação e essa urgência de resposta.¹¹³

Pelo rosto acontece a epifania do outro, apresenta-se, vem do além e rompe com o mundo que pode ser comum, o mundo do outro é diferente do mundo do eu. Na epifania do rosto, nasce a ética. “O rosto ameaça de luta como de uma eventualidade, sem que tal ameaça esgote a epifania do infinito”.¹¹⁴

¹¹² FONTES FRANCISCANAS. Petrópolis: Vozes, 2004, II Celano, 5.

¹¹³ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 172-173.

¹¹⁴ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 194.

4.2.3 O Outro se dá pela Palavra/discurso/linguagem

Diante desta nudez, que é a ausência de qualquer mediação, de qualquer máscara, é que pode acontecer a palavra. A palavra é algo que acontece no espaço que se encontra entre o eu e o outro. É aquilo que preenche a distância e que revela o outro, rompendo a coerência dos conceitos formados. A linguagem rompe as representações, as universalidades, as generalidades. Ela supõe interlocutores numa pluralidade, ela é ética. Em razão dela, o eu e o outrem separam-se. A linguagem possibilita a estranheza e a separação radical dos interlocutores. É a experiência de algo absolutamente estranho.

Pela linguagem, o outrem deve ser estranho para o eu, deve traumatizá-lo e provocar nele um espanto. A linguagem consiste em encontrar uma relação na nudez do encontro, sem nenhuma forma ou mediação¹¹⁵, entre interlocutores que são totalmente diferentes; do contrário, não haveria necessidade de comunicação nem de discurso, não haveria nudez nem espaço, nem separação para que pudesse acontecer a linguagem. “Os interlocutores não são iguais. Chegando à verdade, o discurso é discurso com um deus que não é nosso ‘companheiro de escravidão’”.¹¹⁶

A linguagem acontece quando se rompe a unidade no ser do eu e do outrem, tornando-os incompatíveis, portanto, separados entre si. Pode haver uma tematização do eu, mas a linguagem rompe e acaba com essa tentativa; “o outro pode sem dúvidas apresentar-se como um tema, mas a sua presença não se funde no seu estatuto de tema”. Ou seja, tudo aquilo que o eu pode pensar, apropriar, conceituar acerca de outrem, pela linguagem, outrem vem romper e questionar com tudo. A linguagem estabelece o abismo entre o eu e o outro, por meio dela o outro anuncia sua inviolabilidade ética e a sua santidade.¹¹⁷

É a partir do outro que a linguagem rompe com o pensamento racional totalizante e absolutizador, ela rompe com o interior da consciência que pretendia apreender o outro. A linguagem nunca chega a expressar tudo o que deveria, é uma tentativa de comunicar; nessa tentativa deixa de dizer, pois uma coisa é o *Dizer* e outra é o *Dito*, “pois eu me aproprio, através do Dito, de todo o seu Dizer, da sua obra de manifestação, da sua linguagem, torna-se um ter para a minha apropriação”¹¹⁸. A linguagem não é só o conhecimento de alguma coisa, mas é o que coloca em relação ao eu e ao outro, que é a relação que, ao mesmo tempo em que aproxima os dois, os separa e mostra que são

¹¹⁵ Idem, p. 63-64.

¹¹⁶ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 61.

¹¹⁷ Idem, p. 198-199.

¹¹⁸ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 88.

diferentes. “A linguagem não é nem uma experiência nem um meio de conhecimento de outrem, mas o local de encontro com o Outro, com o estrangeiro e o desconhecido do Outro”.¹¹⁹

Pela palavra, o outro fala a alguém, apresentando-se pelo rosto, pelo olhar, e ao falar resiste à totalização. A palavra tem o poder de romper com qualquer sistema dominante, excludente e fechado. Quando o outro não se expõe com a palavra perde sua originalidade, porque sempre estará na luta constante de não se deixar fechar nas lógicas totalizantes e conceituais. A palavra sempre vai contestar todo tipo de tematização. Ela deve estar em permanente vigília contra todos esses abusos objetivantes. Quando a palavra não cumpre esta função, acontece a despersonalização pelo eu ou pelo terceiro, eliminando a alteridade. Quando desaparece a alteridade, desfiguramos o rosto que nos olha. Pela palavra, rompe-se o sistema totalizante e mutilador do rosto, cria liberdade dos interlocutores que são transcendentais, porque estão fora desse sistema. A linguagem liga os entes pela responsabilidade e o respeito em reconhecer no olhar do outro a sua alteridade.¹²⁰

Pela palavra, o outro manifesta-se e começa a fazer parte do eu; é uma relação entre termos separados e diferentes que se reconhecem numa existência e vivem próximos, humanizando-se e reconhecendo a exterioridade de ambos. “A proximidade (...) é estar em contato com a Alteridade do outro sem anulá-la (...). Uma proximidade que, de fato, é exterioridade. O outro é sempre exterioridade, é sempre mais amplo”¹²¹, por isso precisa da palavra para continuar sua epifania. Pela palavra, inaugura-se um novo tempo, um mundo novo onde o eu e o outro se descobrem. Por isso, segundo o Evangelho de São João, a partir do verbo, da palavra, inaugura-se o tempo e o mundo: “No começo a Palavra já existia: a palavra estava voltada para Deus, e a palavra era Deus. Tudo foi feito por meio dela, e de tudo que existe nada foi feito sem ela. Nela estava a vida, e a vida era a luz dos Homens”.¹²²

4.3 O ENCONTRO FACE-A-FACE

A relação face-a-face não é uma relação em que o eu e o outro caminham juntos lado a lado, mas também é um encontro, um enfrentamento definido por Levinas como frente a frente; uma relação mestre-discípulo, em que o outro é o mestre, que não é superado em nenhum momento, porque é

¹¹⁹ POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas*. Trad. J. Guinsburg, et al. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 22.

¹²⁰ CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Idéias & Letras, 2010, p. 127.

¹²¹ COSTA, José André. *Ética e política em Levinas: alteridade, responsabilidade e justiça*. Passo Fundo: Ifibe, 2013, p. 72.

¹²² BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. [Evangelho de São João, 1, 1-4]. Esta passagem do Evangelho faz referência ao Livro de Gênesis no primeiro capítulo da criação, que pela palavra Deus cria o mundo.

soberano. No encontro face-a-face, o outro contesta e faz um apelo: “tu não matarás”¹²³. Matar não é apenas aniquilar corporalmente o outro, matar é também negar a sua existência, conceituá-lo, fazê-lo o mesmo. O encontro face-a-face é todo olhar, todo rosto, toda palavra, é sua máxima epifania. Na proximidade do encontro em que acontece o face-a-face, há uma revelação do outro diante da compreensão intelectual que o eu faz. O outro se vela e se revela. “A posição ‘*frente a frente*’ não é uma modificação do ‘*ao lado de...*’. Mesmo quando tiver ligado Outrem a mim pela conjunção ‘e’ continua a fazer-me frente, a revelar-se no seu rosto”¹²⁴.

No face-a-face, há uma intriga em que a simetria é destruída pela proximidade com o Rosto, em que o eu fica obcecado pelo outro. Nesse encontro, estabelece-se uma relação metafísica, que questiona e rompe com a relação ontológica para estabelecer uma relação diacrônica e assimétrica entre dois entes separados, os quais se ligam pela religião na responsabilidade do cuidado pelo outro.¹²⁵

Para Levinas, no encontro com o Rosto, na relação face-a-face, o outro se cruza no meu caminho, instala-se em minha frente, não é uma relação de iguais, lado-a-lado, é face-a-face. Estabelece-se uma ruptura, uma intriga. Há uma situação ética que abre uma perspectiva metafísica, porque evita e não permite que o outro continue sendo pensado e tematizado¹²⁶. Somente esta relação é a que termina com a violência contra o outro, quando este é conceituado e totalizado, porque pela proximidade com o rosto do outro, ele se revela como desigual, diferente daquilo que a razão tinha criado.

4.4 O ABSOLUTAMENTE OUTRO

O outro vai além do eu e da minha tematização, de toda injustiça para com ele, está além porque é superior ao eu, vem de uma dimensão de altura, é metafísico, contesta o eu e exige não matá-lo. Escapa a todo poder do eu e absolutamente a toda ideia que se possa fazer dele¹²⁷. Eticamente, o outro não faz par com o eu, nem se liga aos conceitos formais, nem é um avesso da identidade do eu, é uma alteridade que está fazendo resistência ao mesmo. Ele é uma alteridade anterior a qualquer

¹²³ COSTA, José André. *Ética e política em Levinas: alteridade, responsabilidade e justiça*. Passo Fundo: Ifibe, 2013, p. 210.

¹²⁴ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 70.

¹²⁵ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria da Paz: ética e teo-lógica em Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 448.

¹²⁶ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Edições Loyola 2005, p. 275.

¹²⁷ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 76-77.

iniciativa do eu, que não limita o mesmo, porque, nesse caso, o fecharia num sistema e deixaria de ser outro. É absolutamente outro, não está no lugar do eu, escapa a qualquer tentativa dele.

O Outro com o qual o metafísico está em relação e que *reconhece como outro* não está simplesmente alhures. (...). O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo. (...). O absolutamente Outro é Outrem: não faz numero comigo (...) nem a unidade do numero, nem a unidade do conceito me ligam a outrem (...). Sobre ele não posso poder.; porque escapa ao meu domínio num aspecto essencial, mesmo que eu disponha dele: é que ele não está inteiramente no meu lugar.¹²⁸

Outro absolutamente outro, que tem a liberdade de dizer ‘não’, um não intransigente, porque o eu pode estar matando ele, mas a última palavra sempre é dele. Na asfixia para possuí-lo, no último instante, ele foge e fica somente o ente, contudo a essência ética deste não pode ser possuída. Há uma força maior que o eu, é uma transcendência infinita. É por esse motivo, por essa luta, pela força que o ataca que se torna imprevisível, por isso é inatingível; “só posso querer matar um ente absolutamente independente, aquele que ultrapassa infinitamente os meus poderes (...) é o único ser que eu posso querer matar”¹²⁹, aquele que tem mais poder do que eu e sempre tem a última palavra, pode dizer não.

O outro é o meu mestre que não está numa relação de igualdade, mas de superioridade, de altura; portanto, não posso pensá-lo porque ele ultrapassa o meu pensamento, ele é infinito. Esse infinito não se exaure no pensamento, está totalmente separado. “A idéia de infinito origina-se desde o exterior. Vem a mim posta de fora, por outro. Não fosse assim, seria idéia do ser, e seria impossível ter idéia de uma alteridade (ou de infinito), pois já seria propriedade minha, uma reminiscência (que seria afinal um mau infinito)”¹³⁰. Levinas sofre influência de Hegel e de Descartes para poder refletir o infinito. Para Levinas, o outro não é um objeto e não pode ser tematizado, porque, como infinito, não é possível fechá-lo num conceito, do contrário deixa de ser infinito. Assim, o outro como infinito é antes de qualquer prova, de qualquer conceito, já que é anterior a qualquer prova.¹³¹

¹²⁸ Idem, p. 25.

¹²⁹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 193.

¹³⁰ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 225.

¹³¹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 207.

4.5 NASCE O DESEJO PELO OUTRO

Esse encontro com o totalmente outro, que é um desencontro e um trauma, provoca o desejo. Quando o eu está separado e satisfeito nas suas necessidades é autônomo, fechado em si mesmo, vem o desejo, que não nasce a partir dele, mas vem de fora, vem do desejável que se revela. A necessidade vem do vazio da alma e parte do sujeito, enquanto o desejo vem do outro, do infinito¹³². Lembrando que a necessidade é um movimento do mesmo para com o mesmo, é um movimento que procura satisfação e a encontra quando encontra o que o mesmo procura para se acalmar. A necessidade, contrariamente ao desejo, morde o real, assimila o mesmo eu que está no outro; já no desejo, não há satisfação, não se morde o ser porque não há saciedade¹³³. Aqui o movimento não é para si, fechado num sistema, como é o pensamento ontológico. A proposta de Levinas é de que o movimento provocado pelo desejo não retorna nunca para o mesmo, mas é um movimento espiral.¹³⁴

O desejo é provocado no eu que está cômodo e seguro em seu lar, que conhece o ambiente em que se movimenta e empreende, dessa maneira, uma viagem para o exterior, para o desconhecido, para novas terras. É um momento de esperança, de expectativa, mas também de incerteza e de dúvidas diante do estranho que se aproxima. Desejo pelo desconhecido, sensação provocada pelo outro desigual, que não é comum, que é inesperado. Provoca ansiedade pela aventura daquilo que está fora e não se conhece.¹³⁵

É a experiência que faz São Francisco de Assis quando, movido pelo espírito, pelo desejo que vem de fora, do absolutamente outro, pelo estranho, é conduzido para o meio dos leprosos. Numa terra desigual, assimétrica, confusa, inesperada que lhe provoca horror, trauma. Sai do seu lar, da sua comodidade e se aventura numa viagem que não tem mais retorno. O desejo pelo metafísico, pelo absolutamente outro que, ao ser descoberto por essa realidade, diz: “aquilo que era amargo. Se tornou doce da alma e do corpo; e, depois demorei só um pouco e saí do mundo”.¹³⁶

O desejo aparece para um eu que já está feliz e satisfeito em suas necessidades, está formado e em pé e vai provocar um movimento diferente e um apelo à fome da necessidade que sempre levava o eu a retornar para si e satisfazer suas necessidades. O desejo não aspira ao retorno por que ele não tem satisfação, do contrário, seria uma decepção. Para Levinas, o desejo é absoluto, quando o

¹³² LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 50.

¹³³ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 108.

¹³⁴ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 150-151.

¹³⁵ SOUZA, Ricardo Timm de. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 126.

¹³⁶ FONTES FRANCISCANAS. Trecho que se encontra no livro do Testamento 1-3.

ser que deseja é mortal, e o desejado é invisível, e está além da fome que o possa satisfazer, dos sentidos que possam apaziguar. O desejo prevê uma separação, um afastamento entre o eu e o desejado¹³⁷. O desejo não parte do eu, vem de fora, de alguém já satisfeito em si. Não nasce do eu e, portanto, não o deixa repousar tranquilo, é colocado no eu e o abre para uma promessa que não tem fim, é um *surplus puro*, é alimentado com mais desejo, quanto mais quer satisfazer o desejo, mais desejo sente, porque é um desejo que não é deste mundo, não é do mundo do eu.

O desejo invade o ser do eu e o leva a sacrificar-se, a crescer e elevar-se, o eu não é um simples ente que come e que frui. Não é mais alguém que procura satisfazer suas necessidades, é um ser que vai sacrificar sua felicidade, porque o desejo o provoca e o tira da mesmice¹³⁸. “Aquele que ‘deseja’ se liberta assim, moralmente do mundo e de si, de sua riqueza (...) dando mais do que pode dar (...) uma imprudência por si que provoca seu êxodo”¹³⁹. É uma saída para um mundo desconhecido nas terras de um outro desigual, um estranho que tem sua própria luz, que vive em outra dimensão, é uma novidade que não pode ser representada pelo eu. Por isso o desejo é uma abertura, uma viagem sem rumo e sem retorno ao desconhecido.¹⁴⁰

Esta aventura que o eu começa a realizar, Levinas a compara à experiência de Ulisses e de Abraão. Ulisses sabe que retorna satisfeito e feliz para casa (necessidade); Abraão, Moisés e outros profetas não têm essa experiência, eles saem numa aventura com os outros no êxodo e os leva para outras terras, para outro mundo que não tem retorno, em que serão estrangeiros. Abraão, que é desafiado e impelido a buscar um novo caminho, uma nova direção, é tirado da sua terra onde estava cômodo com suas necessidades satisfeitas, mas sem perspectivas de futuro nem de descendência. E satisfeito nas suas necessidades, é provocado a pensar e a agir de modo diferente, a buscar uma saída para ter futuro e descendência numerosa; mas; para isso, é necessário sair da sua terra e ir para outra. É a experiência de Moisés, que está em sua terra cuidando do rebanho, com suas necessidades satisfeitas, porém é desafiado por Deus, arrancado da sua terra e posto a caminho, em direção a uma terra desconhecida na qual nunca chegaria, mas empreendendo um caminho sem retorno¹⁴¹, o desejo lança para o futuro e não quer retornar ao passado.

¹³⁷ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 20-21.

¹³⁸ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 266-267.

¹³⁹ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 267.

¹⁴⁰ SOUZA, Ricardo Timm. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 126.

¹⁴¹ Para conhecer bem as duas personagens bíblicas, vale conferir, na *Bíblia Sagrada*, o livro do Gênesis e o livro do Êxodo.

Com o desejo começa a transformação do ente inconsciente, ele percebe que há algo diferente de si, do outro lado que o provoca a sair do seu círculo egoísta, de querer sempre estar atento às suas necessidades, sendo feliz todo tempo. O desejo arranca o eu da sua ipseidade, há uma ruptura porque desinstala, tira o eu da sua tranquilidade e da mesmice para lhe dar sentido. O desejo dá sentido. A proposta de Levinas é de dar sentido para o que está posto para além do mero estar aí, para além do mero viver gozoso e frutivo; desejar é sair de si para o outro lado, em não ficar seguro em seu território, o desejo está acima da felicidade.¹⁴²

Francisco de Assis, quando vai ao meio dos empobrecidos, do outro lado da existência, quando vive com eles, quando é levado pelo desejo, por essa força que vem de fora e que não é deste mundo e não deixa olhar para a terra abandonada, não há possibilidade de retornar. É nesse momento que Francisco diz: “É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do meu coração”¹⁴³. O desejo arranca o eu, o leva para fora de si e o transforma. “Desejo sem satisfação que, precisamente, entende o afastamento, a alteridade inadequada à ideia, tem um sentido. E entendida como alteridade de Outrem e como a do Altíssimo”.¹⁴⁴

Então, o desejo não se exaure no desejante, não cabe nele, somente o atinge, o provoca e o tira da mesmice paralisante. Traumatiza-o, cria uma abertura para a saída de si ao desconhecido e não há retorno a si. Não quer dizer que o eu não seja feliz por não retornar, ele estava feliz, mas supera essa felicidade que é ontológica no âmbito das necessidades do ser. “Mas o desejo do outro, acima da felicidade, exige essa felicidade (...). O Desejo é desejo num ser já feliz: o desejo é a infelicidade do feliz, uma necessidade luxuosa”¹⁴⁵. A proposta de Levinas é sair do ser e da ontologia, é procurar algo que está fora da visão, além do alcance da mão, fora da totalidade, além do meu horizonte e que não tem satisfação, mas que precisa sair do seu mundo ontológico, porque do contrário não vai poder alcançá-lo.¹⁴⁶

O desejo vai mostrar que o eu não existe somente para ele, mas para fora dele, para o outro que começa a identificar que não é ele, portanto se abre para essa transcendência, esse é o momento que se “apodera” do eu e o passa a constituir. O desejo tira o eu da solidão, em que o tempo está

¹⁴² SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico*: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 63.

¹⁴³ FONTES FRANCISCANAS. Petrópolis: Vozes, 2004, 1Celano 8, 22.

¹⁴⁴ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 21.

¹⁴⁵ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 50-51.

¹⁴⁶ CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Idéias & Letras, 2010, p. 56-57.

parado, em que não há tempo, o tempo surge no momento em que o desejo toca o eu e o tira da solidão.¹⁴⁷

O Desejo metafísico não aspira ao retorno, porque é desejo de uma terra onde de modo nenhum nascemos. De uma terra estranha a toda natureza, que não foi nossa pátria. (...). O desejo metafísico não assenta em nenhum parentesco prévio; é desejo que não podemos satisfazer. (...). Deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo. (...). O desejo é absoluto se o ser que deseja é mortal e o Desejado, invisível. (...). O Desejo é desejo do absolutamente Outro.¹⁴⁸

Mas o desejo é por algo, por um estranho, por algo diferente, por aquilo que não é o eu, por algo que está fora. Não há desejo por coisas aparentadas, por algo igual, mas somente pelo desigual. O desejo não nasce pelo reconhecimento de iguais, mas por aquilo que excede o eu na sociedade de iguais¹⁴⁹. O desejo conduz o eu para fora de si, para o outro lado, tirando-o da sua terra que é familiar para lançá-lo noutras terras, para o além. Esta relação que se estabelece tira-o da mesmice, do egoísmo, do fruir gozoso, colocando-o para fora de si e fazendo-o entrar em relação com o outro metafísico. Esse desejo tende para algo diferente, fora do comum, para o absolutamente outro. Sem aspirar a retornar para casa, porque não há satisfação.

O desejo metafísico não tem satisfação¹⁵⁰. O desejo aparece quando as necessidades já estão satisfeitas, o mesmo não deseja o mesmo, deseja o outro, o absolutamente outro, desigual, que não se enquadra no eu satisfeito, não se encaixa, não faz dupla, não é “negativo-positivo”, não há sistema fechado, não há autoafirmação. O desejo é além de toda satisfação de toda expectativa, não há saciedade, provoca um movimento e uma saída constante. “Desejo sem satisfação, precisamente, entende o afastamento, a alteridade, inadequada à idéia, tem um sentido. É entendida como alteridade de outrem”.¹⁵¹

O desejo coloca as partes em relação, mas não de igualdade ou complementaridade; os termos têm que ser irreversíveis, ou seja, quando há reversibilidade os termos estão ligados ou se completam de “direita à esquerda” ou vice-versa. Aqui encontramos um sistema, e a relação se fecharia como o “positivo com o negativo”, a relação seria ontológica e totalizante. No desejo pelo metafísico, a irreversibilidade é absoluta, isto é, não há possibilidade de correlação. O mesmo não vai para o outro do mesmo jeito que o outro vai para o mesmo.

¹⁴⁷ CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Idéias & Letras, 2010, p. 49.

¹⁴⁸ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 20.

¹⁴⁹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 52.

¹⁵⁰ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 19-20.

¹⁵¹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 21.

A separação tem que ser radical mantendo a distância, a palavra vai ajudar a separar os termos, uma separação que seja radical impedindo a totalidade¹⁵². O desejo é provocado pelo desejável, pelo outro; por isso o eu não possui controle de si, já satisfeito e fechado em si, no seu egoísmo que Levinas chama de *ateísmo*; com suas necessidades plenas satisfeitas, é cutucado e provocado por um “ser” que está fora dele, que não faz parte dele, que não é participante da sua felicidade. Como ser separado do eu, o outro provoca a infelicidade, termina com a felicidade em que o eu se encontra e exige a sua saída.

O Desejo é uma aspiração animada pelo Desejável; nasce a partir de seu “objeto”, é revelação. (...). O ser separado está satisfeito, é autônomo e não entanto, procura o outro numa procura que não é espicaçada pela falta da necessidade, nem pela recordação de um bem perdido. (...). O eu dotado de vida pessoal, o eu ateu cujo ateísmo não tem falha e não se integra em nenhum destino, ultrapassa-se no Desejo que lhe vem da presença do Outro. O Desejo é desejo num ser já feliz: o desejo é a infelicidade do feliz, uma necessidade luxuosa.¹⁵³

O desejo provoca o eu a sair de si mesmo e não querer voltar para casa; ele cria uma abertura, uma posição de saída em busca de um infinito que não se fecha numa totalidade. O desejo não provoca a saudade e o querer voltar para casa, para o lar, para o comodismo e a segurança da casa que dá conforto. A viagem ao desconhecido, para aquilo que está além do horizonte, com muitos desafios, encontros e desencontros, de alegrias e decepções. É a viagem que o povo de Israel empreende para a “terra prometida”¹⁵⁴, uma terra desejada porque é a terra do bem, onde corre leite e mel, terra da abundância, mas o preço é passar pelo deserto. Enfrentar o deserto, estar fora de casa, sem segurança, sem conforto, desprovido de tudo. É chorar pelas cebolas do Egito, sem não voltar atrás; é continuar em frente, visto que a atração pelo estranho provoca um desejo que não parte do eu, é colocado nele, porém não lhe pertence. Curiosidade pelo estranho, pela novidade que promete o outro e que não tem correspondência.¹⁵⁵

O outro que não é o eu, porém, não é um alter-ego, mas um alter do eu. É totalmente outro e vem do além do mundo do eu; não está no ser do eu, ele está fora, vem do outro tempo. Não está em

¹⁵² Idem, p. 21.

¹⁵³ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 50-51.

¹⁵⁴ O livro do Êxodo narra as peripécias do povo escolhido por Deus para se libertar da opressão do Faraó, em uma travessia que durou quarenta anos de caminhada pelo deserto, até chegar na “Terra Prometida”.

¹⁵⁵ SOUZA, Ricardo Timm de. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 126.

sintonia nem sincronizado com o eu. Ele é desigual, inapropriável, incompreensível, irrepresentável, está fora dos esquemas do eu e da sua tematização. É antes e além da vontade do eu e da razão.¹⁵⁶

Levinas ilustra-nos o outro através da representação da quatriade bíblica do pobre, da viúva, do estrangeiro e do órfão, que quer dizer tudo aquilo que não é o eu. Não tem roupa, habitação nem intimidade. Ele não pode usufruir do mundo, portanto tem fome, não tem felicidade, pois não tem como satisfazer suas necessidades e está ameaçado de morte. O outro da quatriade bíblica está jogado no ser, sem projetos e sem lugar próprio, sem pátria. Está no ser sem ser, sem servir para alguma coisa, marginalizado e inconveniente¹⁵⁷. É aquele que me incomoda, que não quero ver, que me desagrada, que me afeta, que me enoja, que me ameaça, mas que é um ser humano. Jesus tinha clareza disso e convidava seus discípulos a ver nessa quatriade o outro, por excelência, e lhes ensinava:

Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber, era forasteiro e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; estive doente, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me. Então os justos lhe perguntaram: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? Ou nu, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos te visitar? E respondeu-lhes: “Em verdade vos digo que sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes”.¹⁵⁸

O outro da quatriade é aquele que está próximo, mas não é visto. A proximidade não garante que o outro seja reconhecido, a proximidade pode ofuscar e não permitir ver e entender a diferença. O outro da quatriade é diferente, desigual, assimétrico, separado e distante do eu. Por esse motivo pode ser enxergado; quanto mais distante, mais próximo ele é.

O Eu desprende-se da relação, mas no âmbito da relação com um ser absolutamente separado. O rosto em que outrem se volta para mim não se incorpora na representação do rosto. Ouvir a sua miséria que clama justiça não consiste em representar-se uma imagem, mas em colocar-se como responsável, ao mesmo tempo como mais e como menos do que o ser que se apresenta no rosto. Menos, porque o rosto me chama a minhas obrigações e me julga. (...). Pode apresentar-se como estrangeiro, sem se opor a mim. (...) é também o estrangeiro, a viúva e o órfão, em relação aos quais tenho obrigações.¹⁵⁹

Ele é um hóspede no mundo porque o mundo não lhe pertence e ele não pode existir no mundo, não é, não existe porque não tem nada, não é dono dele e tem suas necessidades insatisfeitas.

¹⁵⁶ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 199-200.

¹⁵⁷ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 201.

¹⁵⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. [Evangelho de Mateus 25, 35-40].

¹⁵⁹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 211.

“O hóspede tem apenas um poder: tornar o dono um hospedeiro e um servidor, uma estranha liberdade em relação ao hospedeiro porque não pertence a seu mundo (...) o poder do outro relaciona-se à ética como bondade”¹⁶⁰. Ao exigir ao dono, o rei, o eu que nunca vai ser rei na sua própria casa, convida-o a sair do seu território e a entrar em relação com outro mundo, ali se tornará hóspede. Enquanto o eu (rei) relaciona-se como hóspede no mundo (ontologia) com o nada, o não ser, este último se relaciona com o eu com bondade. “A impotência do outro relaciona-se à ontologia, onde o outro é nada. E o poder do outro relaciona-se à ética com bondade”.¹⁶¹

4.6 DESEJO METAFÍSICO

O Desejo Metafísico, por ser infinito, está para além de tudo o que pode completá-lo ou satisfazê-lo. Levinas pontua que o Desejado produz o desejo no eu e depois sai, deixando uma fome que não tem satisfação, não permitindo ao desejante (eu) o retorno, o eu sempre estaria em busca de satisfação. Isto não quer dizer que a distância seja física, mas há uma separação entre o eu e o outro, entre o desejante e o desejado, que não se mistura. A relação é de afastamento, porque o desejo não pode ser antecipado, nem pensado, nem intuído. Ele não passa pela razão, é um desejo que não tem explicação e provoca um movimento, uma saída ao desconhecido na esperança de encontrar algo que não tem definição exata.

O desejo metafísico não aspira ao retorno, porque é desejo de uma terra onde de modo nenhum nascemos. De uma terra estranha a toda a natureza, que não foi nossa pátria e para onde nunca iremos. O desejo metafísico não assenta em nenhum parentesco prévio; é desejo que não poderemos satisfazer.¹⁶²

É a experiência que faz Moisés quando sai da sua terra e percorre um caminho em busca de um mundo desconhecido, incerto, mas cheio de promessas de uma terra onde correria leite e mel. Uma terra que nunca chega, que é avistada de longe, que é uma promessa que nunca é realizada, que não há retorno.¹⁶³

¹⁶⁰ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 203.

¹⁶¹ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 203.

¹⁶² LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70. 2014, p. 20.

¹⁶³ Na Bíblia Sagrada, a partir do capítulo 15 do livro do Êxodo podemos visualizar o processo de saída do povo de Deus, fugindo do Egito. No livro de Número no capítulo 20 encontramos o motivo pelo qual Moisés não entrará na Terra Prometida.

Em *Totalidade e Infinito*, Levinas declara: “O Desejo do absolutamente outro. Para além da fome que se satisfaz, da sede que se mata e dos sentidos que se apaziguam, a metafísica deseja o outro para além da satisfação”¹⁶⁴. O desejo metafísico coloca em relação, não recíproca, com algo que não podemos ver, que escapa aos sentidos; é um absolutamente outro, que não cabe no entendimento do eu, é uma nobreza que tem uma dimensão de altura e o eu se abaixa diante dessa divindade, “o facto dessa altura já não ser o céu, mas o invisível, constitui a própria elevação de altura e a sua nobreza. Morrer pelo invisível – eis a metafísica”¹⁶⁵. O que faz com que a pessoa queira sair de si mesmo é o entusiasmo, sair para conhecer a realidade, onde Absoluto é palpável. “A realidade, qualquer que seja, se supera à medida em que se entende, se completa à medida em que se supera, se conhece e se torna mais real à medida em que se completa”¹⁶⁶.

4.7 RELAÇÃO COM O INFINITO METAFÍSICO

Por isso Levinas, em *Totalidade e Infinito*, salienta que, havendo correlação entre o mesmo e o outro, “encontrar-se-iam reunidos sob um olhar comum e a distância absoluta que os separa seria preenchida. A alteridade, a heterogeneidade radical do Outro, só é possível se o Outro é realmente Outro em relação a um termo”¹⁶⁷. A relação metafísica não pode ser representação do eu, porque, neste caso, a alteridade seria destruída e convertida no mesmo.

Diante disso, vale destacar que a alteridade não está num lugar determinado e fora do eu, ela não é formal, está fazendo resistência ao mesmo. Neste caso também ficaria determinada ao mesmo dentro de um sistema. O outro é absolutamente outro, não faz número com o eu e não há nada que o ligue a ele, não há coletividade, “eu x tu”, “tu x nós”, porque seriam indivíduos de um conceito comum.¹⁶⁸

A relação metafísica é uma relação com o infinito, que vem de fora do eu. O eu não pode pensar o infinito, pode ter uma ideia do infinito. Para esta argumentação, Levinas recorre a Descartes, para o qual o infinito está fora, no outro. A ideia de infinito que o mesmo tem seria uma adequação, mas não seria o infinito em si. Para Levinas, a ideia de infinito se dá na relação com o outro, “a ideia do infinito é capaz de respeitar a diferença e a alteridade radical do outro sem

¹⁶⁴ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 20-21.

¹⁶⁵ Idem, p. 20-21.

¹⁶⁶ SOUZA, Timm Ricardo de. *Sentidos do Infinito: a categoria de “Infinito” nas origens da racionalidade ocidental, dos pré-socráticos a Hegel*. Disponível em: <http://timmsouza.blogspot.com/2014/03/sentidos-do-infinito-v.html>. Acesso em: 15 nov. 2018.

¹⁶⁷ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 22.

¹⁶⁸ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 25.

permanecer ou desaparecer na indiferença. Torna-se assim possível, segundo Levinas, o realismo no pensamento, a criaturalidade e a significação, a relação e o respeito à transcendência”.¹⁶⁹

Conforme Levinas, a ideia de infinito vem de fora do eu, vem do exterior e é colocada no eu pelo outro. A ideia do infinito se revela e ultrapassa o pensamento. O infinito não pode ser pensado, porque desbordaria o pensamento, pois o infinito não se exaure no finito. O pensamento se rompe pelo excesso e pela inadequação. Por isso, é importante referenciar que esse infinito vem e provoca um desejo, ele só toca o eu a partir do outro¹⁷⁰. Levinas usa a estrutura formal de Descartes para pensar o infinito, o outro, o desejo e o perfeito.

Para Descartes, a ideia de Deus que vêm à mente permite confirmar a sua existência, porque quando vem à mente a ideia de uma determinada coisa, essa ideia é perfeita. Os atributos (eterno, imutável, onisciente, infinito, onipotente, etc) permitem concluir que Deus existe e não se pode negar a ideia de um Deus perfeito. Através dela, prova a existência de Deus. Essa ideia não pode ter origem em mim, porque sou imperfeito. É comparada com a nossa imperfeição e chegamos à conclusão de que somos imperfeitos, porque há algo dentro de nós que é perfeito.

Portanto, tudo o que resta é a idéia de Deus, na qual se impõe considerar se há alguma coisa que não tenha podido originar-se de mim mesmo. (...). E, conseqüentemente, é preciso concluir necessariamente de tudo que eu disse antes que Deus existe. Com efeito, ainda que a idéia da substância esteja em mim, a partir do fato mesmo de ser eu uma substancia, não teria entretanto, a idéia de uma substancia infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido colocada em mim por alguma substancia que fosse verdadeiramente infinita.¹⁷¹

4.8 O DESEJO METAFÍSICO É INFINITO

O infinito é absolutamente o outro que não dá para fechar em um pensamento nem em um conceito, não dá para ter uma ideia fechada e acabada do outro, porque ele transborda essa ideia. “Abordar outrem no discurso é acolher a sua expressão onde ele ultrapassa em cada instante a idéia que dele tiraria um pensamento. É, pois, receber de outrem para além da capacidade do Eu”.¹⁷²

Todo ser ou pensamento isolado em si mesmo se destrói em si. Todo ser isolado é contraditório, visto que se anula; na medida em que quer saber quem é, descobre que não é. Um ser é real e adquire sentido quando estabelece relação com os outros. O eu é em relação com aquilo que

¹⁶⁹ SUSIN, Luis Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 225.

¹⁷⁰ Idem, p. 225-226.

¹⁷¹ DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016, p. 67.

¹⁷² LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 39.

não é. Ou seja, o eu é, na medida em que se nega a si mesmo, como ser isolado e separado. Algo é ao se construir na relação com os outros, mas ele não é o outro. O eu é, quando não é, não retorna a si mesmo. Descobre-se na relação que se estabelece na relação.¹⁷³

Esse metafísico que vai ao encontro do eu, desbordando-o, estabelece a separação mantendo-se autônomo, desligado e separado; o encontro é para colocar o desencontro. Para que aconteça a separação tem que haver o discurso, a linguagem, porque a revelação do metafísico se dá pelo discurso, na relação que não tem como objetivo o conhecimento de objetos ou o esclarecimento de ideias, mas pretende entrar em relação com uma substância que ultrapassa a ideia, porque é uma relação com Deus¹⁷⁴. A relação com o metafísico, segundo Levinas, é ética, pois respeita a transcendência do outro já que o acolhe sem objetivá-lo, sem tematizá-lo, e não o absorve num lugar determinado porque é infinito.

O outro é somente acessível na justiça, no respeito, nas relações sociais, nas pessoas concretas, onde o infinito se visualiza sem estar totalmente presente, ali se manifesta, não se objetiva. Levinas chama o infinito de Deus, que se revela no outro. Por isso, em *Totalidade e Infinito*, encontramos a afirmação que “a metafísica tem lugar nas relações éticas. Sem a sua significação tirada da ética, os conceitos teológicos permanecem quadros vazios e formais”¹⁷⁵. Para ele o finito é o real, existir é ser finito, cada existente é limitado, porque cada um existe como ser limitado. “A finitude é, portanto, condição de superação dela mesma, é de certa forma a contradição materializada porque quer superar os limites. É a partir dos limites que o finito entra em contradição e os quer superar chegando ao outro como finito que é a passagem do finito para o infinito”¹⁷⁶.

Como vimos anteriormente, Levinas se apropria da ideia de infinito da terceira meditação cartesiana segundo a qual o eu é um ser que existe, que pensa, que duvida, que questiona, que ama e odeia, que quer e, ao mesmo tempo, não quer; é um ser contraditório, que duvida da sua existência permanentemente¹⁷⁷. Isto é um sinal de imperfeição, porque um ser perfeito não duvidaria das coisas porque teria certeza de tudo, até da sua existência. Para Descartes, o eu duvida das suas certezas. Quando se coloca em dúvida, significa que existimos, pois se duvido é porque sou imperfeito e porque não tenho certeza das coisas, devido ao fato de que me falta algum conhecimento e, portanto,

¹⁷³ HEGEL, Wilhelm Georg. *Fenomenologia do espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 163.

¹⁷⁴ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 61.

¹⁷⁵ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 69.

¹⁷⁶ SOUZA, Timm Ricardo de. *Sentidos do Infinito: a categoria de “Infinito” nas origens da racionalidade ocidental, dos pré-socráticos a Hegel*. Disponível em: <http://timmsouza.blogspot.com/2014/03/sentidos-do-infinito-v.html>. Acesso em: 15 nov. 2018.

¹⁷⁷ DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016, p. 53.

sou imperfeito e com falhas na natureza¹⁷⁸. O eu questiona tudo aquilo que é incerto e é fonte duvidosa. Segundo Descartes, para conhecer o incerto, o duvidoso, devemos usar a razão, fora de todo pré-conceito, utilizando seus instrumentos para poder conhecer o incerto. “A razão me conduz a crer que aquela idéia que provém imediatamente de sua aparência é a que lhe é mais dessemelhante”.¹⁷⁹

A partir desse momento, ele percebe que as coisas que estão fora do eu, muitas vezes, não se harmonizam com as ideias internas¹⁸⁰, e estas estão nele sem o seu consentimento e se formam sem a sua vontade e sem o auxílio da razão, por mais que esta seja pura¹⁸¹. Segundo Descartes, na terceira Meditação o eu é um ser que pensa, que duvida, que ama, que nega e, ao mesmo tempo, afirma. É conhecedor de muitas coisas, mas, na maioria das situações, as desconhece; é alguém que sente e imagina. Essas coisas ele sabe que existem fora dele; porém, de um certo modo, residem e se encontram dentro do eu¹⁸². Quando se pensa num objeto, é a ideia dentro da consciência do eu que lhe dará a existência. No primeiro momento não se pode recorrer a nada fora da ideia. Não há nada que garanta a existência do que está fora da consciência, fora da ideia concebida pelo eu, pois tem ideias que são adquiridas através dos sentidos, mas estes podem ter enganado o eu; há outras que estavam impressas dentro do eu.¹⁸³

Portanto, é possível concluir que eu não posso querer me apropriar do outro, porque ele está além de mim. Devo acolhê-lo além daquilo que se me apresenta, pois ele é muito mais que um simples fenômeno. Preciso entender que ele está presente quando me olha, fala e se relaciona, mas é muito mais do que se me apresenta. Para Levinas o outro é aquele que se apresenta e estende a sua mão e me pede um pedaço de pão. Aquele que me diz: “Tenho frio”, “Tenho sede”, “Não me mates”.¹⁸⁴

¹⁷⁸ Idem, p. 61.

¹⁷⁹ HEGEL, Wilhelm Georg. *Fenomenologia do espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 60.

¹⁸⁰ DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016, p. 59.

¹⁸¹ Idem, p. 59.

¹⁸² DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016, p. 53-54.

¹⁸³ DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016, p. 57-58.

¹⁸⁴ Podemos perceber que, para Levinas, o outro metafísico é real e frágil, é diferente do *Dasein*, de Heidegger, que não tem fome.

5 A ÉTICA DO MIGRANTE

Neste capítulo, busca-se mostrar como o migrante – enquanto absolutamente outro – é o metafísico. Ele tem que ser cuidado com responsabilidade; quando se me apresenta como outro desigual, preocupo-me com sua situação até o ponto de me sacrificar; neste momento nasce a ética. Este capítulo surge, também, a partir da experiência pessoal que tive no ano de 2018, no México, ao visitar os refúgios para os migrantes que saem da América Central em direção aos Estados Unidos da América.

Os migrantes relatam suas inúmeras experiências durante o percurso que realizam no México, sendo este o corredor para chegar à fronteira com os Estados Unidos. As várias testemunhas contam isso nas casas de passagens, onde recebem comida, pouso e a possibilidade de higiene (banho) por alguns dias. Depois retomam seu êxodo. Estes testemunhos realizados nas casas de Refúgio FM4, que se encontram na cidade de Guadalajara, cidade pela qual passam a maioria dos migrantes, foram registrados e publicados com a devida autorização dos migrantes entrevistados.

Estas publicações (testemunhos) são utilizadas ao longo da exposição com a finalidade de aprofundar a reflexão, mostrando que a proposta da filosofia levinasiana é atual e que a metafísica é a ética, neste caso, na situação do migrante, elemento que pode propiciar lançar luzes e possibilitar um pensamento crítico diante da realidade existente. Além disso, vale registrar a importância da palestra proferida pelo autor François Davi Sebbah, proferida no Seminário Internacional sobre Emmanuel Levinas *Amor e Justiça*, realizado em Belo Horizonte, no Brasil, nos dias 26 a 28 de outubro de 2017, durante a elaboração desse capítulo. Como resultado da referida palestra, recentemente foi publicado o Livro *Amor e Justiça: em Levinas*.

5.1 A METAFÍSICA É ÉTICA

A proposta ética de Levinas critica o pensamento da felicidade e da totalidade segundo a qual o mesmo está feliz, pensando, fechado em si. O autor afirma que esse pensamento é hipócrita e violento porque justifica a guerra e o poder, destruindo os indivíduos, estabelecendo uma luta constante que, muitas vezes, termina em guerra e morte¹⁸⁵. Ele propõe uma ética em que os indivíduos sejam responsáveis uns pelos outros através do messianismo profético. Além de ser responsável pelo outro, a ética é uma preocupação pelo bem do outro, aproximando-se mais de uma

¹⁸⁵ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 8-9.

consciência desinteressada e sem normas. Não há lei que obrigue a ser responsável, visto que a responsabilidade e o sacrifício são atitudes que nascem dentro do eu na proximidade com o outro.

Pelo fato de a ética nascer da afeição do outro e, assim, interromper a vida no ser, a linguagem genuína dessa relação é o testemunho profético. (...). Na Torá, por sua vez, o mandamento é sempre dado pelos talmudistas e esses insistem na tradução ética da Torá como responsabilidade pelo outro. Disso recorre que o conhecimento de Deus não é senão a obediência ao mandamento de ser responsável pelo outro no qual passa Deus.¹⁸⁶

Conforme Levinas, a ética é a relação com o rosto do outro na proximidade e na responsabilidade por ele, ou seja, na afeição que o eu tem pelo outro, a qual se dá nessa proximidade. A ética é o lugar da metafísica, sem que esta se reduza àquela e vice versa¹⁸⁷; ética é amor e responsabilidade pelo outro que se dá na relação face-a-face, encontro com o rosto, passando pela intriga ética, pela resistência que o outro faz ao eu.

A maneira levinasiana de conceber a ética como uma situação de afeição e de a Deus submete tanto a ética clássica como a própria ontologia à crise. Isto ocorre porque na verdade se realiza uma torção radical na linguagem ontológica. Ainda que não se possa abstrair a reviravolta que significou para o pensamento ontológico ocidental a crítica dos fundamentos da metafísica moderna proposta pela filosofia pós-metafísica e pelos mestres da suspeita, é preciso recordar que a crítica da razão crítica não foi capaz de abdicar da estrutura teórica do saber a qual calca seu pensamento. Nem de longe ela se assemelha à radicalidade da metafísica levinasiana.¹⁸⁸

5.2 SER MIGRANTE É VIVER NO *IL Y A*

Os países da América Central são lugar de domínio imperialista pelas Coroas Espanhola, Inglesa e Francesa. Portanto, são regiões de diversidade cultural que se misturam com a cultura indígena e africana. São países que se dedicaram, desde a sua origem, à agricultura, nas poucas terras que sobraram para os nativos após a colonização, já que a maior parte dessas terras foi tomada pela elite branca europeia que se instalou nesses locais e que continua causando o deslocamento das comunidades nativas¹⁸⁹. Esta elite mantém-se forte e dominadora, usando políticas conservadoras de dominação, com enfrentamentos sangrentos contra a população e mantendo-se no poder. A população deslocada vê-se obrigada a sair e a abandonar as moradias e terras que lhes pertenciam, as

¹⁸⁶ RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria da Paz: ética e teo-lógica em Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 202-204.

¹⁸⁷ Idem, p. 271.

¹⁸⁸ Idem, p. 274.

¹⁸⁹ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 21.

quais foram herdadas de seus antepassados. Este conflito agudizou-se muito na década de 1980 a 1990, principalmente na Guatemala, em Honduras e em El Salvador¹⁹⁰. Ao abandonar suas terras, fugindo da violência, em alguns casos conseguiram vendê-las a um baixo preço para empresas internacionais de estratificação e/ou agronegócio.

Cabe destacar, ainda, que a corrupção dos membros do Estado contribui para promover o exílio, fornecendo documentação falsa, para que as pessoas carentes possam emigrar com mais facilidade. As guerrilhas organizadas que se militarizam a cada dia, financiadas pela CIA, contribuem para que a violência se afirme e expulse os mais empobrecidos, forçando-os a deixarem seus bens. A presença do crime organizado e do narcotráfico piora a situação social, deixando a sensação de que as comunidades rurais e os bairros pobres das cidades são terras de ninguém, tendo em conta que Honduras, por exemplo, é o “corredor” seguro por onde passa 90% da cocaína que é levada aos Estados Unidos¹⁹¹. Diante deste contexto, não há outra alternativa além de sair dessa existência cruel que desumaniza as pessoas.

Es pertinente entonces partir de principios básicos como el reconocimiento de la dignidad humana, la justicia, la igualdad, el reconocimiento del otro, que nos permitan imaginar y demandar soluciones para cambiar la forma en que se desarrolla la migración: forzada. De tal suerte que deje de ser una, a veces la única alternativa para el desarrollo de la vida, en un contexto en donde, como lo refirió un migrante en una entrevista: “en mi país, lo único seguro que tengo es la muerte, de ahí para adelante, todo es ganancia”.¹⁹²

O Estado, sem força para se impor, não consegue dar a mínima segurança nem proteção para esta camada da sociedade, que fica à mercê do mercado e das políticas externas. Toda esta situação favorece ainda mais o crime organizado e o narcotráfico, com as outras forças paralelas como a corrupção, os desvios e os rombos de dinheiro público, a prostituição, os roubos de carros, o tráfico de armas, o contrabando, o tráfico de pessoas e de órgãos. O mercado capitalista que se afirma na instalação da mineração, das hidroelétricas, da agroindústria que vai tomando conta das terras despojando as populações, principalmente a mais carente¹⁹³. “A paz dos impérios saídos da guerra assenta nela e não devolve aos seres alienados a sua identidade perdida”.¹⁹⁴

¹⁹⁰ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 23.

¹⁹¹ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 23.

¹⁹² FM4 PASO LIBRE. *El desafío de transitar-vivir en la ciudad para las personas migrantes en Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Segundo Informe de Investigación. Guadalajara: Tepache, 2017, p. 115.

¹⁹³ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 24-25.

¹⁹⁴ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 8.

Como consequência, há uma situação social muito difícil para que as pessoas possam viver com dignidade. É uma situação de caos social, de desesperança, que exige da população sair dessa situação de miséria existencial. Essa presença onipotente do mercado livre se impõe com seu *glamour* em centros comerciais e *shopping centers*, e os governos dão subsídios para que o capital se instale, prometendo mão de obra para a população, mas, na realidade, tirando dela ajuda financeira através das políticas de austeridade, empobrecendo cada vez mais a população e beneficiando a elite conservadora. Verifica-se uma redução dos direitos trabalhistas, uma precarização e informalização do trabalho. A população se vê obrigada a fazer filas para poder conseguir uma vaga de trabalho, muitas vezes informal, com remuneração baixíssima, sem direito a férias, seguros contra acidentes e planos de saúde.

Os governos são omissos diante dos casos de mortalidade infantil, violações a adolescentes, tanto a homens quanto a mulheres, mortalidade materna e infantil, feminicídio, violência das *pandillas*¹⁹⁵, falta de medicação e crescente despojamento das moradias¹⁹⁶. Este é o contexto social que se encontram os países da América Central, na existência nua e crua do *il y a*, no excesso de ser. Por este motivo, as famílias se sentem obrigadas a sair, pois não há mais perspectiva de vida. A maioria dos migrantes são homens, mas a cada dia cresce o número de migrantes mulheres, o que ainda é mais difícil pela situação de extrema fragilidade e exposição.

Esta concepción sobre la migración como un problema que debe ser erradicado fomentó la migración irregular y facilitó el desarrollo del negocio criminal de las redes de traficantes. (...). Esto quedó reflejado en las massacres de migrantes. En agosto de 2010 se encontraron los cuerpos de 72 migrantes que ya habían sido secuestrados y torturados en el minicipio de San Fernando Tamauilipas: en abril de 2011 se encontraron 193 cuerpos en fosas clandestinas en este mismo minicipio; en mayo de 2012, 49 torsos humanos fueron abandonados en el minicipio de Cadereyta, Nuevo León. Tales hechos evidenciaron el vacío gubernamental en asuntos de la migración de tránsito por México, demostraron la ineficácia de las políticas migratorias restrictivas del gobierno mexicano y dejaron al descubierto una práctica generalizada en el país: al acecho del crimen organizado y la indiferencia y complicidad estatal frente a la población migrante en situación irregular.¹⁹⁷

A ética do migrante deve ser a ética de cada um de nós, visto que ele vive em uma condição que é pesada demais para ser suportada, onde os seres estão paralisados, não conseguem reagir e,

¹⁹⁵ Pandillas são espécies de grupos armados [quadrilhas] que vivem nas periferias das cidades na maioria dos países da América Central e México. Estes grupos são muito violentos e fortemente armados; obrigam famílias, comerciantes e motoristas de táxi e/ou transporte a pagar uma “cota” ou “mesada” para que possam circular dentro dos bairros, oferecendo-lhes segurança. Aqueles que não conseguem pagar a “mesada” que a cada pouco tempo aumenta, são ameaçados ou mortos.

¹⁹⁶ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 25.

¹⁹⁷ FM4 PASO LIBRE. *El desafío de transitar-vivir en la ciudad para las personas migrantes en Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Segundo Informe de Investigación. Guadalajara: Tepache, 2017, p. 47.

com isso, não vivem com dignidade. O capitalismo destrói as pessoas e seleciona quem pode existir neste mundo: em primeiro lugar aqueles que consomem, em segundo aqueles que não existem para o mercado, porque não podem consumir. Estes últimos chegam ao desespero para poder fazer parte de desse mundo ilusório, de um sistema que não os vê como seres humanos, mas como bens de consumo. Nesse sentido, Levinas assevera:

Ficar na ilusão não chega a ser coisa grave, mas o feiticeiro *colhe* os pepinos, se a ilusão chega a se integrar a um processo econômico – e a vida econômica moderna é, afinal, o lugar privilegiado da colheita de pepinos ilusórios e de gordos proveitos que se tiram de uma tal safra -, a feitiçaria se torna um ato criminoso.¹⁹⁸

Os migrantes econômicos são resultado desse capitalismo desalmado que gera ilusão e desigualdade.¹⁹⁹

Una afinación de esta tesis es la del camerunés Achille Mbembe (...) con el concepto de necropolítica y administración masiva, ya no de la vida sino de la muerte, o como el Estado y fuerzas paralegales armadas – legales o ilegales, legítimos e ilegítimos, que se nos imponen desde un orden compartido y aberrante – disponen de nuestra vida y, cada vez más impunemente, de nuestra muerte. En esta misma lógica, la filósofa Sayak Valencia avanza describiendo como el cuerpo humano se convierte en eje de acumulación y como la violencia es una herramienta de necropoderamiento de sangre, explícita e injustificable, puede denominarse como capitalismo gore (denominado así por el género de cine de violencia extrema). Ahora que nuestros cuerpos y la vida humana en general se han convertido en mercancía, son un negocio rentable, y la crueldad ultraespecializada se implanta en la vida cotidiana para hacerse de capital, “la vida ya no es importante en si misma sino un valor de mercado como objeto de intercambio monetario. Transvaloración que lleva a que lo valioso sea el poder de hacerse con la decisión de otorgar la muerte a los otros”.²⁰⁰

Os migrantes são aqueles obrigados a fazer parte de uma existência cruel; vivem no *il y a*, na tensão, na insônia de um mundo que os obriga a existir e, ao mesmo tempo, não os deixa viver com dignidade, porque o ser humano está preso no excesso de ser, é um sobrevivente, vive na tensão, mas há uma perseverança no ser. Há um mundo em pedaços, nessa existência nua e crua de ser obrigados a existir, sem ter outra escolha. Porém, na ausência de um migrante, ninguém vai perceber, pois, ao mesmo tempo em que ele é vítima de violência, que incomoda e não é agradável, é uma vida matável, anônima, tirada da existência. Na ausência de um migrante, vive-se como se ele nunca tivesse existido, não é notícia, não é importante. Os únicos que perceberão a sua falta são os familiares. É a experiência que relata um migrante que foi testemunha de vários desaparecimentos de pessoas:

¹⁹⁸ LEVINAS, Emmanuel. *Do Sagrado ao santo: cinco novas interpretações talmúdicadas*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 99-100.

¹⁹⁹ AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 70.

²⁰⁰ FM4 PASO LIBRE. *El desafío de transitar-vivir en la ciudad para las personas migrantes en Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Segundo Informe de Investigación. Guadalajara: Tepache, 2017, p. 32.

Un muchacho, como llegaron cansados, lo primero que hizo fue que dejó su mochila bajo un árbol y se acostó a dormir, ahí llegaron a tirarle piedras y lo mataron, él era de Guatemala. Lo mató la delincuencia, los vagos que andan ahí. Y hasta ahorita en las noticias de allá abajo salió. Pero le dejaron caer una piedra en la cabeza, él estaba bien dormido, yo creo que estaba muerto así, porque aquí en el lado derecho, dicen, se le reventó la cabeza.²⁰¹

5.3 SER MULHER NO *IL Y A*

No caso das mulheres que estão sem condições de continuar nos seus países de origem por falta de oportunidades de trabalho, pela violência familiar e doméstica e/ou por estarem sem perspectivas, optam por sair do país em busca de uma oportunidade nos Estados Unidos. Mais difícil ainda é para as mulheres *trans*, por exemplo, pelo motivo de violência, de ameaça de morte, de discriminação, de prostituição, como sendo na maioria dos casos o único meio de sustento. Neste caso das *trans*, a situação é muito precária, pois o mercado laboral é muito limitado. Algumas, entretanto, conseguem trabalhar em restaurantes, em salões de beleza e estética, como manicure, ou na prostituição, e quando a exercem, a violência que enfrentam é maior ainda.

Há uma normalização da violência e essas mulheres ficam na extrema vulnerabilidade²⁰². Os grupos variados de “pandilheiros”, que são muito violentos, usam essas mulheres *trans* para vender droga, em troca elas ganham proteção para não serem violentadas até pelos policiais²⁰³. Luceiro, de 20 anos, relata a sua história. Ela tem 6 irmãos e aos 8 anos de idade já era espancada pela família porque na condição de *trans*, tinha hábitos “estranhos”, “maus hábitos”:

No podía ser ella misma y se escondia para maquillarse. Una vez se fue de casa y pasó 3 días en la calle, de ahí la relación con sus padres se calmó y decidieron que la iban a respetar pero que no la iban a apoyar. Pero, dice, también la querian. Echa de menos a sus padres y hermanos y quiere superarse para “ayudar a su familia”. También los vecinos molestaban, “te tachan, nos señalaban”; igual en el instituto donde estudió hasta 3° básico. Los hombres en la calle, así como los policías o los mareros, les gritaban: “vístanse normal, háganse hombre”. El rechazo la lleva a un intento de suicidio a los 16 años, pero pudo superarlo y seguir adelante. Ha tenido diferentes empleos, todos dentro del limitado mercado laboral que tienen las “bichas” – como se disse Lucero. (...). Prostitución en la calle, algo que hacia por dinero. En esta actividad sufrió mucha violencia, la asaltaron 6 veces, algunas a mano armada, o le robaron la ropa dejandola desnuda. Son muchas las razones del salir: discriminación, racismo, no les permiten el trabajo en empresas, no hay igualdad de derechos.²⁰⁴

²⁰¹ FM4 PASO LIBRE. *Travesías migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 33.

²⁰² FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 94.

²⁰³ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 91-92.

²⁰⁴ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 90-91.

Outro motivo para migrar é que muitas mulheres experimentam verdadeiros infernos em suas famílias, por serem violentadas pelos próprios maridos. Há arranjos e “pagamentos” de mesadas para as *pandilhas* com filhas adolescentes que são obrigadas a terem relações sexuais com *pandilheiros*. Essa prática antiga de trocar as filhas por animais ou vendê-las,²⁰⁵ sem se importar com o que elas pensam, está presente nestas realidades. Há casos de orfandade, de abandono por parte dos homens, que as obrigam a ter que se prostituir para manter seus filhos. Casos de bigamia e de infidelidade. Crianças que, quando nascem, por serem mulheres, são dadas de presente às famílias²⁰⁶. É o que conta Carmelina que vivia no meio rural até a morte de seu pai, ocasião em que a mãe a deu de presente para outra família camponesa:

No me quisieron. Mi história es muy triste. Mi madre me regalo (...) cuando yo tenía cinco años y me crecieron otras personas que no fueron nada mío; de hecho, me metieron a un crecimiento sin infancia sin cariño, palabras muy crueles, regalada me decían, “eres regalada, ni tu madre te quiere”. Me sometieron al campo, me vestían de varón para que no supieran que yo era mujer. Para sacar monte, para ir a sembrar maíz, para ir a sembrar, zacate, para ir a cosechar el maíz, para todo era yo.²⁰⁷

Como vemos, há uma instabilidade no núcleo familiar e, dentro deste contexto, a mulher tem que assumir a responsabilidade da família com ausências e presenças dramáticas²⁰⁸. Muitas mães obrigam as suas filhas a se casarem com *mareros*²⁰⁹ ou membros do narcotráfico para que suas famílias tenham mais segurança e recursos financeiros; muitas filhas resistem e não aceitam essa proposta e, como consequência, abandonam a família ou migram. Outras são vítimas de abusos, de golpes por parte do marido quando este volta alcoolizado da cantina.

Muitas mulheres são recrutadas a força para serem comercializadas como escravas sexuais, outras o fazem com consentimento, por não terem outra opção. Algumas se integram nas *pandilhas* para podere ter mais segurança e não sofrer mais agressões físicas. Porém, ao entrarem nesses

²⁰⁵ BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 92.

²⁰⁶ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 83-84.

²⁰⁷ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 84.

²⁰⁸ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 30.

²⁰⁹ Maras (mareros) são gangues que surgiram nas periferias dos Estados Unidos, na década de 1980. Estes grupos se encontravam nas entradas dos bairros pobres, escutando música e controlando a entrada e saída das pessoas dos bairros. Com o tempo, envolvem-se na comercialização de drogas e se vinculam ao narcotráfico. Os vários grupos travam disputas de território. São fortemente armados e se identificam com tatuagem pelo corpo e rosto. Fazem da região da América Central líder mundial em homicídios. Sobre esse tema, ver: SOUZA JÚNIOR, Ney Fayet de; FERREIRA, Marta da Costa. Fenômeno marero na América Central: uma abordagem criminológica de seus pressupostos existenciais. 2. ed. Porto Alegre: Nuria Fabris Editora, 2014.

grupos, rompem os estereótipos e assumem comportamentos masculinizados, agressivos e retalhadores tornando-se sujeitos e não protagonistas. Acabam fazendo os mesmos trabalhos que fazem os homens: matar, roubar, vender drogas e armas, como conta a seguinte testemunha:

Yo me gané el sitio dentro de las filas. Era ruda y valiente. En general, a las mujeres nos toca hacer casi lo mismo que a los hombres: robar, vender drogas, armas, organizar algun secuestro y asasinar, claro. (...). En el barrio era parte de la rutina, de la forma de socializar, de sobrevivir. A mí nadie me dijo que era bueno o malo. A los 12 años aprendí a ser una asesina, pensava que era la mejor forma de defenderse, de ser del grupo fuerte y no del débil.²¹⁰

Estas mulheres se autoafirmam pela violência. E porque são incapazes de contestar os homens a que estão sujeitas²¹¹. Simone de Beauvoir nos afirmou que a mãe sempre quer se realizar na filha, por isso é extremadamente exigente com ela, e se sente muito decepcionada quando a filha a contradiz. Dessa maneira se autoafirma. Mas esta atitude não é passiva, é um ato violento, de brigas, de discussões, até de violência física e jogo de forças²¹². Muitas mulheres obrigam suas filhas a casar com mareros ou membros narcotraficantes para ter mais segurança familiar e como um meio para melhorar a renda. Porém, muitas filhas não correspondem ao esquema, aceito nessas famílias como algo normal; essas mulheres totalmente fragilizadas e desestruturadas, em consequência disso, acabam por ter que sair da casa e muitas migram.

É diante deste contexto que as mulheres são obrigadas a assumir compromissos que ideologicamente são dos homens, mas, diante da ausência destes, elas rompem os estereótipos que não se aplicam²¹³. Sabem da oportunidade laboral que tem nos Estados Unidos para trabalhar, principalmente cuidando de crianças em famílias americanas e realizando trabalhos domésticos. Deixam, em muitos casos, seus próprios filhos nos países de origem para ir cuidar de filhos e famílias alheias. Elas saem com a esperança de retornar um dia a seu país de origem e poder viver em sua casa. A mulher sempre quer transformar o seu inferno num paraíso, sua prisão em um reino onde ela seja a soberana²¹⁴. É com este sonho que elas partem e enfrentam as adversidades.

As famílias americanas que aceitam estas mulheres vindas sem documentos, com falta de oportunidades, criminalizadas por não terem documentação legal, são muitas vezes exploradas nos

²¹⁰ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 36.

²¹¹ BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 72-73.

²¹² BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 231-232.

²¹³ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 31.

²¹⁴ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 219.

trabalhos domésticos semanais que realizam para poder mandar dinheiro a seus filhos que ficaram nos países de origem²¹⁵. Outras mulheres que não têm com quem deixar seus filhos e não os querem abandonar, nem vender, optam por migrar levando-os junto.

En nuestros casos son cuatro las que viajan con todos sus hijos: Helen, Marisol, Carmelina y Rubí. Esta última migró con su pequeño porque el padre de éste, un hombre con poder y recursos, la persigue para quitárselo. Otra razón para no dejarlo en la casa de su familia parece ser porque no tiene una relación muy cercana con su propia madre; Rubí no le tiene confianza y considera que es “chismosa”, tampoco se ha comunicado por Facebook para que no la localicen. En algunos de los casos que abordamos parece que la fuerza de la red se mantiene, aunque cada vez las madres están llevando a sus hijos consigo, como vemos con estas.²¹⁶

Diante deste contexto de negação, de violência física em que se encontram as mulheres, perguntamo-nos: o que nos diria Levinas a partir da sua proposta ética? A mulher que, para ele, é o outro por excelência e a primeira alteridade absolutamente separada do eu²¹⁷, como um absolutamente outro, deve ser cuidada e respeitada em sua alteridade. A mulher, neste contexto, está sendo violentada fisicamente, agredida e considerada um objeto. Para ela, como alteridade na relação com o eu, a carícia é um ponto de encontro que não tem posse; há cuidado e um certo medo de assustar o outro e de provocar um distanciamento. A carícia é o ponto onde acontece o cuidado, a responsabilidade, a hospitalidade e a ética.

A carícia, tal como o contacto, é sensibilidade. Mas a carícia transcende o sensível. Não que ela sinta para além do sentido, mais longe do que os sentidos, que se apodere de um alimento sublime, conservando ao mesmo tempo, na sua relação com esse sentido último, uma intenção de fome, a escrava, como se a carícia se alimentasse da sua própria fome. A carícia consiste em não se apoderar de nada. (...). A carícia procura, rebusca. Não é uma intencionalidade de desvelamento, mas de procura. (...). A carícia procura, para além do consentimento ou da resistência.²¹⁸

5.4 A SAÍDA DO *IL Y A*

Durante o percurso de mais de 3.000 mil quilômetros até os Estados Unidos, os migrantes enfrentam situações de extrema vulnerabilidade e clandestinidade. O que os mantém com força é a esperança e a ilusão de a cada passo estar mais próximo da fronteira e realizar um sonho que acabará quando chegarem, se conseguirem lograr êxito na travessia rumo ao destino pretendido. O corredor é

²¹⁵ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 14.

²¹⁶ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 80.

²¹⁷ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, p. 264.

²¹⁸ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, p. 256.

um purgatório que os migrantes assumem; eles sofrem com a esperança de encontrarem um paraíso que não existe.

A chegada ao lugar do paraíso transforma-se em outro inferno, de exploração, de pré-conceito, de abusos, e o que mais causa sofrimento ao migrante é o fato de ter que viver na clandestinidade, no *no ser*²¹⁹. Tal situação pode ser comparada à experiência que teve o povo de Israel, quando vivia no Egito na escravidão do Faraó, que pede a Deus pela sua libertação. Deus ouve o clamor de seu povo²²⁰ e o ajuda a sair para uma “Terra onde corre leite e mel”²²¹. Moisés foi quem conduziu e comandou esse processo de saída²²². Para chegar ao outro lado, é necessário passar pelo deserto. Aquele desejo pelo infinito, pelo desconhecido, por uma terra onde nunca havia sido habitada, que é sem retorno. Passar pelo deserto é uma experiência por meio da qual o ser humano vive na sua extrema fragilidade e sente o peso da existência.

O deserto é o lugar da falta, da ausência, da miséria, do cansaço, da frustração, das adversidades, da cobrança: “Antes fôssemos mortos pela mão de Iahweh na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne”²²³. Mas, também, é o lugar da esperança, da solidariedade, da fortaleza, do desejo pelo infinito, que está do outro lado do deserto. É a história de Carmelina, a qual era obrigada a trabalhar desde criança e sofria, pela própria mãe, alfinetadas nos dedos, quando não conseguia costurar direito, e sofria queimaduras nas mãos, porque não sabia cozinhar, passando por inúmeras situações de sofrimento. Até que um dia cansou de sofrer e decidiu sair dessa situação de violência:

Quando su mamá de crianza la ponía a coser, le picaba los dedos con la aguja cuando lo hacia mal y le decía: “llora, que no lloras sangre”. También le quemó la mano por no tortear bien cuando estava empezando a aprender. Estudió un poquito, no le dieron oportunidad: “Yo era la sirvienta, la cenicienta”; pasaba mucha hambre y se escondían para comer “manteca de chanchito con sal”. Para salir de esa situación se unió a un joven, también campesino que “se burlo de mí”. Y su suegra también la golpeaban. “esa señora queria que todos sus hijos fueran machistas, que golpearan a la mujer”. Con este hombre tuvo dos hijos y la abandonó (...). Carmelina para sobrevivir se dedicó al comercio informal, vendiendo tortilla, chuchitos y produtos de avón. En este tiempo conoce a sua actual pareja. (...). Él bebia y le pegava, pero no la dejava sin comer y sin dinero, con el tiempo se tranquilizó. (...).

²¹⁹ Esta situação é a mesma que a Europa enfrentou após a Primeira Guerra Mundial e que Hannah Arendt nos apresenta no capítulo: O Declínio do Estado-Nação e o fim dos direitos do homem do livro: ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 300-336.

²²⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. [Livro do Êxodo: 33,7].

²²¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. [Livro do Êxodo: 33,3].

²²² No Livro do Êxodo que encontramos na Bíblia Sagrada, a partir do capítulo 3 em diante, podemos conhecer a história da saída do Egito, do povo que clamou a Deus pela sua libertação, Deus escuta e pede para Moisés tirá-los da opressão.

²²³ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. [Livro do Êxodo, capítulo 16]. Nesse momento Deus manda o maná no deserto para alimentar o seu povo. Depois no livro de Números, capítulo 11, o povo vai cansar de comer sempre do maná e chorará pelas cebolas que comiam no Egito.

Carmelina muestra una experiencia familiar muy dura que, sin embargo, ella se ha esforzado por superar y crear una mejor relación con sus hijos. La infravalorización que sufre por ser una niña regalada facilita que “naturalice” y acepte los maltratos de las dos parejas que va a tener. La salida de todo el grupo familiar se produce por el hartazo de una vida en la pobreza extrema y por la ilusión de esta mujer que ha sufrido tanto de lograr un cambio de horizontes.²²⁴

Entre tantas narrativas de saída, de busca de melhores condições, destaca-se a história de Toño, de El Salvador:

Tomar esa decisión, la de irme fue muy difícil porque el problema es que recuerdo que pasé una noche para sopesar las cosas y pensé que podía quedarme a defender el territorio, pero cuál va a ser el costo. O sea voy a tener que matar a gente y quizás va a morir gente mía. Valdrá la pena ese sacrificio? O sea, llevar la carga de que mate uno, dos, tres, o los que hayan sido y el peso de que perdi a un hijo, o una esposa o a mi madre. Digo, el dicho ese que dice: - Más vale aquí corrió, que aquí murió -. Entonces dije: - no, mejor nos vamos - Mejor nos vamos.²²⁵

Há pessoas que percebem que essa situação pela qual passam os migrantes é indigna e inhumana, porém são tão egoístas que não fazem nada para ajudá-los, pois o sofrimento dos migrantes não lhes produz nada. Temos que superar essa atitude egoísta, responsabilizando-nos por eles e saindo do *il y a*. Viver fechados em si mesmos, egoistamente - o pior não é ser egoísta, mas saber que é egoísta e não fazer nada para mudar essa atitude -, e os condenar a viver no *il y a* como que se essa realidade não existisse. Há muitas pessoas que não gostam dos migrantes e que, por isso, acabam por violentá-los, escraviza-los ou ignorá-los.

Ahora, desde sua casa a orillas del tren, visualizo todo o que está ocurriendo alrededor. He visto hambre, he visto tristeza, he visto dolor, he visto amarguras, he visto como hombres y mujeres se derrumban, pero también tanta valentia al atreverse a todo, a cambio de un futuro mejor ... he visto esa miséria humana de los que dañan y maltratan a esos migrantes, porque he visto como bajan de los vagones a las trampas y les destruyen sus cosas, su ropita, sus cobijas, sus pocos recuerdos que valoran ellos. Me ha tocado ver como hay individuos desalmados, máfias también, circulando alrededor de las vías en zonas donde saben que pueden cooptar a esa mano de obra regalada para manejarla.²²⁶

²²⁴ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 84-85.

²²⁵ FM4 PASO LIBRE. *Travesías migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 80-81.

²²⁶ FM4 PASO LIBRE. *Travesías migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 101-102.

Além de inúmeras vezes que a vida é ameaçada, como vemos nesse testemunho, e em outros tantos, é matada no anonimato. Acompanhemos, pois, o relato de um migrante quando passa pela casa de refúgio em Guadalajara:

Me ha tocado ver tantas cosas que la gente no se da cuenta, gente que han matado, que han ha desaparecido, historias que no crees, pero son ciertas, gente que dice que le ha tocado ver como queman hasta diez, quince, veinte personas en barriles con ácido, ¡puta!, y si es cierto. La outra vez que nos quedamos en la calle llegan trocas, tres o cuatro tropas con gente armada, de civiles, que son carteles pues, y ahí hacen lo que quieren con uno, a muchos paisanos los desaparecen ²²⁷. Escuchas tantas pláticas que dicen – Es que ya se secuestraron a no sé quien y ya se murió en el tren que ya se balacearon a no sé quien -. O sea, es que dan cada nota en cada lugar que vas, haz de cuenta que yo andaba por, no sé como se llama, y lo primero que oigo fue -. No, aqui a una cuadra se murió a balazos en la noche no sé quien -, uno que iba passando por ahí. (...). Y da temor. ²²⁸

Esses migrantes, quando conseguem chegar aos Estados Unidos, acabam indo morar nos “guetos negros”, os bairros em que as pessoas moram como sendo um depósito de lixo, num mecanismo de pura exclusão e que são desonrados, desprezados e considerados perigosos ²²⁹. A “Terra Prometida” onde corria leite e mel ²³⁰ torna-se terra de amargura e de nova escravidão.

5.5 FUGIR DO *IL Y A*, NA BESTIA

Para evitar os postos de controle policial, os migrantes decidem seguir outro caminho, enfrentar a “Besta”, que é o trem de carga que sai do sul do México e atravessa todo o país até chegar à fronteira com os Estados Unidos, pois que viajam sem visto ²³¹. Às situações de bestialidade a que são submetidos os migrantes, quando viajam no trem, atribuiu-se o nome de “Besta”:

El tren me mocho los dedos del pie. Veniamos en un tren, eso fue en Apizaco, por las ganas de bajarnos, que queríamos bajarnos, y el tren iba recio, entonces yo paré en las muelas, donde cierra y abre el tren. Yo no sabia, era mi primera vez en que andaba en tren, venía inexperto, ahí fue donde me agarró con todo el zapato ‘pas!’, me los deshizo los dedos. Cuando me pasó eso veníamos muchos, perdí mucha sangre. Me bajaron, llevo la Cruz Roja, me llevaron al hospital, me quitaron carne de la pierna y me pusieron un injerto. Duré como unas dos semanas en el hospital e de ahí te mandan a unas casas para que te recuperes. ²³²

²²⁷ FM4 PASO LIBRE. *Travesias migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 62-63.

²²⁸ FM4 PASO LIBRE. *Travesias migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 53.

²²⁹ BAUMAN, Zigmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 103.

²³⁰ Na Bíblia Sagrada, no livro do Êxodo capítulo 33, 3, encontramos o momento em que Yavé diz para Moisés que leve o povo para uma terra onde corre leite e mel.

²³¹ FM4 PASO LIBRE. *Travesias migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 39-40.

²³² FM4 PASO LIBRE. *Travesias migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 61-62.

A “Besta” é cruel, não tem piedade nem misericórdia. Os migrantes vão pendurados entre os vagões ou em cima deles durante várias horas, sem poder comer, nem dormir, diante do perigo eminente de poderem cair. Enfrentando intempéries, calor, frio intenso e chuvas; depois de várias horas de viagem, exaustos, se atiram novamente para poder descansar até tomar o próximo trem, se tiverem sorte²³³, como relata a seguinte testemunha:

El tren pasó, entonces vamos a subirnos al tren pero la verdad que la ansiedad de uno de ya querer terminar esto y llegar, no me di cuenta que el tren iba demasiado rápido, eso fue lo que jamás, jamás, me imaginé, yo vi el tren y nunca se me cruzó por la mente !no, no lo voy a poder agarrar porque va muy rápido!, entonces cuando yo voy corriendo y para agarrarlo con esta mano y lanzó esta otra para subir el tren, !pum! me arrancó, solo senti que como que choque con el como óssea, porque ... yo quise levantarme rápido para volver intentarlo entonces me tiró otra vez al suelo y me dice (su pareja que la estava ayudando), no se levante, porque si se levanta el tren la va a matar, entonces cuando él me dijo! ¡el tren la va a matar! Empece ahí sí ya, es el miedo, si él no me hubiera dicho eso, pero me dijo eso entonces. Ay Matar!²³⁴

Viver na extrema indignidade em busca de uma ilusão, de chegar ao destino, sonhando em poder trabalhar para ajudar as suas famílias que deixaram nos países de origem. Ter que defecar em bolsas quando estão em cima do trem, passar por infecções intestinais por causa das variações do clima, além de submeter-se ao pagamento de gorjetas aos maquinistas para não serem denunciados, e viajar amarrados nos vagões para não caírem. Quando dormem nos matos e nos bosques, têm que passar no corpo limão ou alho para não serem picados por cobras e para espantar os insetos, como relata uma das testemunhas:

Quando está parado pues busca uno uten mon para ahí hacer del baño y si no pues arriba, uno va caminando buscando un vagón que esté solo, muchos agarran bolsas y ahí, y ya luego lo amarran y lo tiran, así es como uno lo hace. (...). Nos han dicho que usando el ajo, lo huelen y se van los animales. Eso es más que todo para que las víboras ya no se acerquen por el olor. Entonces uno se echa más en los brazos, no en los ojos porque arde. Nomás así poco aqui en el cuerpo, se echa uno todo el ajo. (...). Se unta uno ajo en los pies también e en donde uno cree que el animal va a ver, entonces eso le ayuda mucho.²³⁵

Esta é uma das inúmeras situações que estes seres humanos têm que enfrentar durante o percurso pelo México²³⁶. O capitalismo gera isto mesmo, pois não visa à transformação do mundo, nem um mundo mais solidário e fraterno. Ele destrói o mundo. Se considerarmos que o capitalismo

²³³ Idem, p. 40.

²³⁴ FM4 PASO LIBRE. *Travesias migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p.108.

²³⁵ FM4 PASO LIBRE. *Travesias migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 31-33.

²³⁶ FM4 PASO LIBRE. *Travesias migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 38.

funciona como uma religião, precisamos ter presente que não tem em vista a transformação do mundo, mas a destruição do mesmo²³⁷. O capitalismo mata, gera violência, competição, guerras, discriminação, desconfiança, corrupção. As pessoas no interior de suas estruturas não são consideradas como seres humanos, mas são peças de uma grande engrenagem que precisa gerar lucro, não se importando se estão bem, se vivem com dignidade.

Para a lógica de ordenamento do capitalismo não importa se as famílias poderão ter uma remuneração digna; as pessoas são peças de produção e de geração de riqueza. É cruel e gera desigualdades e mazelas sociais, como, por exemplo, o que acontece na Guatemala. Segundo estatísticas da CEPAL²³⁸, que mede a linha da pobreza, existem muitas famílias na Guatemala que recebem 1 dólar por dia, vivendo em situação de extrema pobreza, pois não tem como satisfazer as necessidades básicas de alimentação²³⁹. Estas famílias são obrigadas a viver na extrema pobreza e na violência, jogadas numa existência pesada e cruel, o extremo do *il y a*, do anonimato, da tensão. A seguir, destaca-se o testemunho de José Aurelio que, como outras pessoas, viveu num contexto de dificuldade econômica, rodeado pela delinquência organizada, e teve que se submeter a um salário miserável:

Pero de un tiempo a acá las cosas han cambiado, se han puesto peor. O sea, nunca hemos estado bien, si no era la guerra en los ochenta, ya después se vino un tiempo en que como todos los gobernantes puras promesas. Entonces yo estaba trabajando en un ingenio azucarero, pero en este lugar, cada gobernante que salía se robaba el dinero y todo eso, pues ya los patrones optaron por no seguir con la secuencia del salario mínimo en Guatemala, sino que ahora ellos ya le dan lo que quieren. Con el último patrón que tuve yo fui y le dije: - mirá, el dinero que me estás pagando no me alcanza, yo tengo que solventar el gasto de la casa, mi papá, mi mamá. Mi papá ya no trabaja, está enfermo; mis dos hijos, tengo que ver por todo eso; la escuela, los estudios, la comida, el vestuario y todo. Somos cinco personas, lo que me estás pagando no me alcanza -. La respuesta del patrón fue: - pues bueno, aquí es lo que se paga si querés, si no allá afuera hay como mil personas esperando por tu plaza.²⁴⁰

A partir da ética levinasiana, o compromisso que precisamos assumir é a responsabilidade de enfrentar essa situação e não fazer de conta que ela não existe. A proposta levinasiana possibilita analisar a condição de vida dos migrantes, do órfão, da viúva e do estrangeiro, que são o absolutamente outro, cuja vida é ameaçada a cada instante, pelos perigos constantes que enfrentam

²³⁷ AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 70.

²³⁸ CEPAL (Comissão Econômica para América Latina) foi fundada em 1948 e é uma das cinco comissões regionais das Nações Unidas, com sede em Santiago do Chile. Destaca-se pelo desenvolvimento de pesquisas, pela publicação de dados estatísticos, estudos e informações referentes ao desenvolvimento econômico e social dos países latino-americanos e do Caribe.

²³⁹ FM4 PASO LIBRE. *Travesias migratórias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 27.

²⁴⁰ FM4 PASO LIBRE. *Travesias migratórias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 27.

quando viajam várias horas pendurados nos trens de carga, quando pulam para se agarrar, ou quando, pelo cansaço, depois de viajar muitas horas, se atiram nos povoados para poder descansar e comer aquilo que os habitantes das cidades, aqueles pobres que moram à beira dos trilhos do trem, oferecem a eles. “Lá, compreende-se que matar a fome é a maravilha das maravilhas”²⁴¹. A proposta da ética levinasiana é de ajudar o migrante a sair do *il y a* para que viva com dignidade.

5.6 DAR SENTIDO NO SEM SENTIDO

Se a vida humana tem sentido, este deve vir fora dessa existência aterrorizante e fantasmagórica. É para além do ser, além do mundo cruel que esse sentido deverá chegar para tirar os existentes dessa existência cruel. Mas não devemos assumir no lugar do outro a sua existência, ninguém pode viver no lugar do outro, nem morrer, não devemos querer que ele reassuma essa existência. Levinas convida-nos a nos responsabilizarmos pelo outro e a termos amor por esse outro, um amor sem concupiscência, porque não tem interesse algum, não é por mim, é pelo outro. A responsabilidade para evitar a sua morte, para retardá-la, pois ela é inevitável, sabemos que o outro vai morrer e não podemos mudar isso, apenas retardar, evitando que ele sofra ainda mais do que sofre, tirar a sua fome nesse momento do encontro com o rosto.

A minha responsabilidade em face de um rosto que me olha como absolutamente estranho – e a manifestação do outro coincide com esses dois momentos – que constitui o facto original da fraternidade. A paternidade não é uma causalidade, mas a implantação de uma unicidade com a qual a unicidade do pai coincide e não coincide. A não-coincidência consiste, concretamente, na minha posição como irmão, implica outras unicidades em torno a mim, de maneira que a minha unicidade de mim resume ao mesmo tempo a suficiência do ser e a minha parcialidade, a minha posição em face do outro como rosto. No acolhimento do rosto (acolhimento que é já a minha responsabilidade a seu respeito e em que, por consequência, ele me aborda a partir de uma dimensão de altura e me domina).²⁴²

No percurso pelo México, muitos têm a experiência da deportação, são presos e torturados. “los llevan al baño, los amarran, los golpean, donde hay cucarachas, ratones y todos los guardias son bien pasados con la gente también. Estuvimos como cinco dias encerrados”²⁴³, porque são muitos os postos da Polícia Federal mexicana que se encontram nas estradas federais, controlando o fluxo de pessoas estrangeiras que estão sem documentação e que, por este motivo, são criminalizadas e

²⁴¹ LEVINAS, Emmanuel. *Do Sagrado ao santo*: cinco novas interpretações Talmúdicadas. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 82.

²⁴² LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 209.

²⁴³ FM4 PASO LIBRE. *Travesias migratórias*: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 57.

deportadas. Devemos destacar que a maioria dos migrantes deportados volta totalmente endividada, além da experiência de frustração pessoal e familiar. Não são vistos como seres humanos. Cumpre destacar, ainda, que muitos migrantes não são deportados com vida. Chega-se ao absurdo de deportá-los mortos ou, em alguns casos, as famílias que estão longe devem buscar seus corpos.

En otra ocasión nos llegó un muchacho, que pasó por acá a trabajar y duró por ahí en Vallarta un tiempo allá trabajando. Cuando regresó venía tan malo, pero malo, traía cirrosis, o sea hasta sida se me hace, malo de los riñones y sabe cuantas más enfermedades tenía. Entonces lo tuvimos aquí, aquí estuvo pero estaba muy enfermo (...). Le facilitaron la atención con el médico pero su salud ya no se mejoró en las tres semanas que lo tuvieron en el albergue, pero finalmente se lo llevaron al Hospital Civil en donde falleció. (...) Buscando dió con la familia, pero ya fue tarde, se murió por ejemplo hoy y como mañana vino la familia. Vinieron a recogerlo. A llevárselo ya difunto, ya muerto. Se murió ahí en el Hospital Civil. Hemos tenido muchas experiencias de esas.²⁴⁴

Levinas, nesta situação, explicita em sua proposição filosófica que podemos acompanhar o outro com compaixão, o que não significa ajudar o outro a carregar seu peso somente para sentir o que ele sente, nem nos colocar no lugar dele. Aqui, como falávamos anteriormente, é o amor sem concupiscência, sem interesse, como sacrifício que interpela. A ética de Levinas consiste em sacrificarmo-nos pelo outro sem pensarmos em nós. Não é uma atitude heroica; o amor sem concupiscência é totalmente desinteressado, uma vez que eu deixo de pensar em mim, esqueço-me e só penso no outro que está nessa situação. O outro, com sua presença, me interpela e me chama à responsabilidade através da ferida que provoca em mim.

A epifania do rosto como rosto abre a humanidade. O rosto na sua nudez de rosto apresenta-me a penúria do pobre e do estrangeiro; mas essa pobreza e esse exílio que apelam para os meus poderes visam-me, não se entregam a tais poderes como dados, permanecem expressão de rosto. O pobre, o estrangeiro. (...) vem do Outro para me chamar a responsabilidade.²⁴⁵

É o mexicano que se arrisca em ser penalizado pelo governo, que faz o trabalho sujo que os Estados Unidos não querem fazer, tendo em conta que o México faz a contenção dos migrantes centro-americanos para que não cheguem aos Estados Unidos. O estado de Vera Cruz é o mais perigoso para os migrantes, com cenários de agressões, extorsões, ameaças e roubos, onde são presas fáceis para os grupos delitivos. Diante deste contexto de extrema vulnerabilidade e condenação de *ter que ser* nessa existência anônima, há muitas famílias mexicanas que se solidarizam com estes *outros*, diferentes, desiguais, assimétricos, absolutamente outros, que se apresentam com seu olhar, seu rosto nu. São muitas famílias mexicanas, geralmente pobres, simples, que têm gestos de

²⁴⁴ FM4 PASO LIBRE. *Travesias migratórias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad. Dignidad y Justicia en el Camino A.C.* Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 130-131.

²⁴⁵ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 208.

bondade, portanto, éticos, e que os ajudam a carregar o peso da existência, pelo menos por um tempo, um ponto no infinito.

Quando puedo les ayudo a mis paisanos, les digo báñense, y ya después de repente siguen su camino. Les he dado la mano, pues. A veces estoy yo con mi cuñada y pasan, o si no, estando en casa, va gente y van a que le regale un taco. Cuando puedo pues le ayudamos con algo, y ya me dice uno, pues vi en él como yo me vi en eso pues.²⁴⁶

Não é heroísmo, ao contrário; a compaixão remete à substituição, não de colocar-se no lugar do outro, mas de se expor pelo outro. O outro torna-se a “pedrinha no sapato”, a ferida que me machuca por dentro, uma presença desagradável para mim. O que eu posso fazer é me doar, sem pensar em mim, não temendo nenhuma retaliação, nem punição, porque não penso em mim, mas na súplica do outro que chega na sua extrema indigência, olha-me e pede-me um pedaço de pão, um pouco d’água. É a atitude de um senhor mexicano que, mesmo se arriscando à retaliação das autoridades do país, não hesita em ajudar aos migrantes quando estes passam em frente a sua humilde casa, pois não consegue ignorá-los:

En este tramo de las vías acostumbrava estacionarse el ferrocarril si las vías estaban ocupadas por el tren contrario. Yo oía que chillaban, pedían pan y pedían de comer, pues como chingados me voy a quedar quieto?, si estoy oyendo un niño que esta pidiendo de comer, como me voy a quedar quieto? Entonces agarre y venía a ver en el refrigerador, a ver que veía, como ahorita hay frutita, hay pan aqui, por si se ofrece hay tostadas, siempre tenemos algo a mano. Entonces me acercaba y les decía: - Traes niños verdad? – Si!!, - cuantos traes?, - dos, tres, - mira, ten, te traje estas frutas para que les des, te traje este pancito para que le des, quieren un cafecito? Quieren un taquito: Diganme!, antes de que arranque el ferrocarril -. Si hay tiempo me vengo corriendo, alisto unos huevitos, unos frijolitos. Me hicieron echarme un clavado hacia los inmigrantes, por que?, porque lo sentí como una necesidad mia hacia ellos.²⁴⁷

Este senhor sentiu o migrante dentro dele, ficou morando nele; o choro das crianças pedindo um pedaço de pão provocou nele um desejo de sair de si e ir ao encontro, abrir a porta da sua casa, da moradia, da comodidade e encontrar-se com aquele que fere seu interior e fica morando nele; é o primeiro habitante, o hóspede que desinstala. Esse encontro, essa mão estendida com um pouco de comida é o momento inaugural da ética.

A ética do migrante dá-se na bondade das pequenas coisas. Nesses gestos de bondade em que há um desinteresse, um sacrifício nisso, mas não penso em mim, é pesado fazer o que faço, mas tudo é pouco para fazer pelo outro, o que nos lembra a frase atribuída a Francisco de Assis: “Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente estará fazendo o impossível”. São

²⁴⁶ FM4 PASO LIBRE. *Travesias migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad. Dignidad y Justicia en el Camino A.C.* Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 93.

²⁴⁷ FM4 PASO LIBRE. *Travesias migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad. Dignidad y Justicia en el Camino A.C.* Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 104.

aqueles gestos que os habitantes de Guadalajara fazem quando escutam chegar a “Besta”, ou quando passa algum migrante pela cidade:

Estas personas que cuidan de quienes hacen su tránsito migratório realizan un trabajo extraordinario en una vida que parece ordinária, expresado de outra forma: hacen de forma extraordinária lo ordinario de la vida. Han tomado la solidaridad como camino de acompañamiento, como vía para la acción frente a sujetos cotidianamente vulnerados, han sido capaces de comprometerse con el migrante en su necesidad, incluso les han abierto un espacio en su própria vivienda, algunos migrantes se volvieron casi como su familia y por supuesto que los lloraron al partir, les han compartido su comida, han escuchado y sufrido sus historias, les han ofrecido aseo, ropa y lecho para que restauren sus fuerzas y continuen su camino; han protegido sus derechos y les han hecho sentir, con su trato, que la dignidad humana está por cima de todo.²⁴⁸

A ética levinasiana para o outro é uma relação de alergia, de rejeição, porque o outro não é bom comigo; ele é mau, ele provoca em mim desconforto²⁴⁹, fere meu interior, é insuportável vê-lo, é inoportuno, mas assim mesmo me responsabilizo por ele, mesmo que ele não seja comigo. Sou eu que tenho que fazer o bem, o outro não necessariamente tem que corresponder, nem agradecer. Nesse sentido, ele é mau, é ruim comigo, ele não é bom²⁵⁰, é desigual como singularidade. Ele é culpado e malvado comigo, porque me fere interiormente, incomoda-me e, portanto, é o primeiro habitante em mim. Mas a ética não me deixa pensar desse jeito e me exige olhar e ir ao encontro dele e amá-lo, responsabilizando-me por ele. Possivelmente é a experiência que vivem os voluntários nas casas de refugiados e nas casas de cuidado dos migrantes:

En la casa del migrante uno se viene informando, ahí le vienen diciendo: - Agarre tal tren, de cuatro mil pa´arriba, que lleve dos máquinas -, Ahí en las casas le ayudan mucho a uno. He pasado por cuatro, cinco ya con esta. (...). Cuando llegue aquí a la vía me dijeron unos mexicanos que están ahí, que duermen ahí en las calles: - Ya fueron a la casa del migrante? (...). Otras veces solo llego a la casa en el día, duermo en la noche y ya al día siguiente salgo, no me gusta estarme mucho tiempo en la casa del migrante.²⁵¹

O que parece mais extraordinário e faz sentir que a ética levinasiana está presente são as atitudes das mães dos migrantes que ficam detidos no México, que já estão no *il* y *a* da existência nua e crua nos seus países de origem. Ao tomar conhecimento de que seus filhos estão presos ou desaparecidos, sofrendo várias discriminações e sendo violentados, decidem sair e buscá-los,

²⁴⁸ FM4 PASO LIBRE. *Travesías migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 100.

²⁴⁹ SEBBAH, François Davi, In: RIBEIRO, Nilo Junior; AGUIAR, Diogo Villas Bôas; RIAL, Gregory; CARVALHO, Felipe Rodolfo de. *Amor e justiça em Lévinas*. São Paulo: Perspectiva, 2018, p. 199.

²⁵⁰ SEBBAH, François Davi. In. RIBEIRO, Nilo Junior; AGUIAR, Diogo Villas Bôas; RIAL, Gregory; CARVALHO, Felipe Rodolfo de. *Amor e justiça em Lévinas*. São Paulo: Perspectiva, 2018, p. 199-200.

²⁵¹ FM4 PASO LIBRE. *Travesías migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 25.

enfrentar o mesmo percurso que seus filhos realizaram para resgatá-los do sofrimento extremo. São as conhecidas “caravanas”²⁵² das mães, que se formam a partir do sofrimento e do desespero.

La caravana nació de las madres, nació sin dinero y sin respaldo institucional, nació del dolor de las madres...y punto. No nació en una oficina de una capital ni en un proyecto a presentar a un organismo internacional de cooperación. Nació de prácticas entre mujeres, de dolores compartidos y de complicidades maternas. La caravana nació mojada de lágrimas. (...). De madres, quienes en representación de muchas otras que tienen a sus hijos desaparecidos, recorren las principales ciudades de México que confrontan la ruta migratoria para buscar pistas de los desaparecidos.²⁵³

A ética levinasiana também está presente na solidariedade das outras mulheres, que, ao saberem que a caravana das mães está chegando ao município, compartilham a dor delas quando as vem carregando as fotos dos filhos ou dos maridos desaparecidos. São essas mulheres que sentem a dor da outra mãe e mulher e as acolhem com flores. Mas são os gestos fraternos e de amor sem concupiscência de que Levinas nos fala que podem ser identificados nas atitudes do Padre Pedro Pantoja que organiza o albergue para migrantes: “Belén, Posada del Migrante” na cidade de *Saltillo*²⁵⁴, saindo com sua camioneta para pedir milho e feijão para os outros, os migrantes, e para receber a caravana de mulheres que, ao passar e se hospedar na casa de refugiados e mostrar as fotos de seus desaparecidos, continua sua busca incansável e são recebidas com flores pelas matronas.

Luego la caravana se dirigió a un municipio muy pequeño, pero pintoresco; se trata de Tequisquiapan en el estado de Querétaro. Nuevamente, la plaza central fue testigo de recorrido de las madres centro-americanas. El 24 de octubre las madres y familiares de migrantes desaparecidos lanzaron flores a las vías del tren. Aunque en Tequisquiapan hace más apoyo para brindar una mano amiga a los migrantes.²⁵⁵

5.7 A ÉTICA É SE “DAR” AO MIGRANTE

Ao adentrarmos na parte final da presente pesquisa, serão apresentados dois testemunhos em que podemos identificar a ética no momento em que o migrante, como metafísico, chega e é inoportuno, inapropriável, e é acolhido por tantas pessoas que o vêem e têm essa atitude, esse

²⁵² “Las caravanas” são grupos de mulheres (mães) que saem de seus países em busca de seus filhos ou parentes que estão desaparecidos ou presos, ou mortos. Estes grupos surgiram nos municípios de El Progreso y Yoro, no Estado do Valle de Sula, ao norte de Honduras. É uma região conhecida como expulsora de migrantes.

²⁵³ PERAZA, Pablo José. Sobre encuentros y reencuentros. Caravana de madres “Libertando la esperanza”. In. GARCÍA, Sandoval Carlos. *Migraciones en América Central: políticas, territorios y actores*. Costa Rica: Editorial UCR, 2016, p. 282.

²⁵⁴ Cidade com aproximadamente 650.000 habitantes, que se encontra no estado de Coahuila no México, a 400 quilômetros da fronteira sul com o estado de Texas dos Estados Unidos.

²⁵⁵ PERAZA, Pablo José. Sobre encuentros y reencuentros. Caravana de madres “Libertando la esperanza”. In. GARCÍA, Sandoval Carlos. *Migraciones en América Central: políticas, territorios y actores*. Costa Rica: Editorial UCR, 2016, p. 289.

movimiento de sair de si e ir ao encontro dele (ética). São as matronas, mulheres pobres das cidades de Coatzacoalcos e de Córdoba, por onde passa o trem. Elas esperam à beira dos trilhos que passe a “Besta” inhumana, para ter gestos éticos de humanidade. Não somente dar-se, mas tirar a escassa comida que têm em casa, para oferecer àqueles seres que passarão e nem conseguirão ver direito seus rostos, seus olhares ferindo, incomodando e continuando a sua viagem. Essas mulheres pobres tiram comida que não lhes sobra, e são capazes de tirar da sua própria boca um pedaço de pão para dá-lo ao outro e, ainda, fazer uma prece por ele.

En los pueblos que pasábamos pedíamos, a veces sí comíamos, a veces sólo comíamos una vez al día; y ahí pasándola. Abajo casi unos no sufre mucho uno porque ahorita está la cosecha de mangos y sí come mango uno. (...). Ya llegando a Coatzacoalcos ya es mucho mejor, ya hay mas ambiente, es una ciudad grande. Uno empieza a pedir y le regalan. Donde es bien bueno es en Córdoba porque hasta las señoras salen a darle comida a uno, le tiran grandes bolsadas de pan. De arroz, de atún, de mayones y agua, en bolsas se lo tiran. Es bien buena la gente, ahí en Córdoba.²⁵⁶

Outro gesto que me merece destaque, que parece inaugurar a ética levinasiana, é o gesto de um imigrante que se solidariza com outro imigrante:

Cuando llegamos al acampamento montado en el passo a desnível de Juan Palomar y Arias y avenida Inglaterra, encontramos un grupo de jóvenes descansando bajo la sombra de un árbol, a un lado de las vías, en el municipio de Zapopan. (...). Un hombre de unos 60 años, robusto, de ojos grandes grises, se acerca cojeando del otro lado de la vía. Trae el pantalón desgarrado y un pie envuelto en bolsa de plástico. Dice llamarse Guillermo Portillo y cuenta que recién llegó proveniente de Sonora. Alguien aquí le ofreció un trabajo, así que vislumbraba una oportunidad para recomenzar su vida. Pero se cayó del tren, se hizo una herida en un pie... y perdió el trabajo. Lo atendieron en la Cruz Verde de Zapopan, le vendaron el pie y le dijeron que se lo cuidara. Guillermo, que no trae muletas, pide un pantalón. Le recomendamos que se quite la bolsa del pie para que no se infecte la herida. Dice que se la puso el día anterior para protegerse de la lluvia. Nos despedimos de él con la promesa de intentar conseguirle muletas y un nuevo pantalón, talla 34, compromiso que se logra al día siguiente. Para sorpresa nuestra, a los pocos días nos percatamos de que Guillermo ya sólo lleva una muleta. Cuando le preguntamos la razón, contesta que la otra se la presto a un joven de Sonora que, como él, fue atropelado por el tren.²⁵⁷

Como podemos perceber, a ética acontece quando sou capaz de sair totalmente de mim, de sacrificar-me pelo outro, que sinto e vejo que está precisando de mim; é um sacrifício, mas tudo é pouco. Este migrante, em sua indignância, na falta de quase tudo, na dor, na fraqueza, é capaz de solidarizar-se com o outro e dividir uma muleta, ficando só com uma. Aqui, nesse gesto, diante do outro metafísico, inaugura-se a ética.

²⁵⁶ FM4 PASO LIBRE. *Travesías migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad. Dignidad y Justicia en el Camino A.C.* Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 24.

²⁵⁷ FM4 PASO LIBRE. *El desafío de transitar-vivir en la ciudad para las personas migrantes en Guadalajara. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Segundo Informe de Investigación.* Guadalajara: Tepache, 2017, p. 75-76.

Estes gestos simples, mas profundamente significativos e gratuitos, são os que mostram a verdadeira ética tão necessária ao momento atual, o qual estamos vivendo neste mundo, nesta existência nua e crua do *il y a*, em que muitas pessoas estão sofrendo e que temos o compromisso ético levinasiano de tirá-las dessa situação, para que, como Jesus afirmou, tenham vida, e a tenham em abundância.

6 CONCLUSÃO

Após percorrer o caminho traçado, conforme exposto na parte introdutória do presente trabalho, chega-se o momento final. Desse modo, cumpre registrar algumas considerações conclusivas acerca dessa pesquisa que versou sobre a ética e a metafísica levinasiana. A partir da pesquisa elaborada, podemos perceber que a proposta levinasiana é muito atual, pois convida-nos, indistintamente e independentemente de credo, raça, nacionalidade, a comprometer-se e a responsabilizar-se pelo outro que a cada dia se apresenta e interpela para que não seja aniquilado, morto, desde relações mais simples do dia a dia, em família, no bairro, e mesmo nas relações em sociedade como um todo. Hoje verifica-se um panorama complexo em torno ao problema dos deslocamentos/da movimentação humana que conta com milhões de imigrantes e refugiados no mundo todo. São notórias as dificuldades enfrentadas pelas pessoas migrantes, que ficam expostas a situações de discriminação, intolerância, xenofobia e violência brutal para poder chegar a um lugar seguro para sobreviver.

A migração é um fenômeno que assusta comunidades e famílias inteiras porque a presença do outro desestabiliza, exige que nos relacionemos com o estranho, o desigual de que Levinas nos apresenta. O Brasil é um país com mais cidadãos brasileiros que estrangeiros e, embora venha acolhendo um grande número de migrantes e refugiados, nos últimos tempos presenciemos posicionamentos que expressam um pensamento que vem ganhando força no latro social que explicita um tom xenofóbico e pouco acolhedor para com os estranhos que batem à nossa porta. A migração, conforme apresentado no último capítulo, é um fenômeno que produz muito dinheiro para o sistema financeiro, aspecto motivador e porta de entrada para o crime organizado, movimentando muito dinheiro, o que faz com que se seja desconsiderada totalmente a dignidade das pessoas que sofrem com esse fenômeno.

A presente investigação teve por foco a análise da migração econômica e, principalmente, aquela que está acontecendo no México, como um corredor de dor e sofrimento onde a vida humana está sendo totalmente posta em uma condição de extrema exposição, na figura daqueles migrantes, indocumentados, silenciados, anônimos, invisibilizados que saem dos países de El Salvador, Honduras, Nicarágua e que se encontram na extrema pobreza, em um sistema societário no qual tanto o meio ambiente, quanto as pessoas são peças no interior de um sistema que tem por imperativo maior o lucro, dinheiro e riqueza material.

O percurso que trilhamos começou com a exposição da dinâmica da construção do sujeito. Desde o momento em que ele se encontra sem consciência, vivendo sem saber que está vivo, passando pelo momento em que começa a tomar consciência de si e do mundo exterior, até o momento em que decide sair de si mesmo e ir ao encontro daquilo que está fora da sua vida e que o atrai por ser desigual. Começa a relacionar-se com o mundo exterior e, então, passa a construir-se, inicialmente de maneira egoísta, apossando-se de tudo que está ao alcance da mão. Até que encontra o outro desigual que resiste à posse no primeiro momento inaugural da ética, na resistência do outro.

Toda construção humana se dá dessa forma, pois vivemos numa sociedade marcada por determinados paradigmas que propagam a lógica fixada no individualismo e na busca pelo prazer, um prazer egoísta e egocêntrico. O importante é viver bem a partir do capitalismo e buscar a comodidade sem ser incomodado. A possível relação que podemos estabelecer é de posse, de autoritarismo ou de domínio. As pessoas querem estar tranquilas com a suas vidas, não se importando muito com a vida das pessoas mais próximas. Em muitos casos, existe um abismo entre pessoas próximas. Há medo do outro, pois se tornou uma ameaça, alguém perigoso que pode me tirar aquilo que preciso para viver, tirar minha segurança, meu lugar neste mundo. O mundo é minha propriedade e não há lugar para todos. Cada um quer viver a sua verdade sem respeitar a verdade a vida do outros.

Todo aquele que se apresenta desigual, assimétrico, que pensa e vive de outra maneira diferente a minha, deve ser considerado um perigo, deve ser exterminado e dissipado. Não há acolhida para o desigual, para o absolutamente outro. Há tolerância com o absolutamente outro, mas não há acolhida, hospitalidade. Tolerando o outro, mas não o aceito, porque estabeleço condições, faço contrato de convivência com ele. Mas quando ele desrespeita uma cláusula do contrato, torna-se um inimigo, motivo pelo qual devo castigá-lo; ele é compreendido e visto somente a partir de mim e da minha vontade, o tolero. A proposta desta reflexão visou iluminar esta noite escura, na qual estamos vivendo atualmente no Brasil e no mundo, momento em que os fantasmas perambulam por esta noite do *il y a* e, como nos diz Levinas em sua obra *Do Sagrado ao Santo*, na noite circulam os habitantes da noite, do mal, e eles se escondem durante o dia. A ética e o metafísico, não se veem na escuridão, eles precisam ser iluminados para que apareçam.

Diante de tantos gestos violentos, de tantas propostas de morte que circundam a existência humana no cotidiano, precisamos resgatar os momentos simples, puros, autênticos daqueles que desejam um mundo para todos, de acolhida e de hospitalidade. Por este motivo compreendemos que

o último capítulo é significativo no conjunto da pesquisa, pois o pensamento de Levinas é atual e exorta-nos a todos, sem exceção, a comprometer-se com o outro, com o estranho.

A situação de invisibilidade que cada migrante indocumentado que atravessa pelo México e a violência física, psicológica que devem enfrentar chega a ser insuportável; é uma náusea que eu devo me posicionar e que eu tenho que fazer uma coisa ou eu tenho algo para dizer. Essa lógica societária requer um posicionamento crítico, diante de uma lógica de mercado mundial que não humaniza as pessoas, mas que lhes impõe uma violência inumana e degradante. A situação na qual se encontram os milhares de migrantes que estão a caminho dos Estados Unidos, ou viajando de uma maneira bestial, como animais na “Bestia”, que lhes impõe esse preço para poder chegar e realizar o sonho de uma vida melhor.

A presente pesquisa não está finalizada, pois é o começo de uma viagem com muitos desafios. Estive e pretendo novamente estar em uma casa para migrantes no México, mais precisamente em Guadalajara, que se encontra a “Casa del Migrante” ao lado dos trilhos aonde passa “La Bestia”. Ali na “Casa del Migrante”, conversei com vários que estavam de passagem, partilhei e escutei inúmeras histórias, a maioria delas similares àquelas descritas ao longo do último capítulo, colocadas em forma de testemunhos.

Há uma vasta bibliografia sobre a migração dos países da América Central para os Estados Unidos da América, mas nenhum conhecimento bibliográfico se compara à presença e ao testemunho pessoal, próximo dos migrantes. Escutá-los, vê-los, tocá-los e acolhê-los, é a experiência do outro que chega da exterioridade infinita. Essa foi a experiência que, por exemplo, Pedro Ultreras fez quando realizou o documentário muito conhecido sobre “La Bestia”, que resultou na publicação do livro homônimo, no qual relata o caminho percorrido junto com alguns grupos de migrantes, em que e vivenciou dificuldades, tragédias e até alegrias, num ambiente que ninguém pensa que se possa ter alegrias. Mas a alegria de receber um pedaço de pão, um pouco de água, coisas tão simples, é tão distante e demonstra a responsabilidade ética em relação ao outro.

Por este motivo, pretendemos continuar a pesquisa no doutorado propondo uma ética da hospitalidade para com os migrantes, como resposta à lógica da tolerância que gera violência, preconceito, morte, xenofobia e submissão. A ética levinasiana também tem muito para contribuir neste sentido. Ao aprofundar a ética levinasiana e a metafísica, a indagação central que permeou toda a discussão se situou em perguntar como é possível essa proposta iluminar a realidade na qual vivemos. As pessoas agem a partir das normas estabelecidas pela lei, pelo direito que, em muitos casos, são injustas e não possibilitam que a ética seja significativa e transforme a vida das pessoas. A

motivação por pesquisar e refletir acerca da ética do migrante, se deu, sobretudo porque parece que ele é, nos dias atuais, aquele a quem se tem negados todos os direitos; não possui nada, não tem terra, nem casa, nem comida, nem roupa, está sem a sua família, não tem oportunidades, tudo lhe é negado.

Certamente conhecemos alguém que é migrante e que busca uma oportunidade para viver dignamente como ser humano. Levinas, com a sua proposta ética, convida-nos a transformar e a iluminar as trevas deste mundo, desta vida escura, na qual não vemos os outros. É tempo de revolução, de resistência, de libertação, pois quando ajudamos a libertar o outro dos determinismos, do sofrimento, dos preconceitos, é aí, segundo Levinas, que acontece a revolução e, portanto, a ética. Quando acolhemos o migrante, somos hospitaleiros, inauguramos a ética e ele se torna o lugar metafísico por excelência.

REFERÊNCIAS

LEVINAS, Emmanuel. *Deus, a morte e o tempo*. Trad. Fernanda Bernardo. Lisboa: Edições 70, 2015.

LEVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à Idéia*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2003.

LEVINAS, Emmanuel. *Do Sagrado ao santo: cinco novas interpretações talmúdicas*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós*. Ensaio sobre a alteridade. Trad. Pergentino Stefano Pivatto [et al.] Petrópolis: Vozes, 2010.

LEVINAS, Emmanuel. *Fuera del sujeto*. Trad. de R. Ranz Torrejón y C. Jarillot Rodal. 2. ed. Madrid: Caparrós Editores, S. L., 1987.

LEVINAS, Emmanuel. *Quatro leituras talmúdicas*. Trad. Fabio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. 3. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2014.

LEVINAS, Emmanuel. *Violência do rosto*. Trad. Fernando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2014.

REFERÊNCIAS SOBRE LEVINAS

BERNARDO, Fernanda. *Levinas Refém: a assinatura ético-metafísica da experiência do cativo*. Coimbra: Palimage, 2012.

COSTA, Márcio Luis. *Lévinas: uma introdução*. Petrópolis: Vozes, 2000.

COSTA, José André da. *Ética e política em Levinas*. Passo Fundo: Ifibe, 2013.

CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

CARDO, Llorente Jaime. *Lévinas: el sujeto debe responsabilizarse de los otros hasta el punto de renunciar a sí mismo*. España: Unigraf, 2015.

CORREIA, Adriano. DRUCKER, Cláudia. OLIVEIRA, Jelson. RIBEIRO, Nilo. *Heidegger, Jonas, Levinas*. São Paulo: Anpof, 2017.

CHALIER, Catherine. *Lévinas: a utopia do humano*. Trad. António Hall. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

- DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Levinas*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. *Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2006.
- LEÃO, Júlia Maria Pinto de. *Lévinas e a fenomenologia: o Rosto como facticidade de outrem*. Lisboa: Campo das Letras, 2007.
- MELO, Nélio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- PELIZZOLI, Marcelo Luiz. *LEVINAS: a reconstrução da subjetividade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas*. Trad. J. Guinsburg [et al.] São Paulo: Perspectiva, 2007.
- RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005.
- RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria da Paz: ética e teo-lógica em Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2008.
- RIBEIRO, Nilo Junior; AGUIAR, Diogo Villas Bôas; RIAL, Gregory; CARVALHO, Felipe Rodolfo de. *Amor e Justiça em Lévinas*. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- SAYÃO, Sandro. *Levinas: entre nós*. Recife: Ufpe, 2014.
- SEBBAH, François David. *Levinas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- SEBBAH, François Davi. In. RIBEIRO, Nilo Junior; AGUIAR, Diogo Villas Bôas; RIAL, Gregory; CARVALHO, Felipe Rodolfo de. *Amor e justiça em Lévinas*. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- SUSIN, Luis Carlos. *O Homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984.
- SOUZA, Ricardo Timm de. *Sentido e alteridade: Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- SOUZA, Ricardo Timm de. *Sentido e alteridade: dez Ensaios sobre o Pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- SOUZA, Ricardo Timm de. *Éticas em diálogo: Levinas e o pensamento contemporâneo: questões e interfaces*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- SOUZA, Ricardo Timm de; FARIAS, André Brainer de; FABRI, Marcelo (Orgs.). *Alteridade e ética: obra comemorativa dos 100 anos de nascimento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.
- SOUZA, Ricardo Timm. *Hegel e infinito*. Disponível em: timmsouza.blogspot.com/2012/09/hegel-e-o-infinito.html. Acesso em: 15 nov. 2018.

REFERÊNCIAS SOBRE MIGRAÇÕES

CONDÉ, Maryse. *Corações migrantes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

CORTÉS Almudena; MANJARRES Josefina. *Mujeres, migración centroamericana y violencia: un diagnóstico para el caso de Puebla*. Puebla: DF, Puc, 2017.

CASTLES, Stephen; MILLER, J. Mark. *La era de la migración: movimientos internacionales de población*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2004.

CASTELLANOS, Juan Mario. *El Salvador 1930-1960: antecedentes históricos de la Guerra Civil*. San Salvador: Concultura, 2001.

CASTRO, Ángel. *Un plan de desarrollo regional: el bajo Aguán en Honduras*. México: Universidad Iberoamericana, 1994.

COMISIÓN DE DERECHOS HUMANOS DEL DISTRITO FEDERAL (CDHDF). *Informe sobre el cumplimiento de las obligaciones del Estado Mexicano frente a la Convención Internacional sobre la Protección de los Derechos de Todos los Trabajadores Migratorios y de sus Familiares*. México: DF, 2011.

CRUZ, José Muguel. *Maras y pandillas en Centroamérica: las respuestas de la sociedad civil organizada*. San Salvador: Uca Editores, 2006.

DIAS, Celia Maria Morais de (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002.

FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017.

FM4 PASO LIBRE. *Travesías migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017.

FM4 PASO LIBRE. *El desafío de transitar-vivir en la ciudad para las personas migrantes en Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Segundo Informe de Investigación. Guadalajara: Tepache, 2017.

GARCIA, Sandoval Carlos. *Migraciones en América Central: políticas, territorios y actores*. Costa Rica: Editorial UCR, 2016.

GRAMMONT, Hubert de. *Migración y pobreza. La cuestión social: superación de la pobreza y política social a 7 años de Copenhague*. Coords. Ronaldo Cordera; Leonardo Lomelí; Rosa Elena Montes de Oca. México: Unam, 2003.

INSTITUTO TECNOLÓGICO AUTÓNOMO DE MÉXICO (ITAM): *Migración centroamericana en tránsito por México hacia Estados Unidos: diagnósticos y recomendaciones*. México, DF. Disponible em: <http://migracionentransito.org>. Acesso em: 15 nov. 2018.

JÚNIOR, Fayet Ney; FERREIRA, Marta da Costa. *Fenômeno marero na América Central: uma abordagem criminológica de seus pressupostos existenciais*. 2. ed. Porto Alegre: Nuria Fabris Editora, 2014.

LARA KLAHR; Marco. *Hoy te toca la muerte: el império de las Maras vistos desde dentro*. México: Planeta, 2006.

LEVENSON, Devorah. *Por si mismos: un estudio preliminar de las “maras” en ciudad de Guatemala*. Guatemala: Avanco, 1998.

MARTÍNEZ, Sanjuana; PARRA, Emiliano Ruiz; SOLALINDE, Alejandro; MARTÍNEZ, Óscar; OSORNO, Diego Enrique. *Todos somos migrantes*. México: Secretaria de la Cultura de la Ciudad de México, 2014.

MORALES, Abelardo. *La diáspora de la pós-guerra: regionalismo de los migrantes y dinamicas territoriales en América Central*. Costa Rica: Flacso, 2007.

PELLEGRINO, Adela; BENGOCHEA, Julieta; KOOLHAAS, Martín. *La migración calificada desde América Latina: tendências y consecuencias*. Uruguay: Ediciones Trilce, 2013.

PERAZA, Pablo José. Sobre encuentros y reencuentros. Caravana de madres “Libertando la esperanza”. In. GARCÍA, Sandoval Carlos. *Migraciones en América Central: políticas, territórios y actores*. Costa Rica: Editorial UCR, 2016.

POSAS, Mario. *El movimiento campesino hondureño: una perspectiva general*. Tegucigalpa: Editorial Guaymurás, 1981.

ULTRERAS, Pedro. *La Bestia: la tragédia de migrantes centroamericanos em México*. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012.

OUTRAS REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BAUMAN, Zigmunt. *Estranhos à nossa porta*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. [Vol. 2].

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. Trad. Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016.
- FONTES FRANCISCANAS. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HEGEL, Georg F. W. *Fenomenologia do espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como fundamento II: pequeno tratado de ética radical*. Caxias do Sul: Educs, 2016.
- ZYGMUNT, Bauman. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. Brasília: CNBB, 2015.
- PEREIRA, Gustavo de Lima. *Democracia em desconstrução: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida*. Florianópolis: Empório do Direito, 2017.

ANEXOS

Anexo A - O caminho da "Bestia"



Fonte: Autor

Anexo B - Uma trégua no deserto



Fonte: Autor

Anexo C - O filho do homem não tinha onde reclinar a cabeça



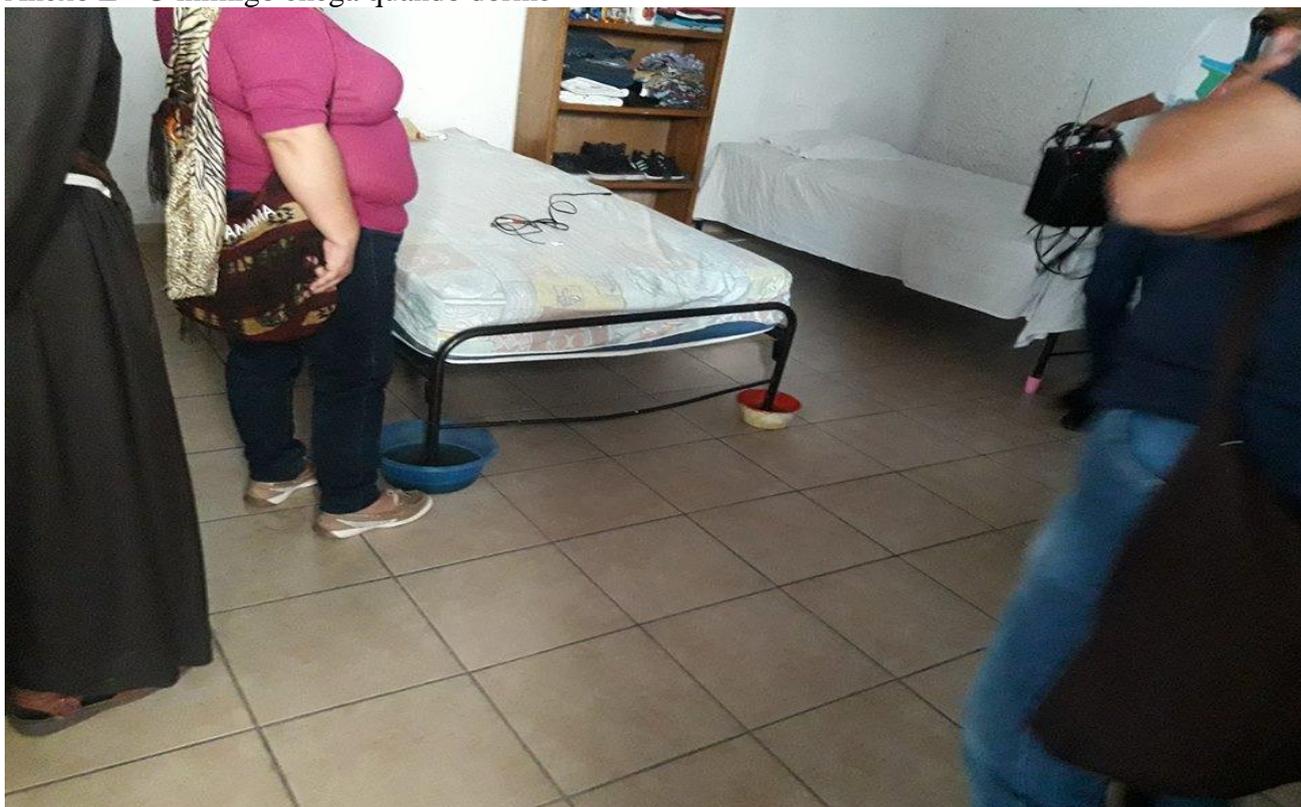
Fonte: Autor

Anexo D - A hospitalidade no caminho



Fonte: Autor

Anexo E - O inimigo chega quando dorme



Fonte: Autor

Anexo F - Um pouco de dignidade



Fonte: Autor

Anexo G - O olhar da solidariedade



Fonte: Autor

Anexo H - Um olhar de esperança



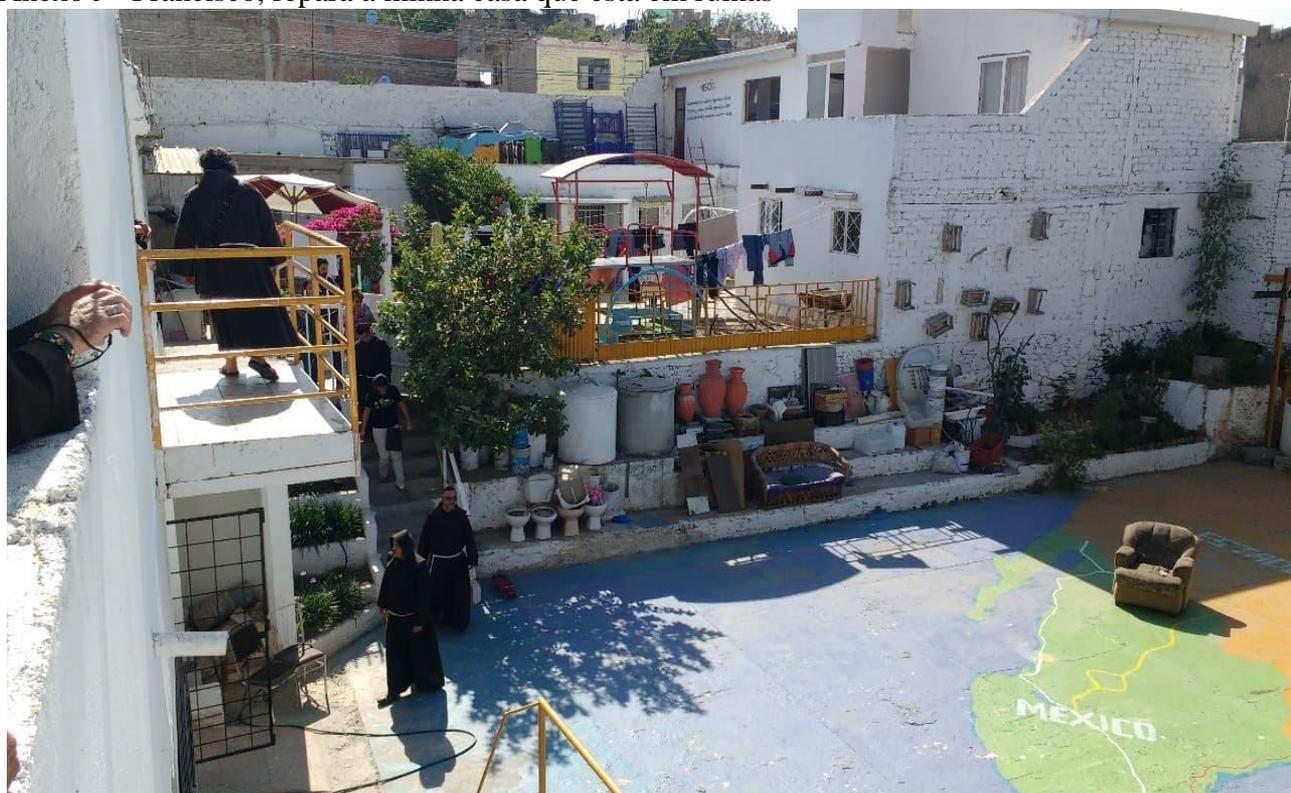
Fonte: Autor

Anexo I - Eu era estrangeiro e me recebestes em casa



Fonte: Autor

Anexo J - Francisco, repara a minha casa que está em ruínas



Fonte: Autor

Anexo L - Tive fome e me destes de comer



Fonte: Autor

Anexo M - A simplicidade de uma mansão



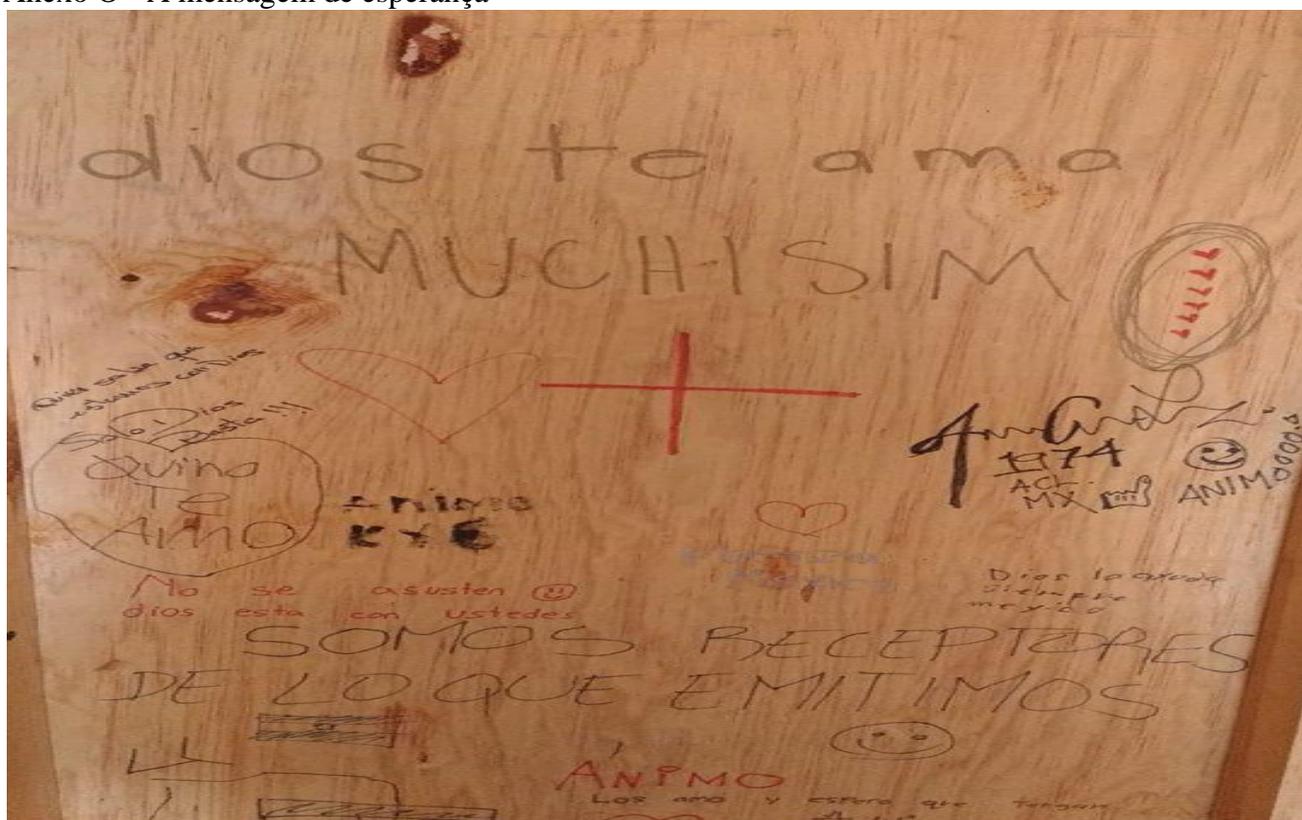
Fonte: Autor

Anexo N - O rastro do outro



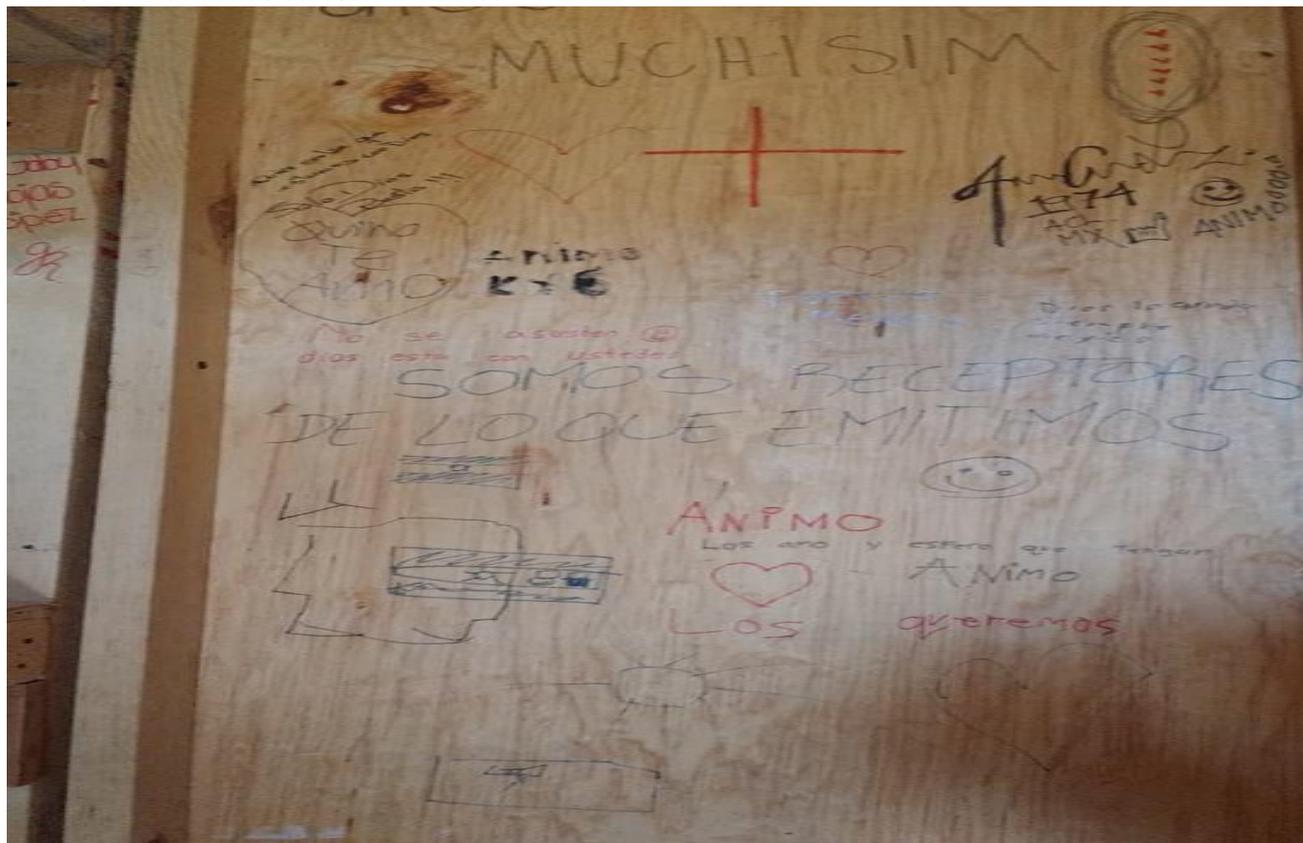
Fonte: Autor

Anexo O - A mensagem de esperança



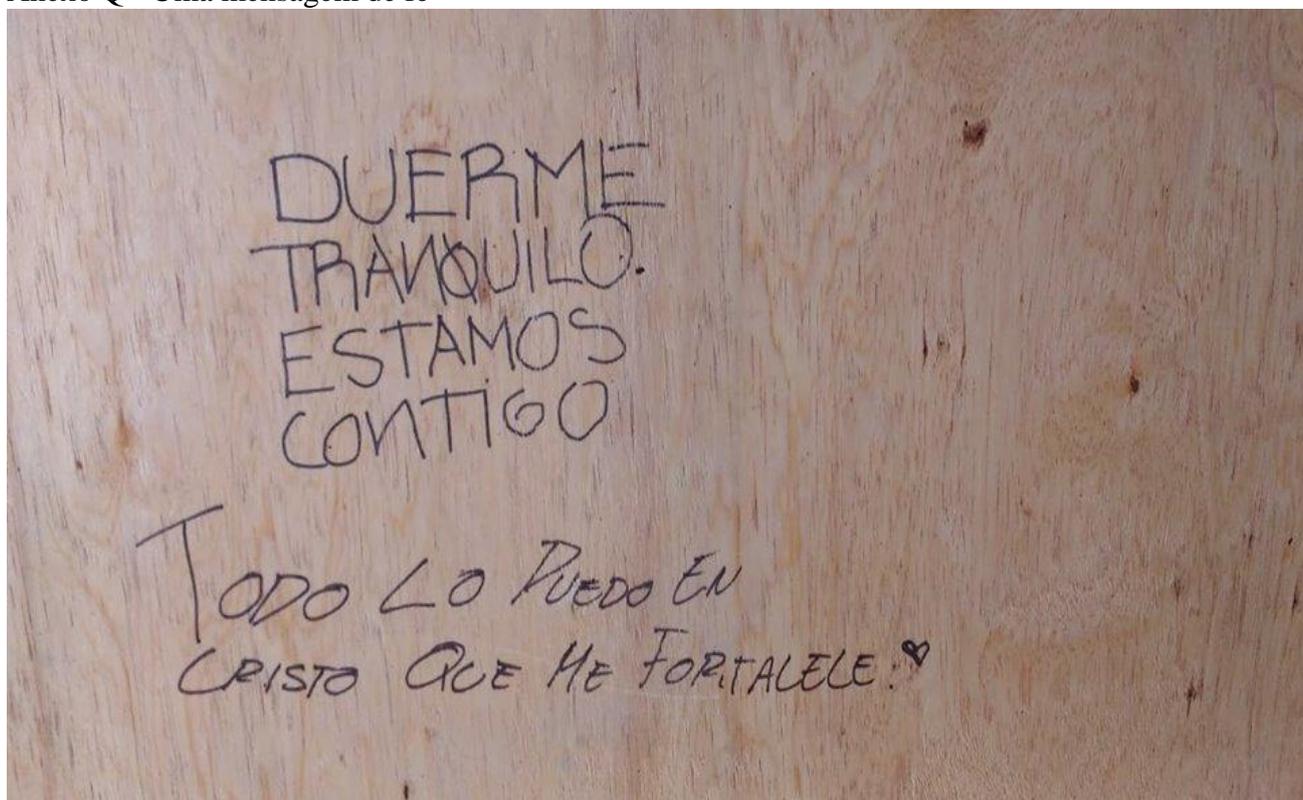
Fonte: Autor

Anexo P - Por detrás da escrita há vida



Fonte: Autor

Anexo Q - Uma mensagem de fé



Fonte: Autor

Anexo R - O estranho está em todo lugar



Fonte: Autor



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3ª. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br